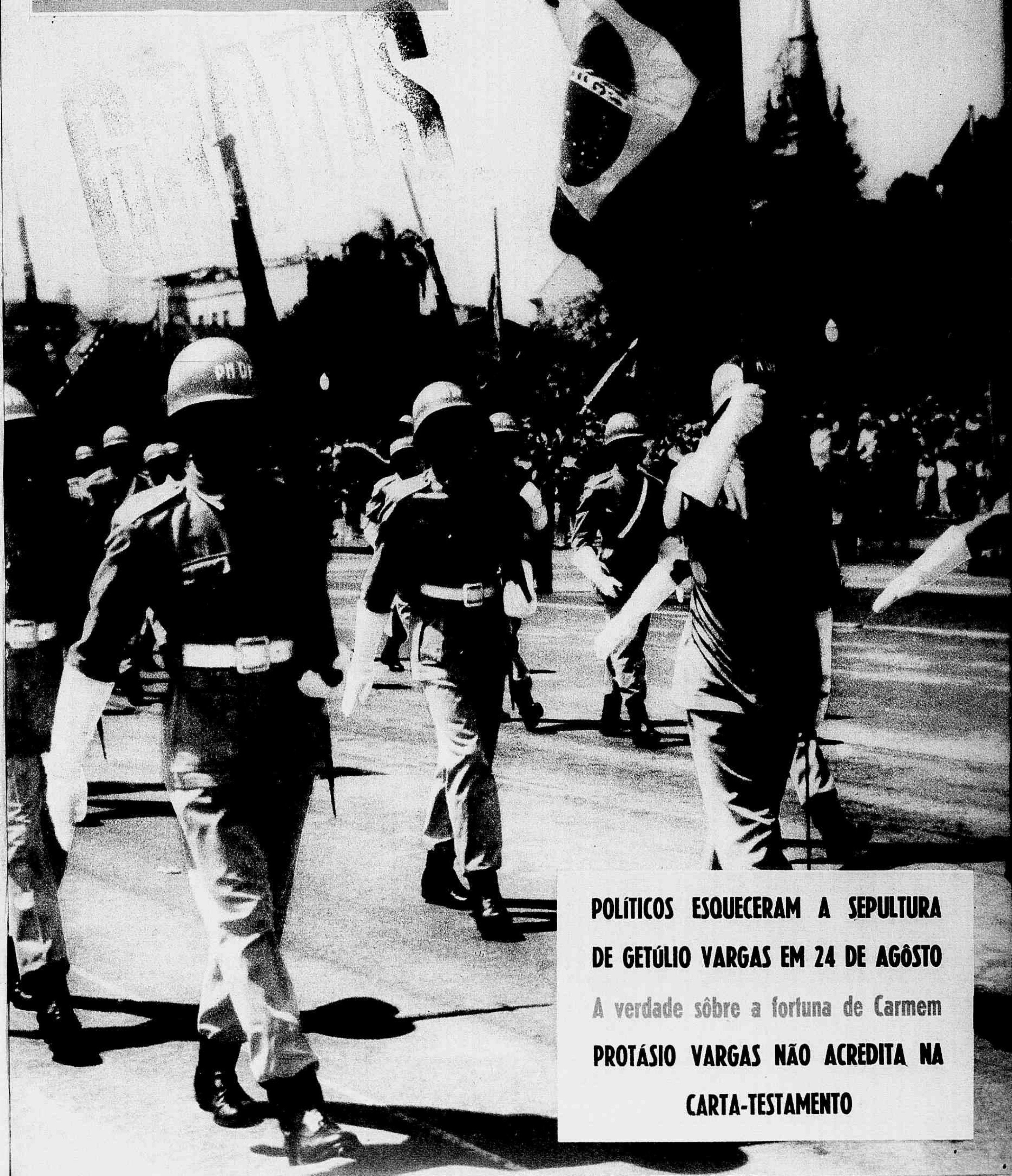


REVISTA

DA SEMANA

N. 37 10-9-55 Cr\$ 5,00 em todo o Brasil



**POLÍTICOS ESQUECERAM A SEPULTURA
DE GETÚLIO VARGAS EM 24 DE AGOSTO**
A verdade sobre a fortuna de Carmem
**PROTÁSIO VARGAS NÃO ACREDITA NA
CARTA-TESTAMENTO**

Um perfume de Myrurgia

MADERAS
DE ORIENTE



EXTRATO • LOÇÃO • PÓ DE ARROZ

• MYRURGIA •

REDATOR-CHEFE Celestino Silveira
ASSISTENTE José Roberto Teixeira Leite
PAGINAÇÃO Victor Tapajós
COLABORADORES — Adalgisa Nery, Demóstenes Varela, Hélio Abreu, Hynenny Gomes Ferreira, Petrarca Maranhão, Milton Salles, Pedro Müller, Sérgio Silveira e Vinícius Lima.
ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón Fortuna, Darel e Maria Tereza.
FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

● REPORTAGENS

Getúlio Vargas	4/7
Salão de Arte Moderna	10/13
O Ninho da Águia de Haia	14/16
Os Anjos da Guarda da Cidade	18/19
A Primeira Estação Interplanetária	24/27
A Poesia Surgiu aos Oito Anos	32/33
Cento e Dezoito Anos de Glórias	34/36
Verdade e Ficção de Uma Herança	42/43
Protásio, o Incompreendido	46/49

● SEÇÕES

Puxe pelo Cérebro	8
Champanhota	9
Literária	17
Flash Paulista	20
TV em Revista	21
Feminina	30/31
Palavras Cruzadas	37
Fortuna	38/39
Figura em Foco (Dr. Raymundo Brito)	41
Astrológica	44*
Cinema e Teatro	45
Revista há 50 Anos	49
Último Flash	50

● LITERATURA

Escola para Locutores (A. Nery)	3
Madrugada (Orígenes Lessa)	22/23
Adriana Lecouvreur (L. Lartigues)	28/29

● CAPA:

7 de Setembro
(Foto de Alberto Ferreira)

Este número consta de 52 páginas.



Desenho de MARIA TEREZA

CURSO PARA LOCUTORES

IMPOSSÍVEL negar o esforço e a boa vontade dos locutores dos comandos volantes, quando um acontecimento de larga repercussão se apresenta na ordem do dia. São incansáveis no trabalho de levar aos ouvintes, com os mínimos detalhes, o desenrolar dos fatos que servem de concentração do interesse público. Até aí, o meu sincero aplauso e admiração. O que não posso compreender é a necessidade dos locutores fazerem literatura rala diante de cenas dolorosas. Sou tomada de verdadeiro pânico ao ouvi-los. Substituem a descrição pura e simples do acontecimento com frases inconsistentes, desalinhavadas e comentários filosóficos do mais triste nível intelectual. Quando aqui chegou o corpo de Carmem Miranda, interessada em saber a reação do povo, liguei para a estação que faz habitualmente as grandes coberturas informativas. Até o momento em que os seus restos mortais chegaram à Praça Mauá e os seus numerosos fãs cantaram em surdina o «Tá!» tudo foi dito normalmente e senti uma certa emoção com aquela demonstração simples e sincera de saudade.

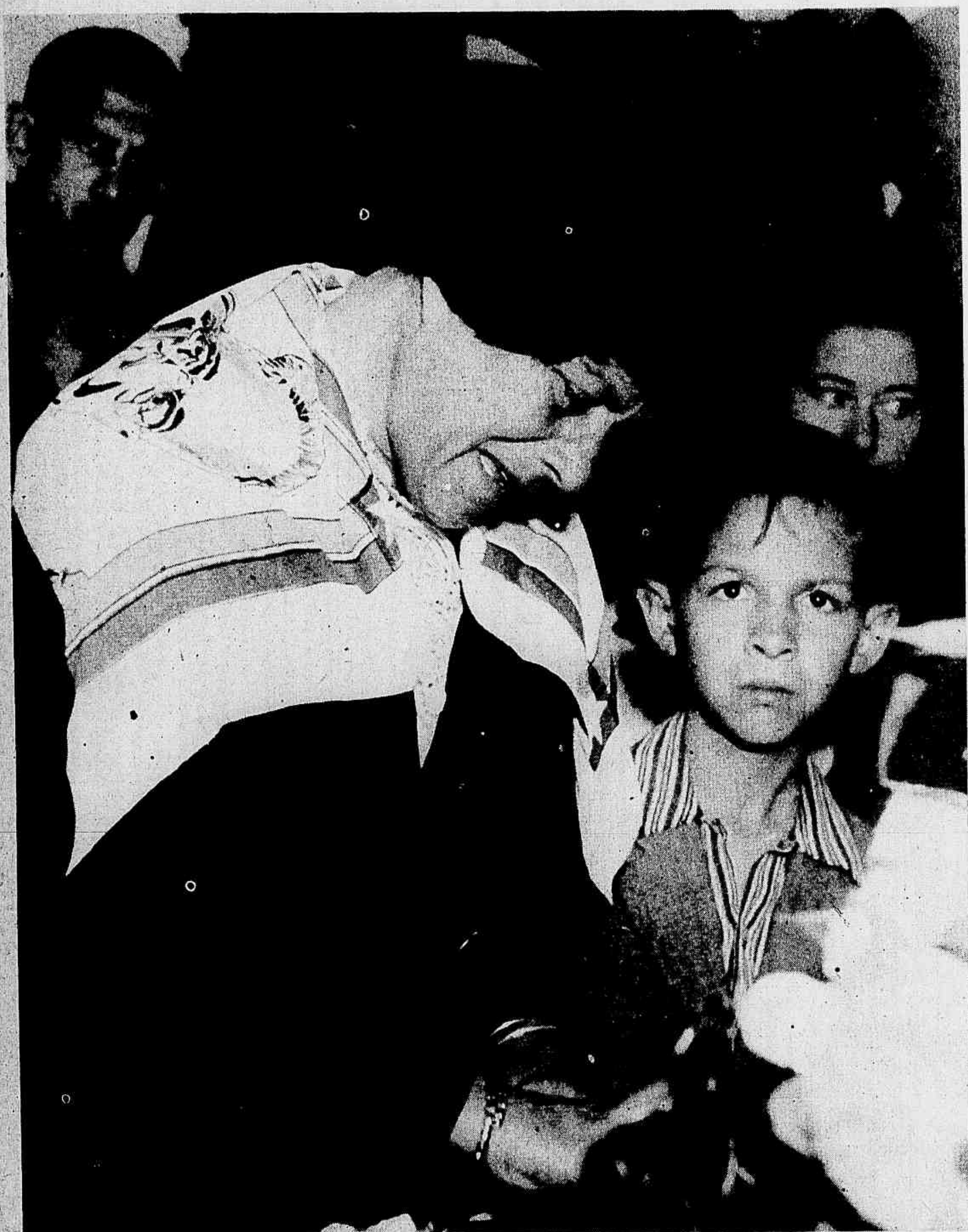
● A irradiação foi feita com sobriedade, sem frases empoladas e sem vozes trêmulas e soturnas. Mas não durou muito. Os locutores, numa maratona incrível de bobagens, em tons cavernosos, transformaram o ambiente respeitoso em ambiente de risos e divertimentos. Um locutor, desejando falar sobre a tristeza incontida do povo, saiu-se com a seguinte coisa: «Todos choram o seu ídolo. Choram como uma cascata caindo do alto das pedras, batendo na escuridão do desconhecido e espa-

lhando a torrente de lágrimas pelo corpo da terra!» Barbaridade com solenidade espetacular! Outro, mais tarde, ao chegar o cortejo fúnebre ao Cemitério de S. João Batista, depois de uma interminável onda de tolices, com voz pausada, num tom baixo, como quem vai fazer uma revelação de alta transcendência declarou: «Vai a nossa Carmem Miranda atravessando os portões do maior cemitério do mundo!» Não é possível a continuação de tais coisas!

● Seria aconselhável aos responsáveis pelas estações radiofônicas, fazerem aos seus locutores uma observação sobre a continência das suas particulares e sufocadas propensões intelectuais. Que falem com naturalidade, descrevam as cenas com simplicidade de linguagem e elas terão muito mais força e mais beleza. Creio que há tempos inauguraram um curso especial para os profissionais do microfone. Mas creio que se ainda existe não são frequentadas as suas aulas. Mas que é urgente uma providência a esse respeito, nós, os ouvintes, não divergimos sobre a matéria. O que não é possível é a continuação de coberturas radiofônicas entulhadas de pensamentos filosóficos debilitados e imagens poéticas abandonadas já pelos grêmios literários do interior do país.

ADALGISA NERY

EM S. BORJA, NO 24 DE AGÔSTO



Massa compacta compareceu ao cemitério de São Borja no dia 24 de agosto. E o povo chorou junto ao túmulo de Vargas, conforme se pode constatar pelas fotos que aqui publicamos. Logo após ser batida a chapa, choveu torrencialmente. Mas o povo não arredou o pé, durante o dia todo.

O vigário da paróquia (padre Nereu) negou-se a celebrar missa pela alma do ex-presidente — Da família, apenas Luterio foi ao cemitério — João Goulart, Brizolla e Manuel Vargas, embora estivessem em Itu, não apareceram — Em compensação, enfrentando chuvas torrenciais, vaqueiros de Itu e moradores das cidades vizinhas foram reverenciar a memória do ex-chefe da Nação, derramando lágrimas de saudade.

Reportagem de VINICIUS LIMA

(Enviado especial da «REVISTA DA SEMANA» ao sul do país — 1ª. de uma série)



OS POLÍTICOS ESQUECERAM



GETÚLIO, MAS O POVO NÃO ►

GETÚLIO VARGAS

FAZ pouco mais de um ano que do Rio de Janeiro, deixando um rastro de sangue, partiu um avião repleto de políticos, repórteres e familiares do extinto sr. Getúlio Vargas, cujos restos mortais, avaramente guardados, seguiam no mesmo avião com destino à terra natal do morto, S. Borja, onde seriam sepultados. Tudo decorreu normalmente — discursos inflamados e juras de vingança, além da clássica promessa de uma lembrança eterna. Era o resultado do 24 de agosto de 1954, quando, num ato que não cabe aqui julgar, o sr. Getúlio Vargas varou o coração com uma bala. Tudo estava acabado... e o país voltava à normalidade com a investidura do sr. João Café Filho, à suprema magistratura da Nação.

Enquanto isso, ainda no bojo do avião, ao lado do corpo inerte do Presidente, políticos buscavam uma forma de como apresentar ao povo uma carta-testamento que o sr. Getúlio teria deixado, e na qual lamentava não ter feito o que pretendia pelo seu povo.

E Getúlio ficou em São Borja, voltando os acompanhantes para o Rio de Janeiro, com milhares de cópias da carta que na opinião dos políticos de alguns partidos, deveria ser o breviário dos brasileiros. Lá se foi um ano, e a dura verdade é que, ao contrário do que se esperava, apenas o povo compareceu à São Borja, e chorou sobre a sepultura de Vargas. Dos filhos, apenas Lutero compareceu. João Goulart e Maneco Vargas, embora se encontrassem na fazenda Itu, bem perto dali, não apareceram. Juscelino estava em Uruguaiana, e também não foi; Brizolla chegou a comprar passagem, mas na última hora resolveu ficar na fazenda de Jango. Porém, lá estavam os peões da fazenda Itu, à cavalo, para reverenciar o chefe morto. Apenas os vaqueiros de Vargas? Não. Muita gente humilde foi de municípios vizinhos, apesar das chuvas torrenciais que estavam caindo na região. Muita gente pobre, muita gente do povo. Isso porque os políticos que levaram o cadáver de Getúlio, achavam-se em Porto Alegre, inaugurando uma luxuosa placa de bronze, em cuja face superior está o texto da carta-testamento, o que nos leva a crer que de Vargas, os políticos somente não esqueceram a carta.

● **O PADRE NEGOU-SE A CELEBRAR MISSA** — É preciso fazer justiça a um homem que, dentre os amigos de Vargas, foi o único que verdadeiramente viajou com antecedência até São Borja, cuidando inclusive dos preparativos das homenagens que ele julgava seriam prestadas ao morto. Trata-se do deputado Olinto Aramis Silva, que esperava inúmeros aviões especiais, repletos de gente, e que, por isso mesmo, providenciou a missa por alma do extinto, missa que o vigário de São Borja, padre Nereu, negou-se a rezar, alegando que o sr. Getúlio havia se suicidado. Tendo recorrido ao bispo da diocese de Uruguaiana, nada conseguiu, e Getúlio, além de ter ficado sem os amigos, ficou também sem os ofícios religiosos de praxe.

● **O POVO CHOROU NA SEPULTURA** — «REVISTA DA SEMANA» foi a única publicação do Rio a comparecer ao 24 de agosto em São Borja, observando o que foi dito acima, e também que de fato Getúlio não foi esquecido pelos gaúchos. Eles cobriram de flores a sua modesta sepultura, sobre a qual foi colocada uma simples inscrição (em flandres), iniciativa dos peões da fazenda Itu. No mais, apenas Lutero Vargas apareceu e fez um pequeno discurso, afirmando que seu pai sabia o que o aguardava, mas que amava o seu povo e que por isso mesmo preferiu o sacrifício supremo. Outros oradores fizeram uso da palavra, enaltecendo a figura do morto, e lamentando a ausência dos falsos amigos.

Foi tudo o que vimos durante o 24 de agosto na cidade de São Borja, bem perto de Itu, outrora a meca dos políticos, quando Getúlio ainda era vivo. A meca dos políticos agora, ao que parece, é o espantilho dos mesmos.

O jazigo da família Vargas. Ao alto, a figura do velho Manuel Vargas, e sob a mesma, um diminuto mapa do Brasil com o busto de Getúlio, esculpido em metal ordinário. Ao que informaram ao repórter desta revista, a modesta homenagem foi prestada pelos peões da fazenda Itu.



O primo-irmão de Getúlio, sr. Periaelo Mota, cuja esposa morreu ao tomar conhecimento do suicídio de Vargas. Muito triste, no cemitério, o sr. Mota deixou-se fotografar junto a Lutero, ao lado do qual estava em toda parte. As duas moças são sobrinhas do ex-presidente Vargas.



Discursos foram feitos à beira do túmulo. Esse cavalheiro, falando pelo P.T.B. local, disse que Getúlio foi e será o maior de todos os tempos.



Lutero chora junto ao jazigo do pai. Arrependimento? Quem sabe? O fato é que ele foi uma grande dor de cabeça para seu velho pai.



Os vaqueiros de Itu não esqueceram Getúlio. E não obstante o mau tempo, lá estavam, tristes, homenageando o ex-patrão que tanto estimavam.



Ivan, o irmão de João Goulart, que dirige o PTB em São Borja, ao lado de amigos. Apesar de bem mais velho, note-se-lhe a semelhança com Jango.

Casada ou Solteira

Quando levar uma queda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação destes importantes órgãos útero-ovarianos use *Regulador Gesteira*.

Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas

Use *Regulador Gesteira*

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, peso e dormência nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador Gesteira*

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr\$ 176.495.975,70

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-9966

End. Telegr. «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGENCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 1355 — AGENCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9 — AGENCIA S. CRISTÓVÃO: Rua S. Luiz Gonzaga, 173 — AGENCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367 — AGENCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7 — AGENCIA COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGENCIA MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.

AGENCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO:
Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



Puxe pelo cérebro

(NOSSA COLUNA DE TESTES)

- 1) Em que ano o Brasil adotou o selo postal?
 - 1840?
 - 1853?
 - 1841?
- 2) O grande poeta alemão Hoelderlin morreu:
 - louco?
 - do coração?
 - num naufrágio?
- 3) Qual foi o primeiro filme de Carmem Miranda?
 - «Copacabana»?
 - «Doll Face»?
 - «Down Argentina Away»?
- 4) O Labirinto ficava em Minos, na ilha de:
 - Creta?
 - Rodia?
 - Cândia?
- 5) «Manhã de junho ardente; uma encosta escavada»... — Assim começa um poema de Guerra Junqueiro:
 - A Caridade e a Justiça?
 - O Melro?
 - A Lágrima?
- 6) A Semana de Arte Moderna teve lugar em:
 - 1922?
 - 1818?
 - 1925?
- 7) O sobrenome de Nero, um dos Doze Césares, era:
 - Enobarbo?
 - Germânico?
 - Júlio?
- 8) Gibraltar tem esse nome em homenagem a:
 - Um conquistador árabe?
 - Um pirata bérbere?
 - Um navegador francês?
- 9) Quantas letras tem o alfabeto árabe?
 - 28?
 - 26?
 - 43?
- 10) Escreveu «Caves du Vatican»:
 - André Gide?
 - André Lhote?
 - André Chénier?
- 11) A tela «O rapto das Sabinas» é de:
 - Rubens?
 - Van Dyck?
 - Jordaens?
- 12) 1500 era como denominavam ao compositor francês:
 - Cesar Franck?
 - Saint-Saëns?
 - Hector Berlioz?
- 13) O Museu Goeldi fica:
 - No Pará?
 - Na Suíça?
 - No Maranhão?
- 14) «Sinfonia Escocesa», eis como é conhecida uma das melhores obras:
 - de Brahms?
 - de Haendel?
 - de Mendelssohn?
- 15) O pintor Pedro Américo nasceu:
 - no Piauí?
 - Em Pernambuco?
 - na Paraíba?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

De Mendelssohn: 15) Paraíba. 1) 1841; 2) louco; 3) «Down Argentina Away»; 4) Creta; 5) A Lágrima; 6) 1922; 7) Enobarbo; 8) Um conquistador árabe; 9) 28; 10) André Gide; 11) Rubens; 12) Camille Saint-Saëns; 13) No Pará; 14)

VÁRIOS AMERICANOS NO RIO DE JANEIRO — O MÊS DE SETEMBRO PROMETE SER MUITO MOVIMENTADO

● Estiveram no Rio, inaugurando uma nova linha que ligará Nova York ao Rio de Janeiro, um grupo de destacados jornalistas norte-americanos, acompanhando outros tantos artistas de Hollywood. Até aí, nada de novo.

Sendo os profissionais de imprensa autores das colunas mais lidas dos Estados Unidos, era natural que todos estivessem curiosos em saber o que eles haviam escrito. Desta forma, escrevemos a um amigo nosso, residente naquele país, que nos fez a gentileza de remeter a tradução de um trecho da coluna de Cholly Knickerbocker que é o maior colunista do gênero «mexerico» e que passamos a transcrever: — «No Rio, as coisas são melhores. Os dois mais elegantes clubes noturnos são «Sacha's» e «Vogue» e nenhum deles é maior que um cantinho do El Maroco ou Stork Club, mas, assim mesmo, eles têm cada noite mais brasileiros do que poderíamos imaginar que coubessem. O «Café Society» no Rio é rico e alegre e nós chegamos à conclusão que se eles fizessem um torneio com o de Nova York, Londres ou Paris, para ver qual agüentaria ficar até mais alta madrugada, no menor espaço e com gente empacotada como sardinhas, dançando a noite toda e recomeçar tudo na seguinte, o Rio iria ganhar.

O advento do «café society» que hoje em dia é um conjunto tão grande, tão poderoso como a «velha guarda» da sociedade, chamados grã-finos na linguagem local, deu causa às colunas da sociedade no Rio. Todos os jornais hoje

em dia têm a sua coluna social que são lidas, não somente pela sociedade, como pelo povo.

Elas somente refletem o lado bonito da cidade e, lendo-se, a gente tem a impressão de que é só uma cidade, onde a pequena porém poderosa e extremamente rica sociedade, livre de impostos, diverte-se em grande estilo. Como nós, já escrevemos antes, vimos algumas maravilhosas casas e mulheres que nos impressionaram não só pela beleza como pela elegância refinada. No baile do «Jockey Club» que foi no Copacabana Palace Hotel, tinha mais de duas mil pessoas, mais do que uma dessas grandes festas de caridade, no «Waldorf Astoria» de Nova York. Bem, se nós tivéssemos que fazer uma comparação entre o pessoal presente, levada em conta a proporção, teríamos de dizer que havia mais mulheres mais bem vestidas no Copacabana, que no «Waldorf».

Entre as mais elegantes das mais elegantes nós notamos a sra. Walter Moreira Salles, jovem, morena e bonita esposa de um dos mais proeminentes banqueiros brasileiros e ex-embaixador em Washington e a senhora Jorge Guinle, uma bela norte-americana, muito conhecida em Nova York e que já figurou na lista das mulheres mais elegantes do mundo.

Se considerarmos que esta coluna é reproduzida em quase cem jornais e lida por milhares de leitores, é fácil ver a grande publicidade que isto representa. Um formidável trabalho esse dos srs. Jorge Guinle, ministro Hugo Gauthier e Berta.

Notícias diversas

Enquanto escrevo estas notas, todos os acontecimentos são futuros. Quando este número estiver nas suas mãos, muitos serão passados.

No dia 28, o «Country Club» dará mais

um dos seus jantares-dançantes, com a animação da orquestra de Bené Nunes.

No dia 29, o jornalista Carlos Lacerda verá sua peça ser levada à cena, em bene-



Na Tribuna de Honra, assistindo às corridas em homenagem à Prefeitura Municipal, vemos os srs. Alim Pedro, Mário Azevedo Ribeiro, ministro Luís Gallotti e Salomão Filho. À direita: Araruama vestirá casaca.



FIGURA DA SEMANA



MARQUESA LONGO E VINCHIATURIO

● Há alguns meses atrás, estiveram no Rio, procedentes de Lima, Peru, onde moram atualmente, os Marqueses Longo e Vinchiaturio. Um casal simpático. Ficaram hospedados na residência do sr. e sra. Waldemir Salem, irmã daquela que nasceu Negra Bernardes. É dela que pretendemos falar. Trata-se da mãe do diplomata Lauro Muller Neto e do cronista Jacinto de Thormes. Nasceu no Uruguai. Filha do Ministro Manuel Bernardes, servindo no Brasil, criou-se brasileira.

E, por todos os lugares que andou experimentou sempre um formidável sucesso social, resultado de seu espírito alegre e simples e do seu extraordinário «charme». Residiu nos Estados Unidos e, tendo morado na Europa, foi obrigada a voltar ao Brasil, pois ela e seu pai, o Ministro Bernardes, faziam questão que as crianças (Maneco e Lauro) tivessem uma educação brasileira. No Rio, colaborou na revista «Bazar», escrevendo série de crônicas sobre seus filhos. Mais tarde, veio a escrever numa grande revista argentina, que publicava seus trabalhos com destaque, acompanhados de ilustrações.

Mas, muitas das pessoas que foram cumprimentá-la, quando da sua estada aqui, desconhecem que aquele ânimo e aquele encanto que a gente percebe imediatamente existem mesmo debaixo do mais cerrado bombardeio. Foi o que sucedeu na ilha de Rhodes, onde ela fez justiça à «Cruz de Guerra», ganha em campo de batalha na Itália, com citação que honraria «omini e donne». Esta é a «Figura da Semana» que temos o prazer de apresentar.

ficto da Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação.

No dia 30, a Sociedade Hípica Brasileira que tem os jantares mais concorridos das terças-feiras, apresentará a cantora Ester de Abreu.

No dia 31, no cine Metro, em favor da Fundação da Universidade Internacional de Música da Juventude Musical Brasileira, teremos a «avant-première» de gala de «Melodia Interrompida».

Um dos acontecimentos mais importantes da semana foi a sessão de cinema programada pelo sr. Harry Stone e que foi precedida por um jantar, oferecido pelo sr. e sra. Howard White ao sr. e sra. Jorge Guinle que tanto têm feito pelo turismo deste país, promovendo e hospedando grandes personalidades que nos visitam.

Estiveram presentes à apresentação de «Sabrina», entre outros, os casais Barão de Saavedra, Miguel Faria, Adolpho Cláudio Graça Couto, João Henrique Vieira, João Vitor de Alencastro Guimarães, Aloísio Muniz Freire, Bob Winnans, Hélio Cipriano, Eduardo Duviolier, Paulo Sampaio e Alvaro Catão.

IV SALÃO DE ARTE MODERNA

MÚSICOS (Alexandre Rapoport)

FIGURATIVOS E ABSTRATOS NOVAMENTE EM DISPUTA ★ PRIMITIVOS, IMPRESSIONISTAS, REALISTAS, EXPRESSIONISTAS, ATÉ ACADÊMICOS, JUNTAMENTE COM ABSTRACIONISTAS E CONCRETISTAS, DISPUTANDO OS PRÊMIOS POPULDOS DO SALÃO MODERNO ★ DOIS INCIDENTES PARA VARIAR ★ A OPINIÃO DOS ARTISTAS

Reportagem de JOSÉ ROBERTO

Fotos de ALBERTO FERREIRA

QUATROCENTAS e sessenta e quatro obras (um projeto arquitetônico, vinte e seis esculturas, duzentas e cinquenta pinturas, cento e quarenta e seis desenhos e gravuras e quarenta e uma peças de arte decorativa), pertencentes a quase centena e meia de artistas (figurativos e abstratos) constituíram o IV Salão Nacional de Arte Moderna, realizado no primeiro andar, especialmente remodelado para a ocasião, do Ministério da Educação e Cultura. Dois Prêmios de Viagem ao Estrangeiro (um para Pintura, outro para Escultura, Desenho ou Gravura), prêmios de viagem ao país, aquisições e certificados de isenção foram conferidos pelo Júri, composto do crítico Antônio Bento, do pintor Firmino Saldanha e do escultor Honório Peçanha.

● **O QUE É O SALÃO** — O Salão Nacional de Arte Moderna é recente: até poucos anos atrás, os modernos não constituíam senão uma Divisão no recinto do Salão Nacional de Belas Ar-

tes, de permeio com os acadêmicos. Os inconvenientes de tal sistema podem facilmente ser avaliados, mormente no que se refere à premiação. Em 1952, a Divisão Moderna separou-se do Salão Acadêmico, passando a constituir o Salão Nacional de Arte Moderna, que desde então vem sendo, após a Bienal Paulista, o maior acontecimento das Artes no Brasil.

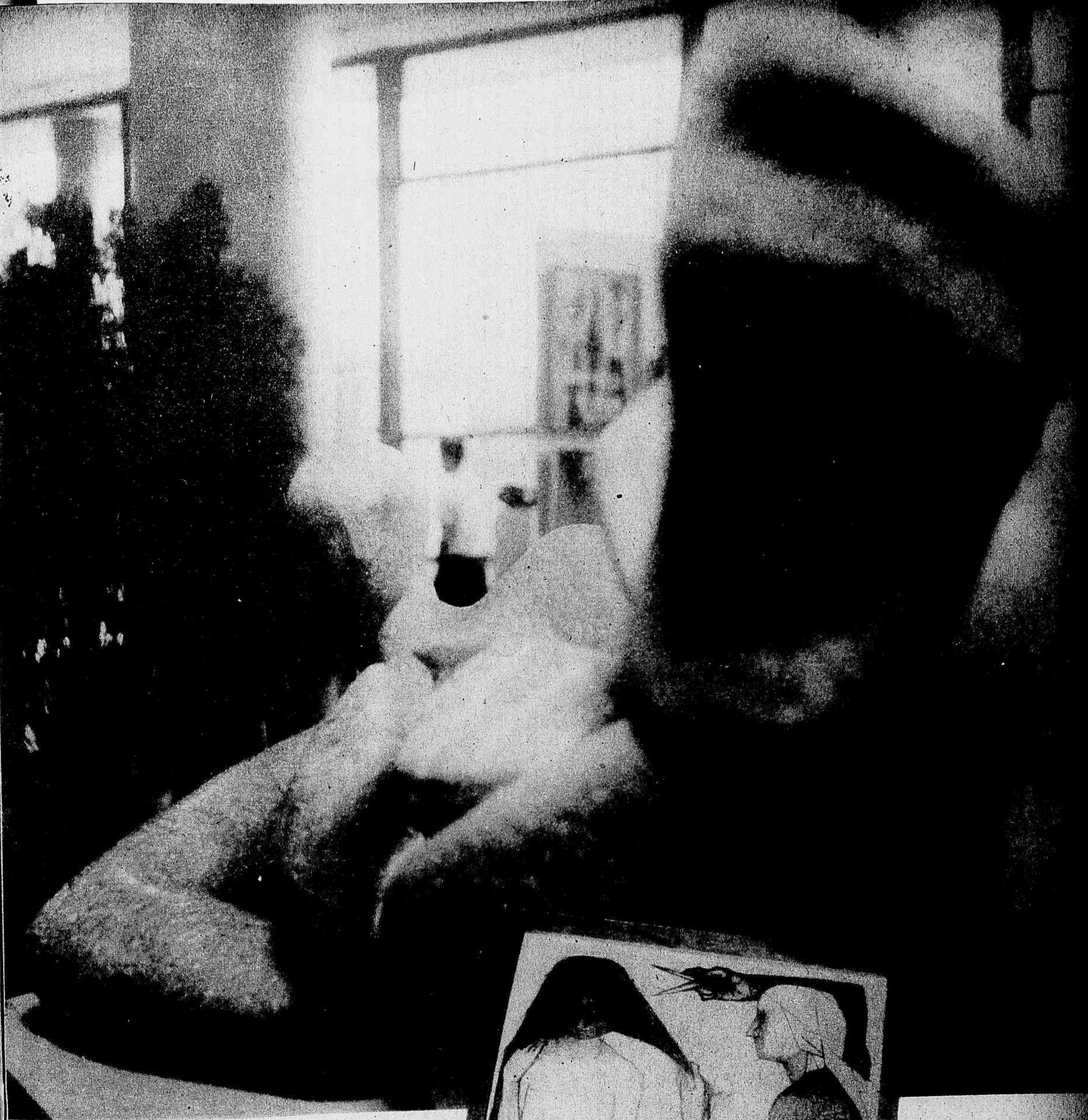
Se o primeiro e o segundo tratam ainda a inexperiência e o imprevisto; se o terceiro não passou de um protesto veemente e ineficaz contra a indiferença do Governo pelos problemas artísticos, o atual Salão pode bem ser considerado o melhor e o mais bem organizado de todos.

● **A ESCULTURA** — Apenas vinte e seis obras foram apresentadas. Dessas, ao que nos foi dado constatar, «Girafa» e «Mulher e Pássaro», de Sônia Ebling, «Maldição», de Renato Miguez, «Crepúsculo», de Honório Peçanha, e «O Vento», de Sérgio Camargo, mais atenção desper-

taram de parte dos visitantes. Se porém observarmos que na Segunda Bienal o italiano Marini compareceu com um trabalho bastante semelhante à «Girafa»; se notarmos a parecnça do «Crepúsculo» com a figura pintada pelo Douanier Rousseau em uma de suas obras mais conhecidas — a «Encantadora de Serpentes» — e se afinal repararmos no tema evidentemente cansado de que se valeu Renato Miguez, veremos que o «Vento», de Sérgio Camargo, e «Mulher e Pássaro», de Sônia Ebling — as quais acrescentaríamos a bela «Cabeça de Animal» de Zimmermann — são as peças que, a nosso ver, dominam esse capítulo do Salão.

● **A PINTURA** — De bem maior complexidade é o terreno da Pintura, em que nada menos de duzentos e cinquenta trabalhos (de primitivos, realistas, impressionistas, até acadêmicos, abstratos e concretistas) foram selecionados.

Djanira, por exemplo, apresenta três trabalhos a nosso entender fracos, que em nada po-



**MULHER E PASSA-
RO (Sônia Ebling)**

dem aumentar sua nomeada. Também Sílvia não nos convence, plásticamente, muito embora não haja como negar o sôpro de ingênua poesia que perpassa constantemente por suas obras.

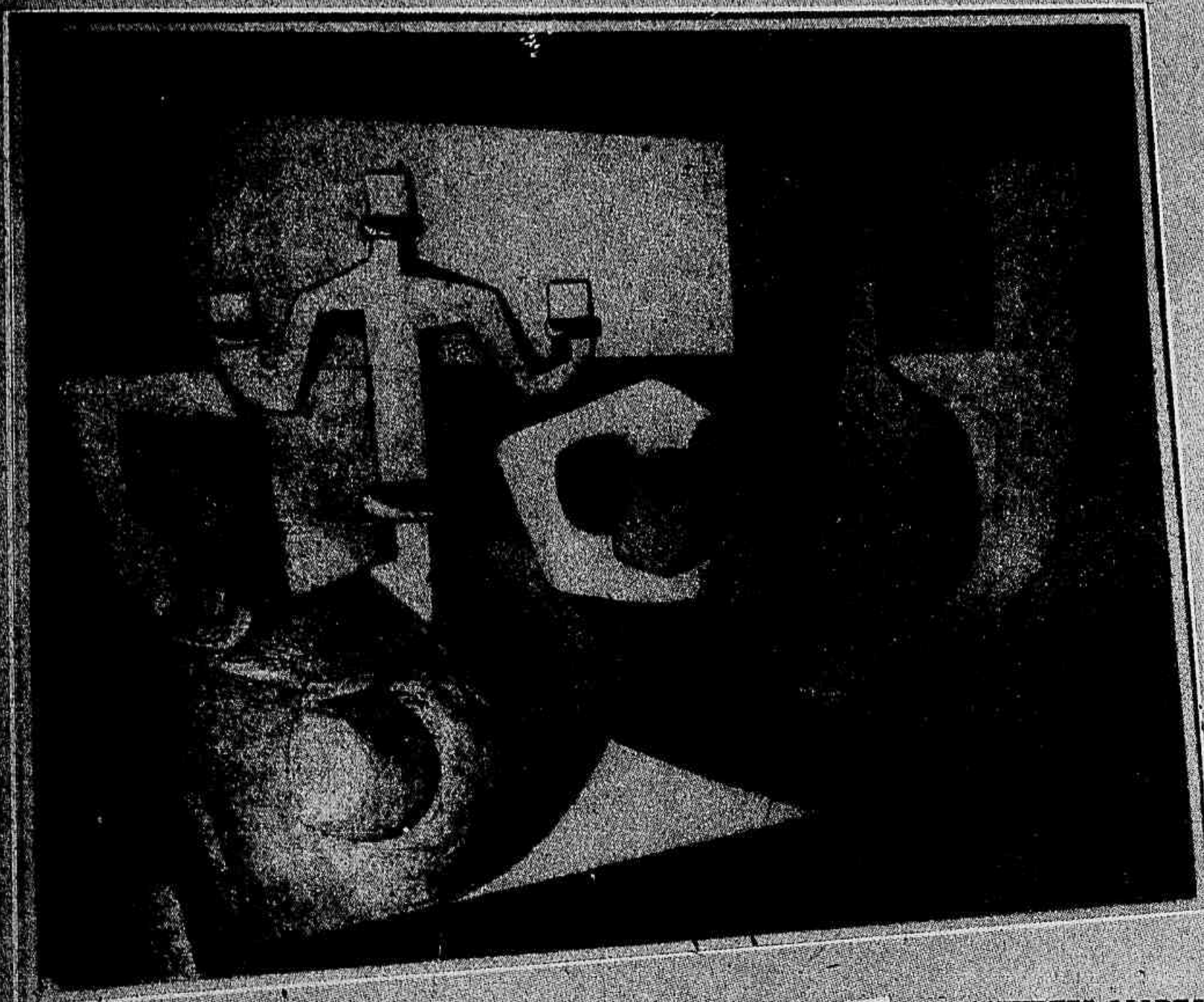
O que dizer de Glauco Rodrigues? Esse rapaz ainda moço, indubitavelmente talentoso, enviou para o Salão dois trabalhos evidentemente deslocados da atmosfera de atualidade que nêle se respira. Tal procedimento não nos parece correto, de vez que também existe um Salão Acadêmico, onde o citado senhor sentir-se-ia certamente mais à vontade.

Caso interessante é o dos **modernos de última hora**, de que exemplo frisante é Manuel Santiago. O **modernismo** do estimado pintor acaba de atingir — suprema audácia — o último decênio do século passado. As côres são frouxas, e como requinte supremo o artista utiliz-



**DESENHO (Anísio
Medeiros)**

SALÃO DE ARTE MODERNA



NATUREZA MORTA
(Ramiro Martins)

freqüentemente um estratagema, que é, a seu ver, o único recurso de que dispõe a Pintura atual: a divisão da tela em quadrados de matizes variados, que lhe emprestam uma engraçada aparência de tabuleiro de xadrez. Aliás, também Bustamente Sá aprecia o expediente.

Malagoli e seu discípulo Romani nada contam de novo. Takaoka está fraquinho. Rapoport continua a acender uma vela a Deus e outra ao diabo, apresentando lado a lado um trabalho abstrato e dois figurativos. Não admitimos essa indecisão, que num artista apenas revela imaturidade. Como Rapoport, existem outros, no Salão, que não desejam tomar um partido por nenhum dos grandes ramos em que hoje se divide a arte — o abstrato, e o figurativo.

Carlos Bastos (um dos vencedores do «Cristo de Cór») tem um trabalho no Salão: «Vasos», motivo praticamente esgotado, com uma composição titubeante e cômica inexpressiva. Frank Schaeffer está bem. Mas que diremos de Olga Mary, Hilde Campoliorito e outros evocativos de Paris, Madri e demais capitais européias? Têm os pés no Brasil, mas a cabeça e o coração estão lá longe, além Atlântico. E pintam furiosamente «brasseries» e «coiffeurs», «Gran Vias» e «Places du Thetre». Isso já passou, palavra de honra.

Tomem nota de João Quaglia. Compareceu com dois trabalhos, entre os quais a poderosa cabeça do «Pataqueiro». Que nome terrível! Mas que composição harmoniosa, que fusão sutil das cores com o motivo! Tudo, nessa obra, aponta-a como das mais interessantes do IV Salão. O ponto alto dos figurativos é contudo Ramiro Martins, cujas três «Naturezas Mortas» guardam entre si tal unidade, que nelas já podemos entrever a personalidade real de um artista que a passos largos caminha para a maturidade. Isso



MESA REDONDA
(Darel)



HOMEM
(Aldemir Martins)

a despeito de lhe notarmos uma certa frieza, que reflete principalmente nas cores.

Entre os abstratos, o melhor é certamente Firmino Saldanha, com suas belíssimas «Composições». Cores e formas são manejadas com indiscutível autoridade e bom gosto. Apreciamos a «Natureza Morta» do japonês Mabe, e a «Composição» do inglês Ibberson. Também Ormezzano não está mal com o seu «Cais do Porto», embora o «Ritmo em Azul» não nos tenha agradado. Não participamos dos «Jogos e Enigmas» de Maria Leontina. E os círculos «Estático-Dinâmicos» de Ubi Bava nos deixaram estáticos.

Não finalizaremos a análise das pinturas sem fazer menção à bela «Collage» de Ivan Serpa, e às obras de Judith Lauand.

● **O DESENHO E AS ARTES GRAFICAS** — E talvez esse setor o que melhor se apresentou no IV Salão. Apesar do não comparecimento dos grandes (o que de resto vem sendo cada vez mais usual, não só no campo em questão, como em todos os demais), e de certa repetição nos temas (quantos urubus, bois e animais já cansados!), a qualidade da gravura e do desenho é superior à da pintura, e muito superior à da escultura.

Darel mostra-nos três bons trabalhos, em que sobressai a «Mesa Redonda» — dentro da qual foi conseguido um senso de profundidade dificilmente igualável. Aldemir Martins apresentou temas bastante típicos de sua maneira, entre os quais um cangaceiro, a que denominou «Homem».

Muito belo é o contingente de Anísio Medeiros, o «Gato», o «Tríptico» e o «Desenho». O «Tríptico» permitiu que o inteligente artista, sem quebrar o Regulamento do Salão, concorresse em verdade com cinco trabalhos, e não três, como está estipulado. Não vai nisso nenhuma censura, aliás. A beleza do traço, sua nitidez, a limpeza da execução, a poesia do motivo, fazem desse trabalho um dos pontos altos do Salão. Sem embargo, notamos-lhe certo virtuosismo, que facilmente poderá testemunhar uma falta de emoção, pura e simples.

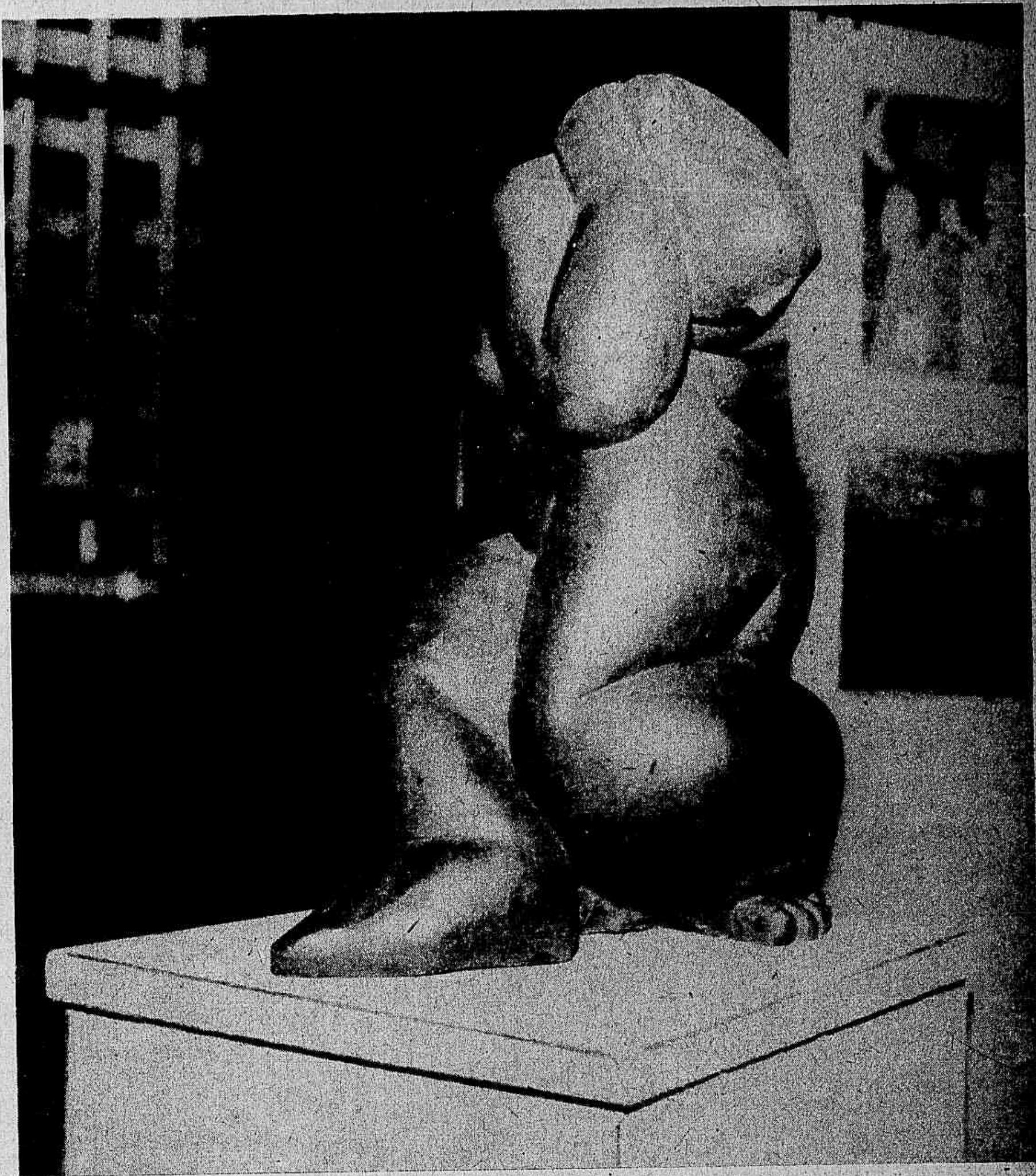
Vera Tormenta, muito bem. O mesmo com Renina Katz muito embora lhe surpreendamos — no «Enforcado» por exemplo — certa impregnação literária desaconselhável. Lívio Abramo lá está, com «Festa», bela composição. Não gostamos de Misabel, nem de Levy Menezes.

O desenho de Pedroso D'Horta é de uma beleza extraordinária. Bons a gravura de Ahmés de Paula Machado e o trabalho de Abelardo Zaluar.

● **AS ARTES DECORATIVAS** — Este ano foi pequeno o comparecimento dos artistas neste setor. Destacamos o «Vaso-mulher» de Sorensen, a tapeçaria de Hilda Compofiorito e as encadernações de Simone.

● **DOIS INCIDENTES** — Dois incidentes marcaram o Salão. O primeiro ocasionado pelo **prima-donismo** de Dacosta, que não se conformou com a colocação de suas telas num local que reputou incompatível com a sua proeminência atual. Assim, retirou-se com as ditas debaixo do braço, ante o pasmo geral. Já foi devidamente censurado pela Comissão Nacional de Belas Artes.

O segundo incidente foi mais sério. Teve como protagonista Anísio Medeiros e um dos jurados, Firmino Saldanha. Esse, em conversa



O VENTO (Sérgio Camargo)

com um amigo, declarou-se contrário aos trabalhos de Anísio. Sabedor do fato, o artista solicitou imediatamente permissão para retirar seus desenhos do salão, alegando que um júri possuía como membro alguém que tão frivolamente expandia suas opiniões, como se fôra um visitante qualquer, não mais poderia ter a inte-

gridade indispensável para o julgamento de um concurso tão importante, onde verdadeiras fortunas são distribuídas como prêmio. Reunida a Comissão para julgar o «affaire», sob a presidência de Rodrigo Melo Franco de Andrade, terminou tudo em paz, Anísio permanecendo no Salão, e Firmino, como membro do júri.

O QUE ELES DIZEM DO SALÃO

Com o intuito de averiguarmos como foi encarado o IV Salão Nacional de Arte Moderna, efetuamos rápida «enquete» entre alguns artistas. Duas perguntas apenas foram formuladas:

1 — Que acha, de modo geral, do Salão?

2 — Que nomes (ou obras) a destacar, no campo da escultura? da pintura? do desenho e artes gráficas?

Eis as respostas recebidas:

● **DAREL** (gravador)

1 — O mais bem organizado.

2 a) Nada que merecesse a atenção.

2 b) Acho que a pintura brasileira está irremediavelmente européia. Precisamos ter cuidado com a gravura...

2 c) Meus trabalhos, é claro...

● **SÉRGIO CAMARGO** (escultor)

1 — Superior aos anteriores. As falhas existentes são devidas não aos organi-

zadores, mas à falta de maiores verbas.

2 a) Os concorrentes aos prêmios estão bem nos diversos setores. Em escultura, destacaria Weismann e De Figueiredo, com o «Retrato».

2 b) Em pintura, Djanira tem melhorado. Maria Leontina, Ivan Serpa, Aluisio Magalhães, Ana Letycia, etc.

2 c) Poty, Pedroso d'Horta, Renina Katz, Vera Tormenta dividem minhas predileções.

● **ALDEMIR MARTINS** (gravador)

1 — O nível está bom, mas há excesso de trabalhos. Também a arrumação (muito misturada) não satisfaz.

2 a) A escultura é o ramo mais frágil da arte no Brasil. Destaco Sérgio Camargo. Não falo de Sônia Ebling, pois é minha concorrente ao prêmio, e sou suspeito.

2 b) Pintura fraquíssima. Os meninos estão desaprendendo a pintar. E sem nenhum cuidado artesanal. Em todo caso,

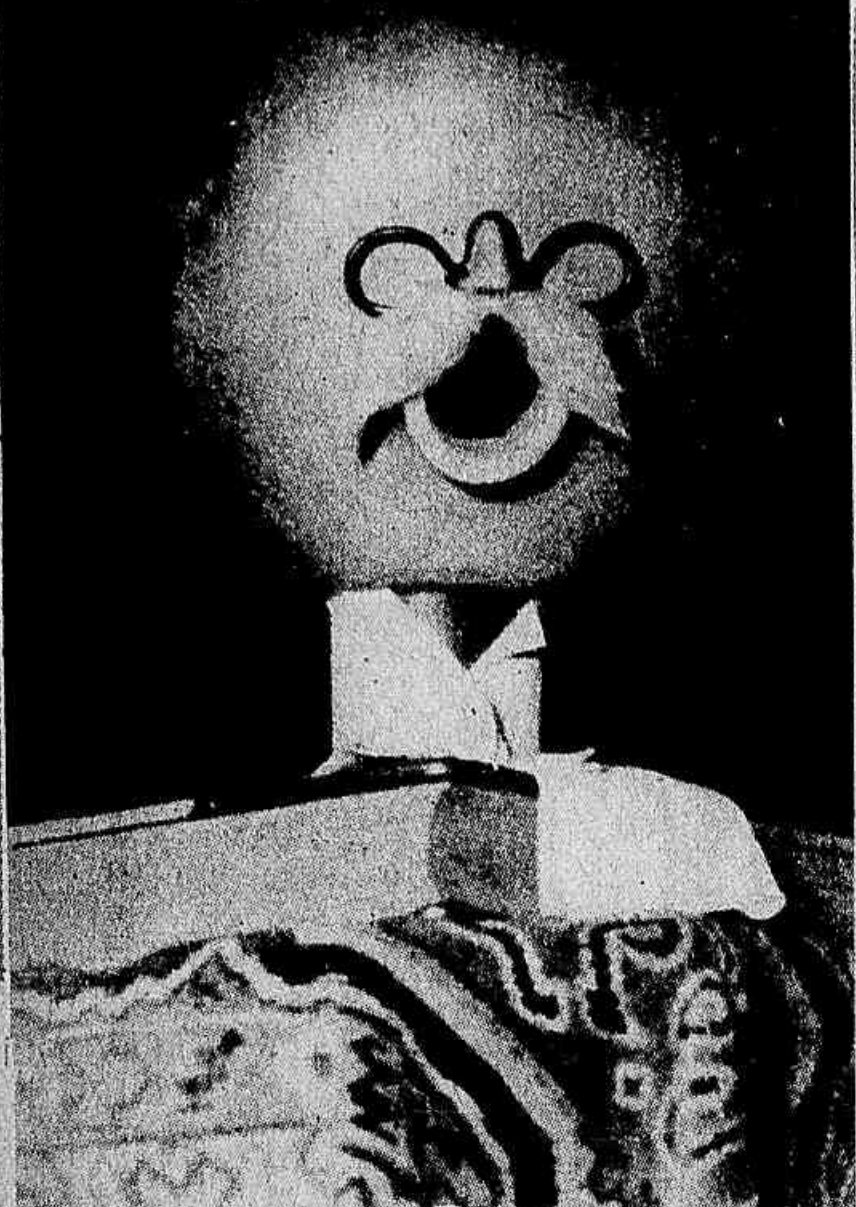
temos Ione Saldanha, Clara Hetenyi e Ernani, um arquiteto que resolveu ser pintor.

2 c) Em gravura, Vera Tormenta, em desenho, Pedro d'Horta. No mais, muito papel sujo e pouco tratamento gráfico.

● **ANÍSIO MEDEIROS** (desenhista)

Negando-se a tecer considerações de ordem crítica, limitou-se a recordar, mais uma vez, seu caso com Firmino Saldanha:

— Desde 1944 concorro ao Salão. Já mais criei confusões. Encaro-o com grande seriedade, daí não poder compactuar com a frivolidade de um jurado que, antes do prazo marcado, se pronuncia sobre um dos candidatos. Não foi o medo de perder o prêmio que me levou a solicitar minha retirada: afinal, são três os jurados, e os dois outros bastariam para determinar uma possível vitória de minha parte. Foi, sim a defesa da seriedade do Salão Moderno. Já possuímos tantos inimigos. Se lhes dermos motivos de críticas, ainda por cima, que não farão eles?



O NINHO DA ÁGUA DE HAIA

Texto de SÉRGIO SILVEIRA

Uma caricatura de Rui, aproveitando um fundo de moringa, foi oferecida aos dirigentes da Casa Museu para figurar entre os demais objetos e coisas que falam de sua preciosa vida.

O monumento arquitetônico tombado à Rua São Clemente, guarda, ainda hoje, o aspecto respeitável da velha mansão que, por vários anos, serviu de residência ao Conselheiro Rui Barbosa. Transformado em museu, o casarão antigo em seus pormenores, desde a porta da entrada aos quintais, floridos, lembra minúcias da vida do eminente estadista. Sala por sala, subindo e contornando longas escadarias, o repórter sente a cada passo uma intromissão maior, uma curiosidade contagiante, um misto de respeito e vontade de tornar-se mais íntimo das coisas e dos fatos que falam da existência do renovador do Código Civil Brasileiro.

● **ANTÔNIO, O MORDOMO** — Nosso trabalho de pesquisa culminou ao depararmos com o setuagenário Antônio Joaquim da Costa, o servo fiel de Rui Barbosa, apontado por muitos e por várias vezes, tal a constância de sua companhia em lugares onde aparecia o político baiano, como seu capanga.

Apesar da idade, sadio e dono de prodigiosa memória, o velho mordomo estava trepado no alto de uma escada, podando a parreira entrelaçada em vigas de ferro retorcido, existente no fundo do quintal. Solícito e alegre de poder fa-

lar do seu famoso patrão, Antônio, cuja convivência com Rui deu assunto a um livro, de sua autoria, e no qual muito nos baseamos para a elaboração dessa reportagem — «Rui Barbosa na Intimidade» — desceu a custo os degraus de madeira. E, sentados num banco do jardim, frente ao pé de «litchi», árvore predileta do grande jurista, olhos marejados de lágrimas, o «valet-de-chambre» perdeu-se no passado em narrativas pitorescas e minuciosas.

● **AS 24 HORAS DE RUI** — Pontual e sem necessidade do despertador, Rui Barbosa acordava às quatro e meia. Fazia a «toilette» no quarto, dirigindo-se após ao salão da biblioteca onde estudava até a chegada do barbeiro Ricardo. Terminada a tarefa do fígaro, banhava-se em água quente e, por volta das sete e meia, estava pronto para a primeira refeição: chá preto com leite e pão provença com manteiga; agora em companhia de sua esposa D. Maria Augusta. Os jornais, ou melhor, as notícias sobre política dos matutinos, lhes eram entregues já recortadas para melhor facilitar a leitura. De lápis em punho, anotava o que mais lhe interessava.

Em manhãs de sol, finda a leitura, descia ao jardim para, munido de uma pequena tesoura,

cuidadosamente, aparar as folhas secas do seu roseiral preferido.

Voltava então ao gabinete de estudos, trancando-se por dentro, até que o mordomo o viesse chamar para o almoço, às onze e meia. Rui não gostava de ser interrompido em seus trabalhos. Três pancadas na porta eram o sinal de que a hora havia chegado.

— «Já vou», ou «hoje não vou almoçar» — eram as respostas. Na segunda hipótese, Antônio levava-lhe nova xícara de chá com leite.

Comia pouco o Conselheiro, porém era de fino paladar. Dava preferência a canja, a galinha ensopada com batatas, legumes, arroz feito na manteiga e frango assado ao molho pardo fazendo questão do fígado e da moela.

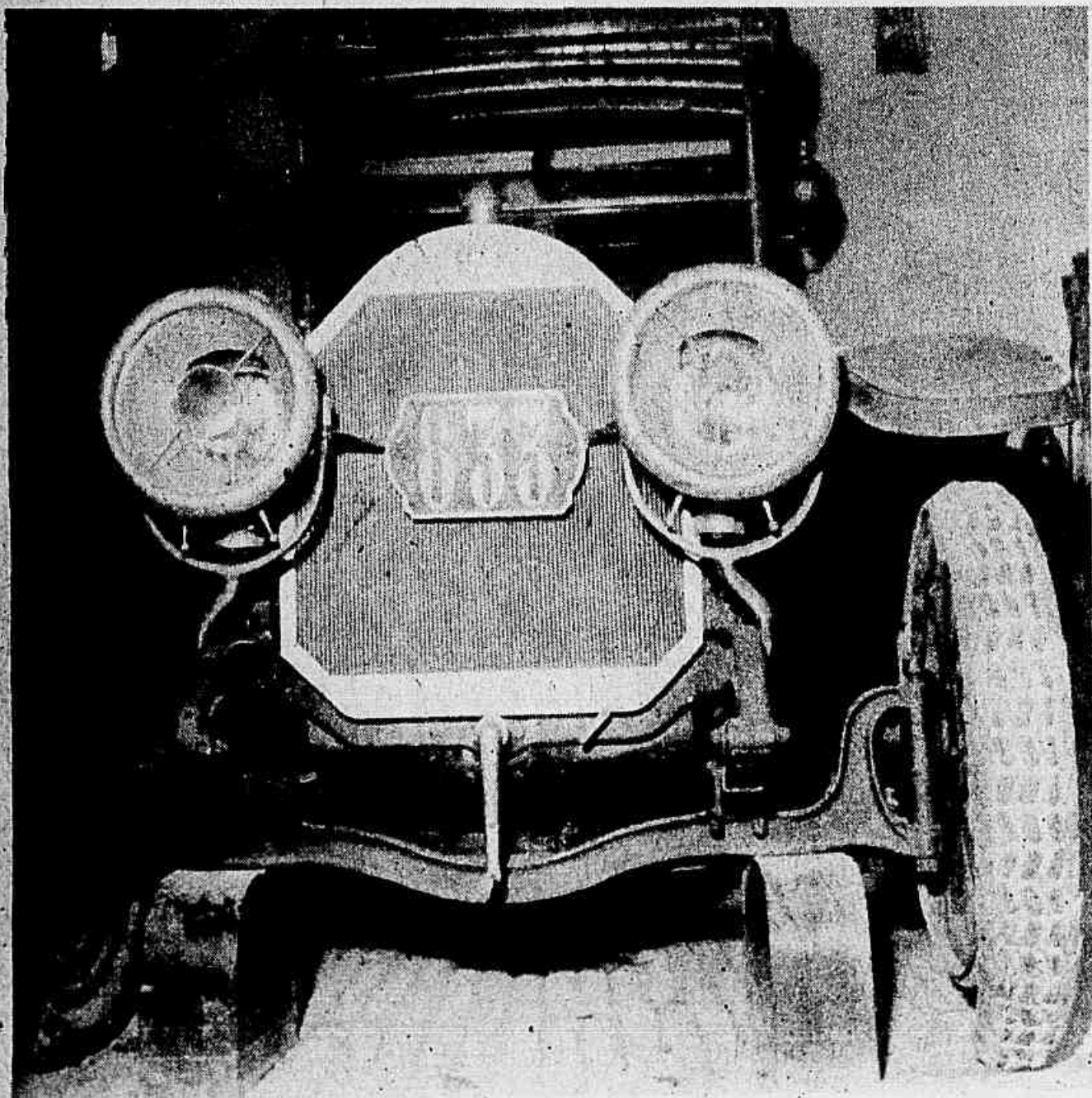
Acabado o almoço, saía para a cidade, em visita às livrarias ou ao Senado. Gostava de andar a pé, cumprimentando quem encontrava.

Por volta das dezesseis horas, chegava de volta à casa. Esquivava-se das visitas, indo para o seu quarto onde trocava de roupa e bebia o «chá da tarde». As 19 horas servia-se o jantar.

A noite, quando não vinham os amigos, fechava-se no gabinete entre livros, discursos e preparação de teses.

Recolhia-se ao leito, ainda não eram 22 horas, depois da oração feita ao pé do crucifixo. Levava um livro para ler na cama...

● **MANIAS...** — Rui também tinha as suas. Não havia gaiola de pássaros em casa. Quan-



O automóvel construído para o Imperador Guilherme II, foi comprado por um amigo de Rui pela «bagatela» de Cr\$ 25.000.00. Dias depois, era oferecido ao Conselheiro como prova de aprêço.



Na garagem do palacete, entre o automóvel e a «cadeirinha» de D. Maria Augusta, está a carruagem da família. Outrora, o local era destinado às cocheiras.

**RUI BARBOSA — OPERÁ-
RIO DE PENA E CÉREBRO
★ «PRESIDENTE DA REPÚBLICA,
CAPACHO DO CATETE» ★ O CONSELHEIRO
CONSERVADOR QUE PER-
TENCEU AO PARTIDO
LIBERAL**

**Fotos do Repórter e dos arquivos
da «Casa Rui Barbosa»**

do, de certa feita, uma netinha demonstrou desejo de possuir um viveiro, a voz do avô se fez sentir:

— Os pássaros nascem para ser livres, por que prendê-los. Haverá coisa mais bela do que a liberdade?

E não deu a gaiola.

★

Quando no Senado queriam ouvir-lhe a oratória, o seu almôço era, apenas, uma xícara de chá preto com leite e torradas.

— E' melhor passar fome do que ser surpreendido por uma congestão — dizia.

★

Além das rosas, o Conselheiro tinha verdadeira adoração pelas plantas exóticas. Um exemplar de uma fruta da China, «litchi», foi adquirida; em 1895, por Cr\$ 100,00. Ainda que desejasse saborear os seus frutos, estes, num zombar da fatalidade, só vieram em 1923, justamente o ano da morte do animador da Campanha Civilista.

★

Homem de memória sempre viva, o orador baiano dispensava registros de seus livros, em número de 25 mil.



D. Maria Augusta foi sempre a companheira do espôso. Nos momentos de angústia ou de alegria, ela estava presente com seu apoio moral e dedicação.



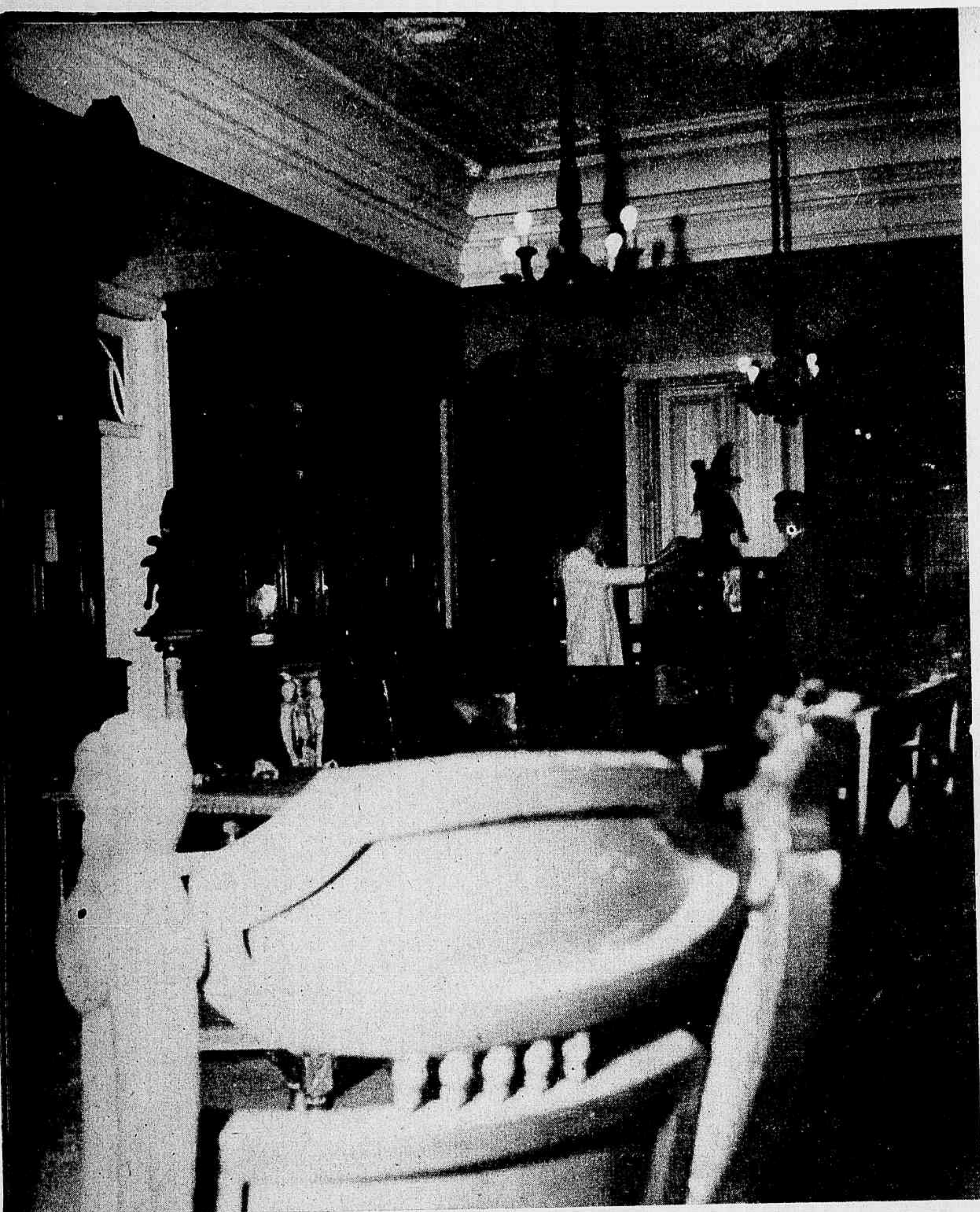
A botina de borzequins, de meio cano, mostra o espírito conservador de seus proprietário. O respeito a tradição, foi mister constante para o renovador do Código Civil Brasileiro.



Antônio Joaquim da Costa, hoje aposentado, serviu como mordomo da casa durante 14 anos. Acompanhava o patrão para toda parte, chegando a ser considerado como seu capanga.

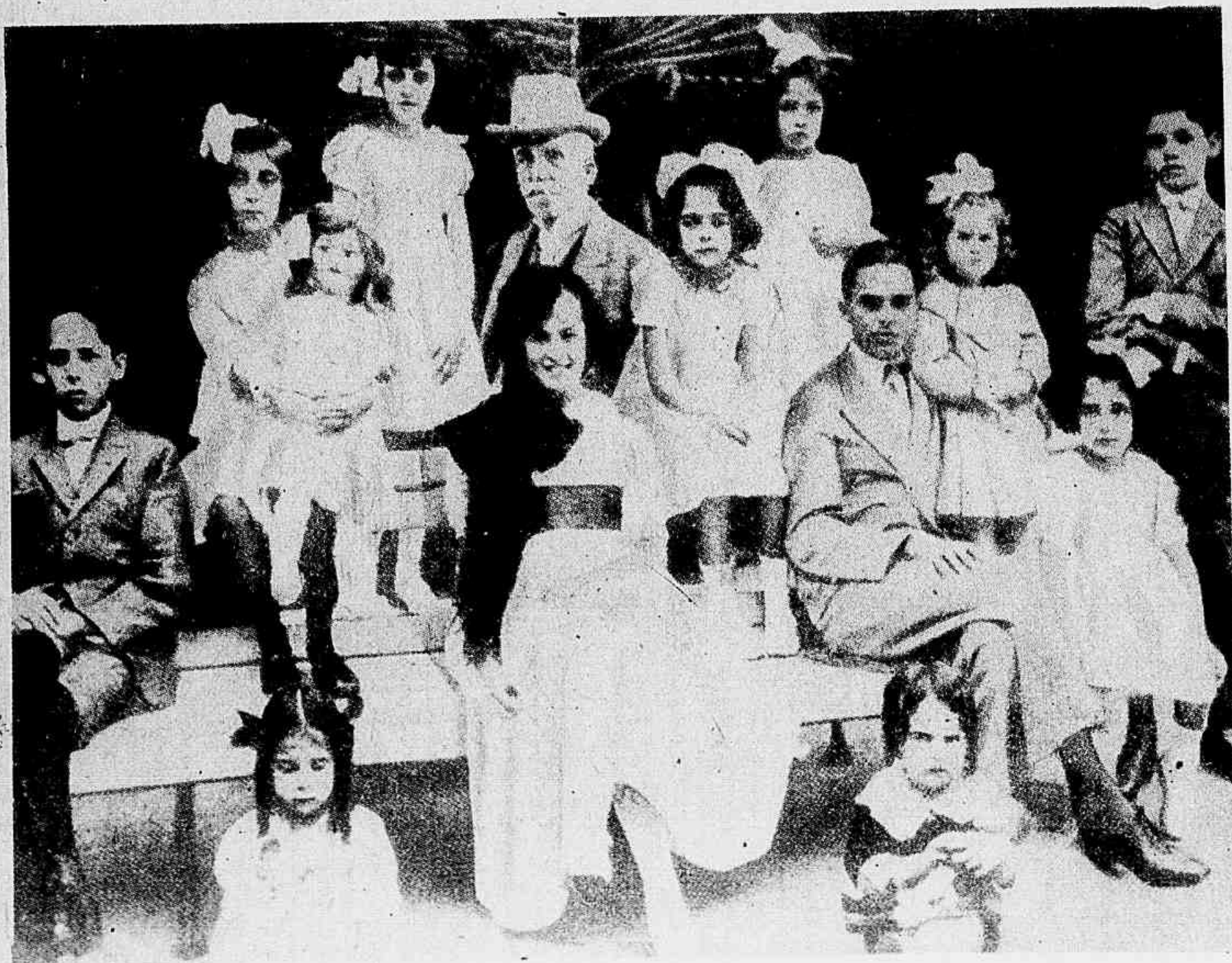


A escada de onde caiu e o aparelho usado durante a convalescença. A primeira foi mandada construir especialmente e sob medida para que Rui pudesse alcançar os livros no mais alto.



Uma das salas nobres da mansão, das preferidas pelo Conselheiro para reuniões com os eminentes estadistas da época. Reparem o bom gosto e a suntuosidade do histórico palacete.

Embora avesso a fotografias, deixava-se, por vezes, surpreender em flagrantes familiares. Este (abaixo) foi apanhado nos quintais de sua suntuosa residência sita à Rua São Clemente.



RUI BARBOSA

Certa vez, quando da proposta feita pelo mordomo para a elaboração de um catálogo dos volumes de sua biblioteca, Rui, entre sorrisos, respondeu:

— Deixou você alguma vez de encontrar, pelas minhas indicações, o livro de que necessitasse? Enquanto eu tiver memória sei onde eles se acham. Quando ela me faltar, não precisarei mais deles...

★

Mesmo tendo pertencido ao Partido Liberal, Rui era Conservador nos mínimos detalhes. Sua roupa, era de talhe bem cortado e característico. O fraque cinza e o chapéu da mesma cor, celebrizavam-se nas caricaturas da época.

A maioria de seus móveis foi mandada fazer de encomenda e a seu gosto. As estantes do salão-biblioteca, ostentando garbosamente as iniciais «R.B.», deram margem a que os antagonistas políticos afirmassem:

— São as estantes que pertenciam ao Ministério da Fazenda. Rui as tirou de lá como bem provam as iniciais «R.B.» — República Brasileira.

Foi o filho de Rui Barbosa quem levou Antônio para a casa de seu pai. A apresentação foi das mais simples:



A carteira de identidade do grande jurista baiano encontra-se nos arquivos da Casa Rui Barbosa juntamente com todos os seus documentos.

— Aqui está o Antônio, papai. Vem trabalhar para nós.

— Parece que já o conheço...

— Sim, senhor. Do Palácio do Catete.

— Ah, agora me lembro! Você gosta de livros?

— Claro, senhor, não há quem não goste.

— Pois você vai cuidar deles. Desejo que os trate como às crianças. Os livros merecem cuidados especiais. Não os abra demasiado nem os deixe cair.

● FLASHES DE UMA VIDA — A notícia da morte de Pinheiro Machado foi transmitida pelo telefone, a Rui Barbosa, por Carlos Viana, de «A Noite», um grande amigo da família do Conselheiro. A fisionomia do juriconsulto transformou-se de momento. As lágrimas correram-lhe pela face. Inconsolável, fechou-se no gabinete de trabalho e chamou o mordomo:

— Antônio, hoje não estou para ninguém.

E num exclamar desacreditado, balbuciou:

— Não é possível, há pouco eu passei por ele na Avenida...

Em 15 de setembro de 1915, às 9 e meia realizar-se-ia a missa em respeito a alma do general falecido. Rui estava pronto desde cedo.

Quis o destino que um acidente, uma queda da cadeira-escada, ao apanhar um livro para consultas, mudasse por completo os planos do Conselheiro: fraturou a tíbia e, durante, 70 dias, teve que permanecer no leito.

(Cont. na pág. 40)

FALAR DIFÍCIL...

● A apreciada escritora (romancista de «Floradas na serra» e «A muralha») Dinah Silveira de Queiroz, escreveu, não faz muito tempo, um comentário no qual salienta o papel ridículo dos que gostam de «falar difícil». Narra, então, entre outros, o caso de um Diretor, que falando a um contínuo de sua repartição assim se expressava: — «É mister que a estrutura social hodierna busque influxo salutar, emanado do poder judicante. Os legisladores não devem outorgar guarida aos miasmas da infiltração das ideologias dissolventes». E continuava: — «Seria frustrar os anseios dos deserdados das opíparas cornucópias das graças plutocráticas.»

Claro está que o humilde auxiliar de nada poderia entender. Tanto preciosismo de linguagem ainda o deixava mais tonto que confuso... Mas essa mania de «falar difícil» é menos comum hoje, do que já foi em outros tempos, embora ainda se encontre por aí, muita gente que ama falar difícil, usando e abusando de termos empolados e gongóricos.

A propósito, contou-nos há tempos Gilberto Amado, que havia um velho mestre da Faculdade de Direito do Recife, que também gostava muito de bancar o importante e «falar difícil». Certa noite, entrou-lhe um ladrão em casa. Que fez ele? Gritou com toda a força dos seus pulmões: — «Capturem o delinquente! Capturem o delinquente!» Mas enquanto os que o ouviam

procuravam entender o que ele queria dizer, o ladrão em tempo útil, «deu às de Vila Diogo»...

Não lhe teria sido mais fácil gritar simples e democraticamente, como qualquer outra pessoa o faria, o clássico «pega ladrão» de tão eficientes resultados policiais? É que, como dizia o velho padre Vieira, «nada há mais difícil, do que ser fácil»...

E «hoje não tenho tempo para ser breve», acrescentava ele, como para mostrar que a síntese é mais difícil de se obter, do que a prolixidade... muitas vezes inócua.

Informa-me também, Cleto Seabra Veloso, o irrequieto autor de «Uma democracia em apuros», livro louvado com entusiasmo por Monteiro Lobato, que seu velho mestre na Faculdade de Medicina costumava enfaticamente perguntar em estilo bestialógico, a seus alunos em exame:

— «Possível será, que aluno meu, enganar procure Leitão da Cunha?»

Essa é a curiosa história dos que podendo falar fácil sobre assuntos difíceis, muitas vezes preferem «falar difícil» sobre assuntos fáceis.

Não são bem típicos os casos ilustrativos apresentados?

Que eles sirvam, também, de exemplo para os que gostam, inclusive, de escrever difícil...

NOTICIÁRIO

● Três prêmios de Cr\$ 15.000,00 serão distribuídos este ano pelo IPASE aos seus segurados obrigatórios, já estando abertas as inscrições. Destinam-se a premiar o melhor conto, a melhor crítica e o melhor ensaio escritos por servidores públicos, devendo as críticas versar sobre as obras de Lima Barreto, Manuel Antônio de Almeida e Aluizio Azevedo, enquanto os ensaios se subordinarão ao item «Assistência Médico-Social ao Servidor Público». Os temas dos contos serão de livre escolha dos candidatos, que devem concorrer sob pseudônimo, em três cópias datilografadas. As comissões julgadoras serão designadas pelo presidente do IPASE, compondo-se cada uma de três membros. Consideram-se inscritos os trabalhos enviados para o Serviço de Publicidade do IPASE (rua Pedro Lessa, 36, 11º pav.) postos no correio até o dia 30 de setembro próximo. Nesse órgão, serão dadas informações mais amplas sobre o concurso.

● Causou consternação o desaparecimento de Thomas Mann, o grande escritor alemão, aos 80 anos.

● Sairá breve, em edição do Instituto Arqueológico de Pernambuco, o livro «A Casa de Cunhaú» do escritor João de Albuquerque Maranhão.

● Estão abertas as inscrições ao Prêmio General Tasso Fragoso, no valor de Cr\$ 50.000,00 o qual será conferido cada ano, ao autor do melhor trabalho inédito, versando assunto de cultura militar. Detalhadas informações serão encontradas no edital do concurso, firmado pelo tenente-coronel Umberto Peregrino, diretor da Biblioteca do Exército, no Ministério da Guerra (3º andar).

● A revista «Encontro», do Recife, publicará brevemente «Contos-II» de Edilberto Coutinho, autor de «Onda boiadeira».

● A Livraria Progresso Editora, da cidade de Salvador, vem de publicar, com excelente aspecto gráfico, os livros de José Alencar, «Iracema e Ubirajara», em cuidada edição.

POESIA

A BORBOLETA

Rompe o casulo e sai, tonta de liberdade,
Voa aqui, poisa ali, desliza no ar, doudeja...
Ora beija uma dália, ora uma rosa beija,
No desmedido afã de sua insaciedade.

Sabe que despertou mudada, e tem saudade
Do sonho que sonhou... E agora o que deseja
E' encontrar uma flor, venenosa que seja,
que a embriague de uma vez, que lhe mate a ansiedade.

E, em busca dessa flor, anda errando e não pára,
A rodear flôres mil, beijando-lhes o cális,
Tentando realizar o sonho que sonhara...

E, assim, douda, se vai, através dos caminhos,
A subir e a descer, por montes e por vales,
Até se espedaçar na ponta dos espinhos...

FRANCISCO LEITE

ENTREVISTA RELÂMPAGO



(Com Nóbrega de Siqueira, autor de «Copacabanas», «Roteiro», «Terra Roxa» e outros livros em prosa e verso). — Oito perguntas:

1ª: — Dos nossos escritores, quais lhe parecem mais importantes?

R.: — Do passado: José de Alencar, Machado de Assis, Euclides da Cunha, Mário e Osvaldo de Andrade, Raul Pompéia, João Ribeiro, Graciliano Ramos, Antônio de Alcântara Machado, Monteiro Lobato. A lista é grande e seria maior se a entrevista não fosse relâmpago. Do presente: José Lima do Rêgo, Jorge Amado, Amando Fontes, Érico Veríssimo, Raquel de Queiroz, Dinah Silveira de Queiroz, Aníbal Machado e, no teatro, Joracy Camargo.

2ª: — Quais os poetas nacionais de sua preferência?

R.: — Do passado: Gonçalves Dias, Castro Alves e Vicente de Carvalho. Do presente: Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo, Guilherme de Almeida, Menotti Del Picchia, Cecília Meireles, Olegário Mariano, Ribeiro Couto e o extraordinário e nem sempre lembrado Alvaro Moreira. É claro que cada um, dentro do seu estilo, pois poesia não é uma questão de forma ou de fôrma.

3ª: — Quais as suas leituras preferidas?

R.: — Todas as leituras me são preferidas. Poesia, romance, conto, história, filosofia. Tudo dependendo muito da ocasião. Releio, com o mesmo encantamento, «Os Lusíadas», como «A Moreninha», «Os Sertões», como «O Ateneu».

4ª: — Qual dos nossos escritores gostaria fosse membro da Academia Brasileira de Letras?

R.: — Agrippino Grieco, apesar desse grande escritor nada querer com o «Petit Trianon», e Alvaro Moreira. Gostaria, ademais, que Martins Fontes, Ronald de Carvalho e Lobato tivessem vestido o fardão.

5ª: — Atualmente, onde desejaria morar?

R.: — Na rua Presidente Domiciano, n. 68, em Niterói, onde more e donde, se Deus quiser, somente pretendo sair no dia em que me acenarem com a direção dum escritório comercial do Brasil em Paris ou em Assunção. Mas, essa hipótese não se realizará, pois quando passo no Catete, (passado, presente e futuro) é de bonde...

6ª: — Como gostaria de morrer?

R.: — Ando muito preocupado com a vida e ainda não pensei na morte. Não gostaria de morrer como o Bispo Sardinha.

7ª: — Crê que o esporte seja uma atividade útil?

R.: — Entre Esparta e Atenas, prefiro Atenas. Mas, não sou contra Sparta. Sem ser atleta, faço ginástica e nado, embora sem excessos.

8ª: — Qual a sua maior ambição literária?

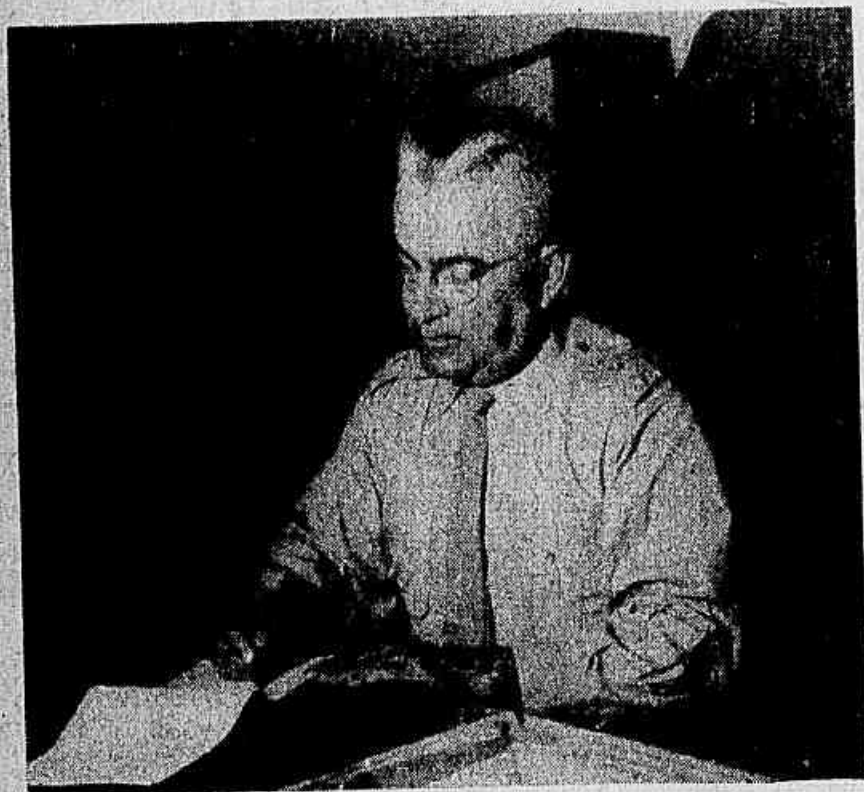
R.: — Encontrar boa receptividade da crítica e vender livros, como aconteceu com o «Terra Roxa», que caminha para sua 2ª edição, pois a 1ª esgotou-se em 4 meses, escrever outros livros e encontrar editores. Tenho a publicar: «Sanhaços», contos, que a Editora Martins, de São Paulo lançará em agosto ou setembro. Já fiz a 2ª revisão desse livro.



● Promovida por um grupo de catarinenses ilustres, realizou-se com grande brilho, no auditório do Ministério da Educação e Cultura, na noite de 16 do corrente, uma hora litero-musical, em comemoração às datas do nascimento e morte da extraordinária lagunense ANITA GARIBALDI, que ocorreu no mês de agosto. Tomaram parte, a poetisa Maura de Senna Pereira, nossa colega de imprensa, que disse o poema de sua autoria «Retrato de Anita», o historiador Almirante Lucas Alexandre Boiteux, que proferiu uma palestra sobre «Anita Garibaldi, seu grande amor e seu martírio», as pianistas Clara Maria Thieme Chiericoni e Vera Marina Sampaio de Lacerda e o maestro Fioravanti Testa. Em nome da comissão promotora da festa, falou o coronel Alcides Boiteux Piazza e atuou como locutora, a jovem Gilda Maria Tolentino de Souza. No clichê, os participantes da homenagem, ladeando um belo retrato de Anita Garibaldi, trabalho do pintor catarinense Moacir Fernandes.

OS QUATRO GRANDES DO DISTRITO FEDERAL

ÊLES SÃO OS ANJOS DA GUARDA DA CIDADE



O EX-PRACINHA

É O PAI

DOS COSME

E DAMIÃO



ONDE HÁ

FOGO ESTÁ

O CORONEL

SADOCK

DE SÁ

● O sonho do menino João Ururahy de Magalhães (carioca de 23 de junho de 1898) sempre fôra ser militar. Mas queria começar de baixo, para conhecer todos os segredos da vida da caserna. Assim, sentou praça, aos 17 anos de idade, no 2º Regimento de Infantaria. Três anos depois candidatou-se à Escola Militar, prestando todos os exames e obtendo boas notas em todos êles. Saiu aspirante em 1921 e, como primeiro tenente, participou da revolução de 24, nas fileiras legalistas. Nessa luta fratricida viveu um dos momentos de maior emoção de sua vida quando teve que assumir o comando da companhia à qual pertencia, logo depois do seu comandante ter morrido com um tiro na cabeça. Daí por diante, à medida em que ia sendo promovido, movimentava-se ora para o Norte ora para o Sul, quer como instrutor ou como comandante de destacadas unidades militares.

Em março de 1953, já com as estrêlas gemadas de coronel enfeitando as platinas de sua torda, assumiu o comando da Polícia Militar do Distrito Federal, da qual fôra instrutor em 1930. Logo ao assumir o posto, procurou tocar o projeto de melhoria de vencimentos da PM, que se encontrava paralisado na Câmara Federal, pois acreditava que sem oferecer boa paga não poderia levar a cabo a tarefa de selecionar os elementos para a tropa. Paralelamente ao aumento, que em menos de seis meses estava resolvido, iniciou uma fase de severa seleção na admissão dos homens. Em novembro de 1953, sentindo que o policiamento da cidade estava fraco, entrou em ligação com o Chefe de Polícia para criar o policiamento ostensivo, que foi inaugurado em Copacabana. Ao mesmo tempo, pôs em prática rigoroso plano de disciplina, realizando pessoalmente preleções morais em todos os corpos da PM com a cooperação da oficialidade. Nessas preleções frisa sempre que o soldado só tem uma coisa a deixar para os seus filhos: um nome limpo e honrado. E faz questão de narrar, com todos os detalhes, um fato que calou fundo no seu coração, do qual foram participantes os indefectíveis Cosme e Damião (algunha que o carioca deu aos soldados da Polícia Militar que andam sempre lado a lado, quer a pé, de bicicleta ou a cavalo).

Numa de suas rondas habituais, o Coronel Ururahy foi ter ao 2º Distrito Policial de Copacabana. Lá chegando, soube que dois praças da PM haviam prendido dois cidadãos. Curioso, quis saber detalhes da prisão. Então o Cosme (ou o Damião?) chamou-o a um canto e disse-lhe: «Meu comandante, depois que demos ordem de prisão ao cavalheiro que portava arma de fogo ilegalmente, o seu companheiro quis que eu relaxasse a ordem, oferecendo-me cinco notas de mil cruzeiros. Quando êle tentou subornar-me, lembrei-me das suas palavras: «Não há nada como o nome digno e honrado do soldado». Por isso, também dei-lhe ordem de prisão. Orgulhoso pelos bons resultados que os seus métodos vêm obtendo, o pai dos Cosme e Damião revela que há ainda outros casos dignos de serem mencionados, nos quais se prova que já se pode confiar nos briosos soldados da Polícia Militar. Mas, para chegar a êsse ponto, já expulsou sumariamente uns duzentos elementos. Agora está todó entregue à tarefa de introduzir, no fim do corrente ano, os cães policiais na PM, dispondo para isso de um canil com 31 cães pastores alemães. A maioria já está quase obedecendo. Os animais serão empregados nas batidas que vem dando aos antros da malandragem e no presídio da Ilha Grande, para evitar fugas de presos. Seu grande sonho, porém, é cobrir os 30 distritos desta capital com os Cosme e Damião.

● O Coronel Henrique Sadock de Sá é alagoano por acaso, pois nasceu naquele pedaço do Norte quando o seu pai, almirante Sadock de Sá (ajudante de ordem de Floriano Peixoto), ali estêve em comissão, no ano de 1902. Seu grande desejo era seguir carreira na Marinha, a exemplo do pai. Mas fêz a vontade paterna e ingressou no Colégio Militar de Barbacena (1918), saindo aspirante, três anos depois, da Escola Militar. Como toda sua família, participou dos movimentos revolucionários de 22, 24 e 30. («Os Sadock jamais cruzaram os braços diante de um movimento revolucionário quando a causa era justa»). Na revolução de 30, aliás, fazia parte do gabinete do General Leite de Castro, no Forte Barão do Rio Branco. Conheceu quase todo o Brasil, sempre a serviço do Exército, bem como já teve oportunidade de ir ao Exterior como adido militar de embaixadas nacionais. Orgulha-se de ter servido quase toda sua vida como arregimentado, sendo um dos oficiais que mais tempo arregimentado possui em todo o Exército. Na revolução comunista de 35 combateu com sua tropa, no Forte Duque de Caxias, pelo Morro da Babilônia, os sublevados do 3º R.I. Mais tarde, quando os integralistas atacaram o Palácio Guanabara, comandou a única tropa que seguiu para defender aquele palácio.

Assumiu o comando do Corpo de Bombeiros no dia 6 de abril de 1951 e desde então tem-se dedicado inteiramente à brava corporação que vem servindo à cidade, apesar de não contar com os recursos indispensáveis. Leva tão a sério sua tarefa que, aonde quer que vá, avisa ao oficial de dia, pois onde houver um incêndio êle quer estar presente. Assim, se estiver num cinema ou num teatro, três piscadelas do «flash-light» são o aviso de que êle deve regressar ao Quartel Central com a maior urgência. Por isso, tem deixado muitos filmes e peças pela metade. Relembra com dor e tristeza a tragédia da Ilha do Braço Forte, da qual só por um milagre escapou. Estava com uma infecção dentária, recolhido em sua residência, e seus subordinados, para não incomodá-lo, só o avisaram muito depois que seguiram para a ilha todos os socorros.

Ativo, empreendedor, tem feito o possível para, dentro das escassas verbas de que dispõe o Corpo de Bombeiros, aparelhar a corporação da melhor maneira e dar o máximo de conforto aos soldados do fogo. Assim é que rio seu comando adquiriu para o CB 32 viaturas para o serviço de extinção de incêndio, e espera no próximo ano inaugurar uma frota de sete embarcações para o serviço de extinção de incêndio no mar e nas ilhas. Diariamente percorre todos os postos do Corpo de Bombeiros espalhados pela cidade, supervisionando com o maior carinho as obras que estão sendo realizadas. Criou a escola de motoristas (uma das mais completas da cidade), melhorou quase todas as dependências do Quartel Central, aumentou o efetivo da tropa para 1.500 homens e estuda a reforma do regulamento do CB, no qual se incluem a reforma compulsória e a lei chamada «Risco de fogo», com o objetivo de obter gratificação especial para os que arriscam sua vida na árdua missão. Um dos seus motivos de orgulho é a banda de música da corporação. Revela envaidecido que a banda do CB alcançou grande sucesso em São Paulo, por ocasião das festas do IV Centenário, e que de todos os recantos lhe chegam convites para audições. Sempre que é possível, a banda atende aos chamados para abrilhantar festividades, sem nunca olhar côr política. Agora, o Coronel Sadock está entregue a um plano gigantesco: a grande festa do centenário do Corpo de Bombeiros, que se comemorará no ano vindouro, com ou sem êle, como gosta de frisar.

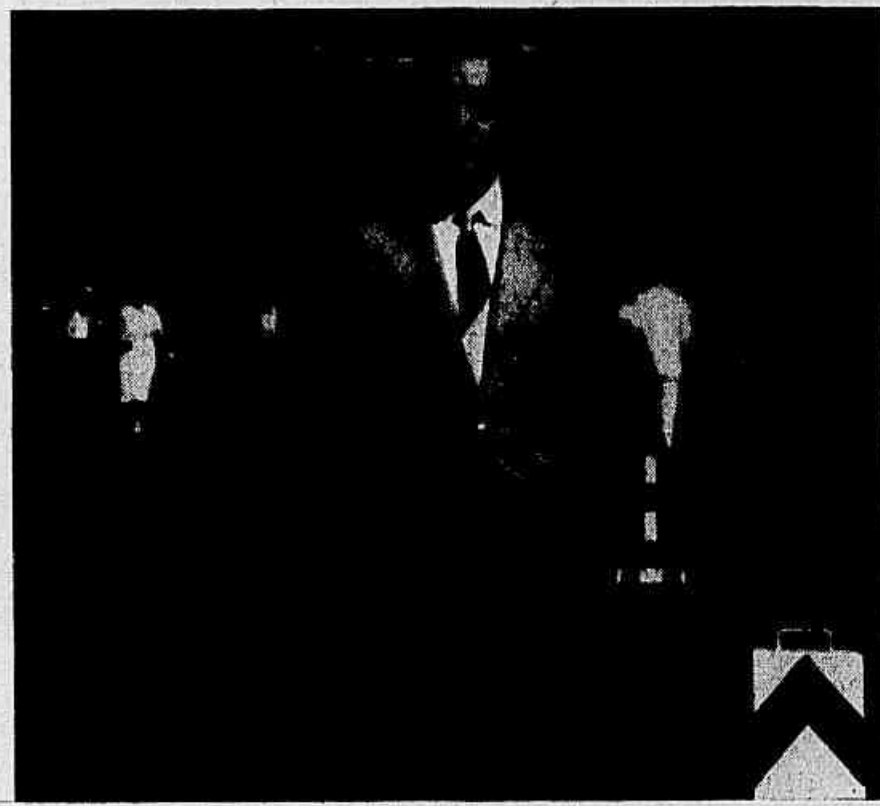
A HISTÓRIA DE UM PREFEITO QUE GOSTA DO NÚMERO 13 E QUE FOI «BARRADO» NO MUNICIPAL ★ O CEL. URURAHY LIMPOU A POLÍCIA MILITAR, EXPULSANDO OS MAUS ELEMENTOS ★ UMA INFECÇÃO DENTÁRIA SALVOU O CEL. SADOCK DA TRAGÉDIA DA ILHA DO BRAÇO FORTE ★ O HOMEM SERENO E TRANQUÍLO QUE CHEFIA A POLÍCIA DA CIDADE MARAVILHOSA

Reportagem de MILTON SALLES

● O Prefeito, o Comandante da Polícia Militar, o Chefe de Polícia e o Comandante do Corpo de Bombeiros, eis os Quatro Grandes da Cidade Maravilhosa. Cada um responsável por um setor importante da vida da metrópole. Cada um colaborando para que a vida do carioca seja melhor e mais tranqüila. Abrindo túneis, rasgando artérias, fazendo esforços para que jatos d'água jorrem das torneiras, apagando incêndios, dando caça aos maus elementos, ou guardando as nossas ruas, eles velam para que a cidade durma, trabalhe e se divirta tranqüilamente. São, portanto, por assim dizer, os anjos da guarda desta metrópole de três milhões de habitantes.



ELE QUER
ENCHER
A CIDADE
DE "PLAY-
GROUNDS"



UM HOMEM
SERENO
COMANDA
A POLÍCIA
CIVIL

● Sem ser supersticioso, o prefeito Alim Pedro gosta do número 13, pois nasceu num dia 13 (de março de 1907, na localidade fluminense de Paracambi) e em outro dia 13 escapou ileso de sério acidente de automóvel na estrada Rio-Petrópolis. Veio com poucos meses para o subúrbio de Bangu e ali criou raízes. Tanto que, chova ou faça sol, gosta de passar a tarde e a noite dos sábados na sua propriedade de Senador Camará e os domingos na velha casa da família, em Bangu. Jogou futebol no quadro infantil do Bangu Atlético Clube (do qual foi presidente seu irmão, o Dr. Miguel Pedro) e ainda hoje adora assistir a um bom encontro futebolístico. Quando ginasiário, no Colégio Pedro II, gostava de fazer versos à hora do crepúsculo, ao melhor estilo romântico. Sempre ativo e lutador, durante o curso secundário estudava de dia e trabalhava de noite, como tipógrafo, em Bangu, onde residia. Engenheiro civil e eletricitista, formado pela antiga Escola Politécnica do Rio de Janeiro, em 1933, um ano depois ingressava na Prefeitura, por meio de um concurso. Apenas com um ano de casa (fato que considera dos mais honrosos da sua vida funcional), participou da banca examinadora de um concurso para a mesma carreira da Municipalidade.

Na Prefeitura fez carreira das mais rápidas. Com 3 anos era diretor do Departamento de Limpeza Urbana, tendo levado tão a sério o cargo que, muitas vezes, foi visto debaixo de violentos temporais, com água acima do joelho, supervisionando os serviços de desobstrução das galerias de águas pluviais. Depois de ter sido professor de ensino técnico e assessor técnico do Prefeito João Carlos Vital, exerceu o cargo de secretário da Viação. Nessas funções, aliás, dificilmente podia comparecer ao Teatro Municipal para assistir a espetáculos de boa música, coisa de que sempre gostou. Por isso, cedia o lugar a que tinha direito ao seu assistente. Certo dia, porém, conseguiu tempo para ir ao Municipal e, então, foi delicadamente advertido pelo porteiro de que não poderia sentar-se naquela poltrona, pois aquele era o lugar do secretário da Viação. Na Prefeitura foi membro de várias comissões, entre as quais a Comissão Examinadora do Concurso para Engenheiros Ajudantes e a Comissão incumbida de estudar a construção de casas para os servidores municipais. No governo do Presidente Eurico Dutra, foi presidente do I.A.P.I., de 1946 a 1951, membro da Comissão incumbida de estudar o Projeto da Usina Hidro-elétrica do Rio Macabú (no Estado do Rio) e membro do Conselho Fiscal da Cia. Hidro-elétrica do São Francisco. No ano que passou, quando o vice-presidente Café Filho assumiu o poder, aceitou o cargo de Prefeito. Tem prosseguido na execução de algumas obras iniciadas pelos seus antecessores e vem dando início a outras. Gaba-se, acima de tudo, de ter-se mostrado vigilante e comedido no emprego das verbas da Municipalidade.

Na palestra mantida com a reportagem, revelou que a adutora do Guandu (que resolverá de uma vez por todas o angustiante problema da falta d'água) ficará concluída neste exercício e que o desmonte do Morro de Santo Antônio prosseguirá em ritmo acelerado e objetivo. Seu sonho dourado, entretanto, é a construção do Túnel Rio Comprido-Lagoa, que espera deixar começado. Planeja ainda deixar construídos os mais importantes trechos da Avenida Perimetral e tem a louvável preocupação de difundir ao máximo, pelos quatro cantos da cidade, os parques de recreação infantil nesta cidade tão pobre de «play-grounds».

● Sereno, de fala e gestos mansos, o cel. Geraldo Menezes Côrtes sabe, porém, ser firme e enérgico quando se trata de cumprir o dever de zelar pela segurança do povo. Militar por vocação e natureza, achando mesmo que jamais poderia seguir outra carreira, nasceu nas proximidades do tradicional Largo da Segunda-Feira, na rua que hoje tem o nome de Delgado de Carvalho, no dia 2 de agosto, há 44 anos atrás. Vem subindo gradativamente na carreira que abraçou, seguindo a mesma linha inflexível de disciplina e zelo no cumprimento das tarefas de que é incumbido. Como militar, tem vários cursos no estrangeiro: Escola de Comando e Estado Maior de Fort Leavenworth, Escola dos Oficiais de Ligação Terrestre e Aérea de Key Field, Curso de Informações Estratégicas no Departamento do Exército Americano, além dos cursos da Escola do Estado Maior e da Escola Superior de Guerra. Assumiu a chefia da Polícia no dia 27 de agosto do ano que passou (depois de ter passado duas vezes pela Inspeção do Tráfego, onde fez diversas realizações de êxito comprovado), numa ocasião em que o organismo policial vinha sofrendo as mais severas críticas. Enfrentou, sempre com a maior tranqüilidade, a árdua tarefa de chefiar nada menos de 8 mil funcionários, exigindo de todos eles um trabalho honesto e eficiente, punindo e excluindo da corporação os que não se mostravam dispostos a cumprir as exigências. Hoje, passado um ano de sua posse, ganhou a confiança do carioca no seu aparelhamento policial. É homem que trabalha, em média, quatorze horas por dia, quando não completa o ciclo das 24 horas sem pregar olhos, desde que a necessidade de serviço o obrigue a tanto. Sempre gostou de trabalhar sem exibicionismos, cumprindo sua missão silenciosamente, mas orgulha-se de não ter recusado, como jamais recusará, postos que representem sacrifício para as comodidades de um cidadão em benefício da comunidade a que pertence.

Considera a vida cheia de emoções, mas confessa que as maiores de sua vida foram quando viu terminada a revolução de 1932, após três meses de dura campanha, quando verificou que haviam terminado com absoluto sucesso as festividades de cuja organização o haviam encarregado na Escola Militar do Realengo, e quando verificou que o policiamento do recente Congresso Eucarístico Internacional fora coroado do mais completo êxito. Acha que todas as necessidades da Polícia carioca estão sintetizadas na palavra **organização**, afirmando que todo o seu esforço está sendo empregado no sentido de organizar o mecanismo policial. Trabalha com o objetivo de organizar a Polícia, porque só assim ela poderá vir a ter a eficiência sonhada pelos moradores desta capital. Segundo divulgou recentemente, acha que do ponto de vista das corporações uniformizadas, a situação atual é indiscutivelmente da maior inconveniência, porque coexistem entre nós nada menos de quatro importantes corpos de tropa: a Polícia Militar, a Polícia de Vigilância da Prefeitura, a Guarda Civil e a Polícia Especial. E só as duas últimas, como se sabe, são subordinadas administrativamente ao Chefe de Polícia. Por isso sonha com a uniformização do policiamento ostensivo para manter a unidade de direção, coordenando os esforços e controlando as iniciativas. Quando terminar sua atual comissão na Chefia de Polícia, o cel. Menezes Côrtes voltará de bom grado às suas funções nas Forças Armadas, de cujo destino ainda não quis afastar-se, e onde goza de grandes amizades, tendo sido, aliás, um dos signatários do famoso «memorial dos coronéis», por simples e leal colaboração para com os seus colegas.

RENATO DE ALENCAR

São Paulo não tolera golpes

● Se há em nosso país, um povo que tem o mais acendrado espírito constitucionalista, é o deste Estado. O paulista não compreende a vida fora dos regimes legais emanados do poder do voto. Em 1932 se levantou em massa contra a perpetuação do sr. Getúlio Vargas como ditador. Quiseram explorar o levante como separatista, falsidade que se desmoronava diante dos nomes com que os paulistas batizaram os seus batalhões. Os propósitos de São Paulo eram os de todo o povo brasileiro: convocação de uma Constituinte e a eleição do novo Governo Nacional pelo voto dos seus concidadãos. Ao tempo do primeiro reinado e do segundo, sempre esteve S. Paulo na estacada como um grito contra as rasteiras nos sentimentos constitucionais do Brasil. E agora, quando fulgens de golpismos se acumulam aqui e ali, os paulistas estão decididamente contra esses processos de primitivismo político, próprios de nações incultas incapazes de viver à sombra da Lei Máxima: — a Constituição. Que se argumenta para justificar um golpe? As tachas de getulismo com que se vestem dois candidatos: o sr. Juscelino e o sr. Jango. Mas, em que dispositivo legal se baseiam esses que julgam ineleáveis pessoas em pleno gozo dos seus direitos constitucionais, apenas pelo fato de pertencerem a instituições político-partidárias ligadas ao ex-Presidente suicida? Não houve nenhuma proscrição contra o sr. João Goulart ou o sr. Juscelino. Nossa democracia é muito curiosa: fabricamos fantasmas como se fôssemos crianças que têm medo do escuro... E' contra isto que estão os paulistas, de todas as classes sociais. Sabem eles que, qualquer convulsão política no sentido da ditadura, só trará prejuízos à sua economia, provocando retrocessos deploráveis, detendo-lhe a marcha ascensional. E pensam unanimemente: serão contra qualquer golpe anticonstitucional.

● A CIDADE DE RIO CLARO deverá estar em vésperas de resolver seu maior problema: o da energia elétrica. O seu prefeito, sr. Fausto Santomauro fez uma viagem ao Rio, exclusivamente para entender-se com o Presidente da República sobre tão angustiosa situação. Rio Claro, que está a duzentos quilômetros da capital do Estado, é centro de grande atividade industrial. Mas, infelizmente, já se tem verificado esta desolação: fábricas emigrarem de seu solo porque não há energia elétrica suficiente para seu funcionamento. Muitas vezes as máquinas trabalham com racionamentos empobrecedores, trazendo diminuição no rendimento industrial e baixa no salário do trabalhador. Uma calamidade. Que os poderes da União socorram Rio Claro, permitindo ao seu povo o direito de trabalhar pelo progresso do país.

● A HISTÓRIA DA INDÚSTRIA, monumental obra de oito volumes de mil páginas cada um, trabalho de substância devido ao patriotismo de uma equipe de especialistas da qual faz parte o sr. Felix Guizard Filho, está em vias de ser confiada a uma editora. A História da Indústria abrange tudo o que houve no Brasil, em matéria de indústria, desde a Colônia aos tempos atuais. Mas, como os seus autores desejam lançar uma obra de maior perfeição em assunto de tal magnitude, não querem encerrá-la sem ter recebido de outros interessados, sua contribuição em torno da matéria. Qualquer colaboração deverá ser dirigida à CIESP, Viaduto D. Paulina 80, 6º andar. S. Paulo.

● D. SARA KUBITSCHKE DE OLIVEIRA, esposa do sr. Juscelino Kubitschek, ex-governador de Minas e um dos candidatos à Presidência da República, foi homenageada pela alta sociedade paulistana, a 17 de agosto, com um chá na «Sears». Madame Kubitschek, incontestavelmente um dos grandes ornamentos da elite brasileira, pela cultura e fi-

no trato social que possui, soube cativar as suas homenageadoras, encantando com o seu distinto espírito de finesse que tanto a caracteriza. Dentre uma centena de figuras de escol, citamos: D. Carmelita Nogueira Garcez, d. Lourdes Pieroni, d. Bertha Mendes, d. Santhuzza Barcelos, d. Maria Teresa Sousa e Silva, d. Hilda Maurício de Andrade, d. Mimi Later, d. Telma Barata Ribeiro, d. Lúcia Ribeiro de Almeida, a deputada Conceição das Neves, d. Elza Beschizza de Moraes.

● ASSUME ASPECTO DE CALAMIDADE a falta d'água na capital paulista. Nunca se viu tamanha seca nas bicas. E o pior é que é o próprio Secretário da Viação, sr. João Caetano Alvares, quem diz ao paulista: «Depende de S. Pedro a água para S. Paulo». Quer dizer: quando chover... Tudo acontecerá agora porque não foram concluídas as obras de suprimento iniciadas no governo anterior e suspensas por falta de recursos. Dizem que créditos foram desviados para o Parque de Ibirapuera e a construção do sumptuoso palácio da Fazenda Estadual. Para remediar a situação angustiosa, espera a Prefeitura a chegada do empréstimo de 240 mil contos de réis realizado com o Governo Federal, importância esta que será empregada imediatamente nas obras de água e esgoto paralisadas. A capital paulista precisa no mínimo, de 520 milhões de litros diários, e só está recebendo uns 400. Daí o tremendo «deficit» em todos os sentidos, havendo perigo até de irrupção de epidemias por falta de higiene. Até nisso S. Paulo vai sendo superior ao Rio...

● A PALESTRA DO ROTARY de 22 de julho, sobre Participação nos lucros e registrada nesta coluna em nossa edição de 20-8, embora estivesse programada pelo dr. José Alves Cunha Lima, foi pronunciada pelo dr. Mário Toledo de Moraes, que o substituiu na ausência justificada do escalado da reunião.

A qualquer hora

do dia

ou da noite

a

RÁDIO RECORD

de São Paulo

tem um PROGRAMA

que VOCÊ ouvirá

perfeitamente

em qualquer

ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias — 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas — 19, 25, 31 e 49 metros

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

★ HUMORISMO

★

★ CARTAZES

★

★ TEATRO

★

★ RÁDIO

★

★ CARTAZES

★

★ CONCURSOS

★

★ NOTICIÁRIO

★

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

★ RÁDIO

★

★ TEATRO

★

★ MÚSICA

★

★ HUMORISMO

★

★ ESPORTES

★

★ NOTICIÁRIO

★

★ TEATRO

★

★

★

★

★

★

★

★

★

★

★

A TV E O FUTEBOL

● A notícia estourou como uma bomba: as entidades esportivas cobrariam uma taxa para que as estações de rádio e TV pudessem transmitir as irradiações diretamente dos campos de futebol. Essa taxa era tão alta que seria impossível continuar levando aos telespectadores e ouvintes os jogos realizados em disputa dos diversos campeonatos. Imediatamente, como não podia deixar de ser, houve violenta reação por parte dos diretores dos departamentos esportivos das estações de rádio e TV. Deve-se assinar a união de todas as emissoras para lançarem-se nesta campanha de combate às determinações baixadas pela F.M.F.

● A TV-Rio, levou ante às câmaras, Manuel Barcelos, o presidente da A.B.R. que, com palavras exaltadas, hipotecou solidariedade ao movimento, incitando todos os seus companheiros de rádio e televisão a protestarem violentamente. Indagou o presidente, de que valeria o futebol se não houvesse a grande divulgação através do rádio, imprensa e TV. Não foi essa propaganda, feita gratuitamente, que levou o povo brasileiro ao entusiasmo que hoje tem pelo futebol e não tem ela concorrido, por isso mesmo, como fator preponderante para superlotar os estádios da cidade nos dias de grandes jogos, dando rendas fabulosas, que de ano para ano são superadas? A TV-Tupi realizou inquéritos entre diversos desportistas para saber a sua opinião a respeito do rumoso acontecimento e levou aos seus estúdios alguns vereadores que prometeram falar ao prefeito, a fim de que a situação fosse remediada do melhor modo possível.

● Concordamos plenamente com os protestos das emissoras que seriam prejudicadas na sua tarefa de bem informar ao público. Mas, é preciso pensar também na tristeza que a notícia de que as emissoras não poderiam transmitir os jogos de futebol causou aos «torcedores» de certa idade ou mesmo aos jovens que, por motivo de doença, não podem comparecer aos campos e têm como melhor divertimento ver e ouvir as transmissões feitas diretamente dos locais onde seus clubes favoritos jogam. Há também os torcedores, impossibilitados de comparecer aos jogos e que, não possuindo um aparelho de TV, contentavam-se em ouvir pelo rádio ou ir até a um café, próximo de casa, de onde, através da televisão, assistiam às partidas. Que dizer também dos «torcedores» privados da visão e que acompanham com entusiasmo as transmissões pelo rádio, procurando adivinhar o que se passa no campo? Todas as providências estão sendo tomadas, os senhores vereadores fizeram, ante às câmaras, várias promessas de se interessarem pelo assunto. Veremos como será resolvida a questão...

GRAU DEZ:



... Para Valdir Azevedo e seu conjunto, que no dia 20 se apresentaram na TV-Tupi, em substituição ao programa de Valdir Calmon.

Depois de rápida entrevista feita pelo animador do programa, falando do sucesso do seu «Delicado» nos EE.UU., Valdir Azevedo brindou os telespectadores com ótimas interpretações ao cavaquinho, acompanhado pelo conjunto.

... Para o programa «Cartas de Amor», apresentado na mesma noite, pela TV-Tupi. Antônio Leite interpretou bem o papel do combatente da FEB, ferido durante uma das campanhas na Itália. Toda a apresentação do programa foi bastante boa.

... Para as apresentações de «Proibido Falar», aos domingos, na TV-Tupi. Lídia Matos continua dando ao programa toda a sua simpatia e o conduz de maneira bastante viva e inteligente.



● O programa de Virginia Lane, às quintas-feiras na TV-Tupi, tem um grande número de fãs assíduos. As revistas apresentadas, eram bastante regulares, até há pouco tempo atrás, sendo valorizadas pela presença da vedeta.

De algumas semanas para cá, porém, o programa tem sido apresentado em forma de circo, com números acrobáticos e algumas atrações completamente sem interesse. Os fãs de Virginia só têm oportunidade de vê-la no início e no encerramento do programa. Que tal voltar à forma antiga? Temos certeza de que os telespectadores concordam conosco.

● Os «Shows variados», da TV-Rio, que servem como pretexto para a exibição do seu elenco, são geralmente agradáveis, exibindo algumas atrações de real valor. No entanto, a maneira de apresentar os «shows», ainda não agradou. Em um dos últimos, a idéia de mostrar ante às câmaras um tribunal em que era julgado um empresário, apanhado por um guarda na rua, quando oferecia os seus artistas, não foi má. O acusado resolveu então, frente ao tribunal, improvisar um espetáculo onde os artistas se exibissem e o juiz acabou gostando e dando liberdade ao empresário. A idéia, embora não sendo má, foi péssimamente executada. Enquanto os artistas se exibiam, tudo ia bem, mas, quando a cena voltava a se desenrolar no

VAMOS MELHORAR?

tribunal, e o empresário, o guarda e o próprio juiz procuravam fazer humorismo, a vontade do tendo era mudar de estação. Não seria mais interessante apresentar os números pelos locutores da estação, sem tentar dar um enredo ao «show»?

● Ainda durante as apresentações dos «Shows variados» da TV-Rio, enquanto são mudados os cenários para os números seguintes ouvem-se ruídos de vozes e marteladas, nos estúdios, prejudicando o programa que se apresenta no momento. Esses são pequenos senões que facilmente podem ser corrigidos. Vamos melhorar?

● O som e a imagem da TV-Tupi têm melhorado muito nos últimos meses. Infelizmente ainda uma vez ou outra, talvez devido a deficiências técnicas, a imagem apresenta-se péssima, como aconteceu durante um dos últimos programas de Ari Barroso, prejudicando o interesse por parte dos telespectadores.

● Diversas vezes temos assinalado o interesse dos programas feitos sob a forma de en revistas. Como acontece também com os anúncios e demais apresentações na TV, eles devem ser feitos de forma correta e agradável para os espectadores.

A maneira como os artistas e anunciado-

res se apresentam é notada, desde o modo de falar, até à indumentária.

Naturalmente o animador de um programa esportivo não precisa aparecer sempre de gravata, principalmente quando as transmissões são feitas à tarde. Poderá vestir uma camisa esporte, tão elegante quanto qualquer outra, quando usada corretamente, isto é, abotoada até em cima e sem as pontas do colarinho viradas. O sr. José Maria Scassa, embora sempre bem vestido, por vezes descuida-se desses pequenos detalhes, bem como na maneira correta de sentar-se ante as câmaras.

● Em «Fantasias musicais», na TV-Tupi, cada semana é escolhido um tema para as melodias que são interpretadas pelos artistas. Há duas semanas, a água foi o tema escolhido e números como «Stormy Weather» e «Terra Sêca», foram interpretados. Orlando Correia, cantor de boa voz, foi o intérprete de «Terra Sêca». Apareceu aos telespectadores vestido de sertanejo, com um chapéu de palha bastante desfiado nas pontas, que lhe dava um aspecto ridículo; enxada carregada aos ombros, e, completamente em desacordo com o resto do traje, vestia uma novíssima e elegante camisa esporte.

Esses pequenos detalhes devem ser reparados ou do contrário, as caracterizações não têm valor algum.



D

OBREI a esquina do hotel, cansado e com sono. Caminhara o dia inteiro, tomando contato com a cidade, olhando vitrinas, examinando tipos, lendo tabuletas e painéis, admirando mulheres, ouvindo frases soltas, de diálogos alheios, procurando reconstituir, pela frase mal ouvida, o rumo da conversa, o drama, a intriga, o mexerico, os interesses que uniam aquela gente cheia de gestos e abraços.

Duas horas da manhã. As sete, devia estar no aeroporto. Foi quando me lembrei de que, na pressa daquela manhã, ao sair do hotel em que estivera, deixara no banheiro o meu creme dental. Examinei a rua. Nenhuma farmácia aberta. Dei meia volta, rumei por uma avenida qualquer, o passo mole e sem pressa, no silêncio da noite. Alguma haveria de plantão... Rua deserta. Dois ou três quarteirões, mais além, um guarda. Ele me daria indicação. Deu. Farmácia Metrópole numa rua cujo nome não guardei.

— O sr. vai por aqui, quebra ali, segue em frente.

Eram dez ou doze quarteirões. A noite era minha. Lá fui. Pouco além, dois tipos cambaleavam. Palavras vazias enchiam a rua. Atravessei, cauteloso, para a calçada fronteira. E já me esquecera dos companheiros eventuais de noite sem importância, quando estremeci, percebendo, pelas pisadinhas leves, que um cachorro vinha atrás de mim. Tenho um velho horror a cães desconhecidos. Quase igual ao horror pelos cães conhecidos, ou de conhecidos, cuja lambida fria, na intimidade que lhes tenho sido obrigado a conceder, tantas vezes, me provoca uma incontável repugnância. Mas vem desde criança, com velhos sustos e corridas, este infantil pavor aos virá-latas. Senti um frio no estômago. Confesso que me bambeou a perna. Que desejava de mim aquele cão ainda não visto, evidentemente à minha procura? Os meus bêbedos haviam dobrado uma esquina. Estávamos na rua apenas eu e aqueles passos cada vez mais próximos. Minha primeira reação foi apressar a marcha. Mas desde criança me ensinaram que correr é pior. Cachorro é como gente: cresce para quem se revela o mais fraco. Dominei-me, portanto, só eu sei com que medo. O bicho estava perto. Ia atacar-me a barriga da perna? Passou-me pela cabeça o grave da situação. Que seria de mim, atacado por um cão feroz numa via deserta, em plena madrugada, numa cidade estranha? Como me arranjaria? Como reagiria? Como lutar contra o monstro, sem pedra nem pau, duas coisas tão úteis banidas pela vida urbana?

Nunca me senti tão pequeno. Efeito do uísque de má-morte, ingerido naquela buate encontrada ao acaso, tomou-me uma descontrolada sensação de desamparo. Eu estava só, na rua e no mundo. Ou melhor, a rua e o mundo estavam cheios daqueles passos cada vez mais vizinhos. Sim, vinham chegando. Não fui atacado, porém. O animal já estava ao meu lado, teque-teque os passinhos sutis. Bem... Era um desconhecido inofensivo. Nada queria comigo. Era um cão notívago, alma boêmia como tantos homens, cão sem teto que despertara numa soleira de porta e sentira fome com certeza, saindo em busca de latas de lixo e comida ao relento.

Um doce alívio me tomou. Logo ele estaria dois, três, dez, muitos passinhos miúdos e leves cada vez mais à frente, cada vez mais longe...

Não se prolongou, porém, a repousante sensação. O animal continuava a meu lado, acertando o passo com o meu — teque-teque-teque — nós dois sôzinhos, cada vez mais sós... Apressei a marcha. Lá foi ele comingo. Diminuí. O bichinho também. Não o olhara ainda. Sabia que ele estava a meu lado. Os passos o diziam. O vulto. Pelo canto do olho senti que ele não me olhava também. O focinho para a frente, o passinho tranqüilo, muito suave, na calçada larga.

— Bem, na esquina ele me deixa — pensei quase em voz alta.

Para a esquina fomos. Parei, vagamente, hesitante, sem saber se era naquela ou na esquina seguinte que devia dobrar. E imediatamente vi que o bicho se detinha e me fixava.

— Não me liberto deste bicho — pensei, olhando-o, quase disposto a lutar, a enfrentá-lo com decisão.

Mas o bicho desviou os olhos.

— E' traíçoeiro e covarde — pensei. — Se não tomo cuidado ele me assalta.

E de novo o medo me alcançou. O animal devia estar com fome. Talvez estivesse desesperado. Não podia penetrar-lhe as intenções, é claro. Se ele ao menos me olhasse, poderia formar alguma idéia. Mas ele olhava, com uma curiosidade despreocupada, para outro lado.

Dei dois passos à frente, ele fez menção de marchar. Fiz meia volta à esquerda e atravessei a rua. O animal vacilou, ficou um instante parado.

— Desistiu — disse comigo.

E estuguei o passo.

Mas ainda não alcançara o outro lado, já o tinha junto a mim, as patinhas sutis, em ritmo cadenciado, pipocando no chão.

— Ele há de parar em algum poste. Nesse momento, fujo.

Mas os postes sucediam-se e caso raro entre os cães, ele continuava indiferente. Não farejava, não hesitava, não parava, parecia farto dos cheiros caninos que em todas as árvores, postes, quinas e esquinas tanto excitam os seus irmãos de toda a terra.

Assim foi que continuamos, às vezes mais rápido, outras vezes mais lento, metros e metros, ao longo de calçadas, cruzando ruas, quadras, quadras, quadras.

O medo maior havia passado. Já caminháramos juntos vários quarteirões, e ele não dera indício maior de hostilidade. Provavelmente nada teria contra mim. Não era de briga. Mas a

sua presença me transmitia um indizível desconforto. Marchávamos quarteirões sobre quarteirões sem que houvesse outro alguém nas ruas de iluminação visivelmente racionada. E aquela sensação de continuar sôzinho ao sabor dos caprichos de uma dentada de rafoiro sem dono, sem ninguém para quem apelar, sem porta aberta onde buscar refúgio, punha-me um aperto na alma, impossível de negar.

Com que alívio, num dobrar de esquina, avistei o letreiro luminoso que anunciava a farmácia. Luz vinha do interior. Estava aberta. Lá encontraria outros seres humanos, ouviria voz humana, dividiria com os outros a atenção do animal. Talvez se perdesse por entre os balcões ou por entre as pernas de outros possíveis clientes. Talvez se interessasse por eles. Talvez se assustasse com as luzes da casa e arrepiasse carreira. Ou talvez, pelo menos, estivesse distraído, à minha saída, permitindo-me a fuga.

Entrei. Creme dental. Por que não uma escova nova? Quanto custava a loção de barba anunciada naquele cartaz com um homem sorridente que afinal descobrira o segredo de conquistar o olhar e o coração de todas as mulheres? Era caro? Não era? O que eu queria, na verdade, era encher tempo. Havia que desçoçar o meu estranho companheiro de madrugada, que felizmente ficara lá fora. Após alguns minutos, já pago o creme dental e uma latinha de talco, voltei-me para a porta. Não o vi. Desaparecera, afinal! Boanoitei, satisfeito, e gancei a rua.

Mal dei os primeiros passos, porém, vi que era acompanhado outra vez.

— Você não pirou, seu safado?

O cachorro me olhou pela primeira vez, com olhos tão doces e interrogativos, que me comovi. Pareceu-me ver o desespero da sua incompreensão, menos pelas palavras que pelo tom áspero que lhes dera. Parei. E foi numa tentativa de reconciliação, envergonhado comigo mesmo, que sorri para o meu misterioso acompanhante:

— Como é, compadre... você não tem casa?

Naturalmente ele não entendeu as palavras, mas sentiu que o tom era outro. Havia agora uma tranqüilidade amiga nos seus olhos bons.

Recomecei a caminhada, pleque-pleque ele seguia, sereno, humilde, cabisbaixo.

Resolvi fazer experiência. Dobrava esquinas, cruzava as ruas, ia de uma para outra calçada. Sempre que mudava de rumo ele estava a meu lado, não atrás, não à frente, silencioso e calmo, sem mostrar surpresa, com um jeito cansado de resignação e doçura.

Voltei a falar-lhe várias vezes. Sempre que falava, detinha-me. Ele se detinha também e me encarava com uma curiosidade muda e mansa. Não havia sofrimento na sua impossibilidade de responder. Nem esforço. Era um pobre cão de rua na madrugada sem homens nem carros nem barulhos.

Como se chamaria? Fiel? Sultão? Peri? Lord? Leão? Joli? Chamei vários nomes e nenhum teve sentido. Era cão sem dono e sem nome, apesar de não dar impressão de desnutrido, que ele saberia seguramente se defender na batalha pelos ossos da rua.

Mas não estaria com fome?

Assaltou-me de novo aquela idéia. Aquela marcha silenciosa ao lado do homem desconhecido talvez não significasse outra coisa.

MADRUGADA

— Está com fome, velhinho?

Seus olhos doces nada disseram, mas ainda convenci-me de que era esse o problema. Tive remorso da minha insensibilidade. Fiel, Lord ou Sultão, com ou sem dono, ele tinha fome. Por isso caminhava pela noite a dentro. Por isso aderira ao primeiro passante. E alonguei os olhos a ver se descobria algum bar ou botiquim. Alguns quarteirões adiante, numa rua transversal, havia feixes de luz sobre a calçada. Para lá rumei, certo de que o meu amigo me acompanharia. Os passinhos se amudaram em meu seguimento. Era um bar de última classe. Um mulato dormia, a cabeça caída sobre a mesa de ferro.

— Tem queijo?

Atirei-o ao cachorro. O animal olhou-o com indiferença.

— Mortadela?

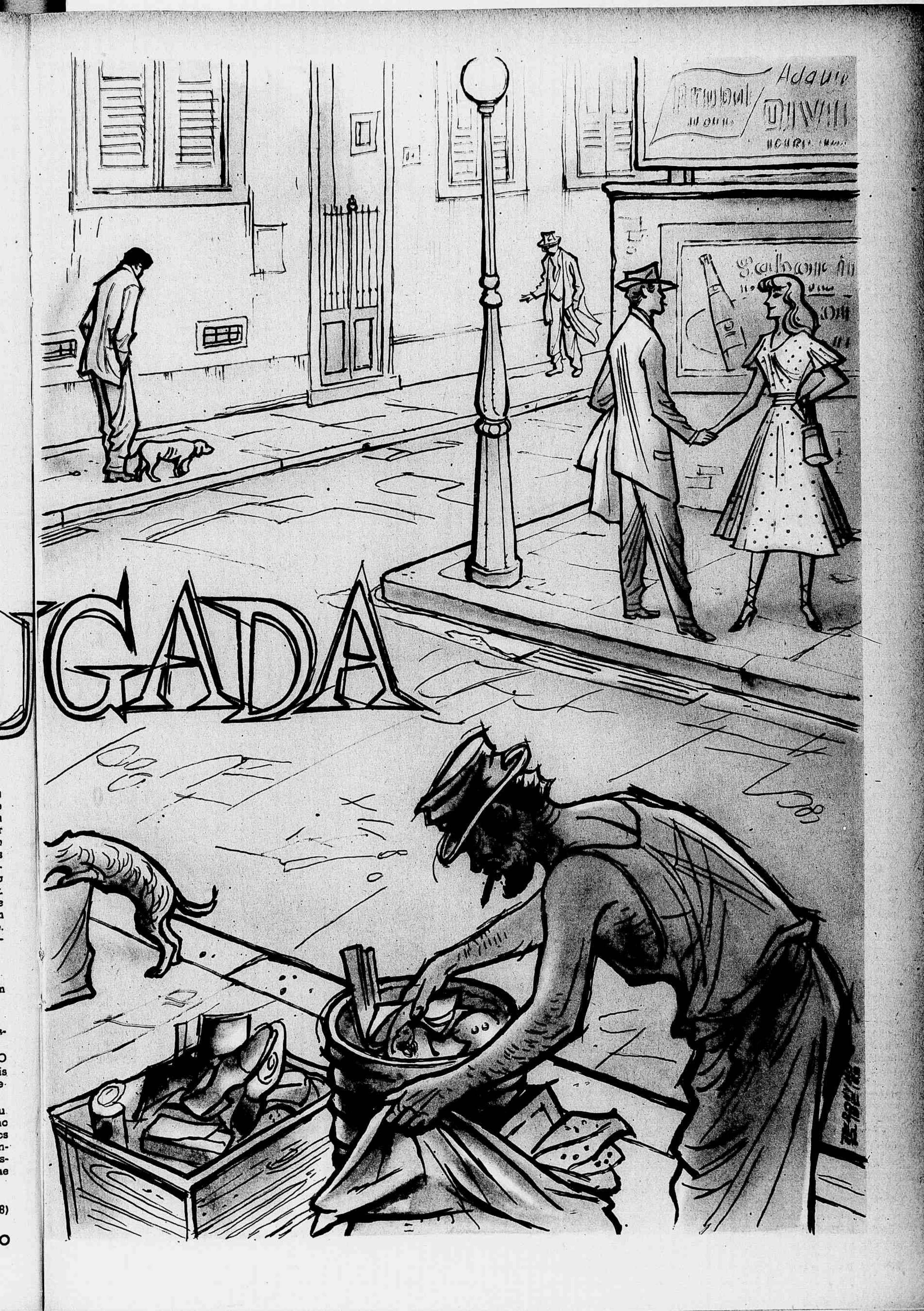
O meu companheiro não se mostrou interessado.

Vi um pernil de porco. Pedi um pedaço. O português do balcão me achava muito mais bêbedo que o seu bebedor solitário e adormecido. Mas satisfez a encomenda.

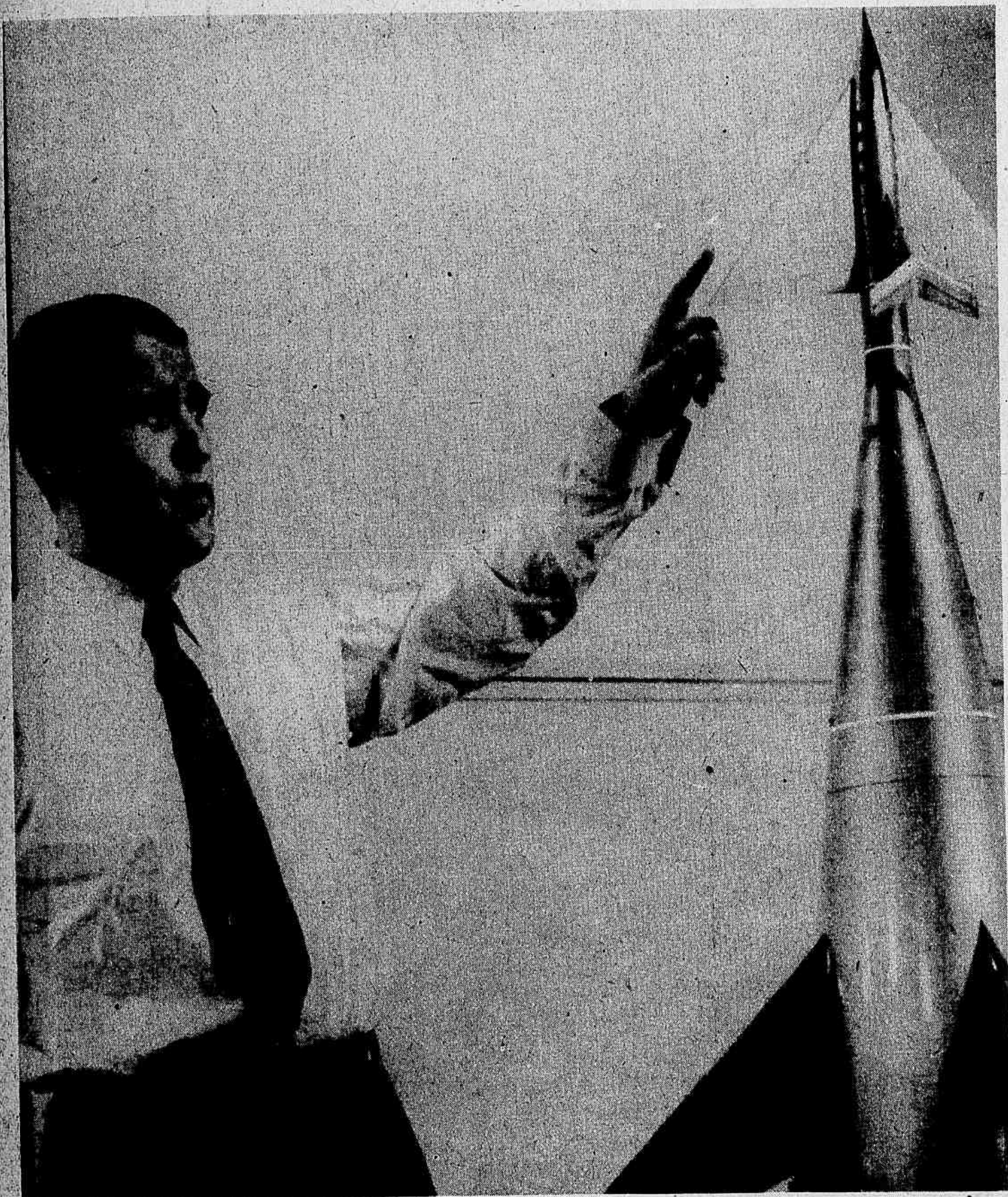
Abaixei-me, chamei o cão, ele se aproximou, agitando a cauda, estendi-lhe, sem o jogar no chão, o naco cheiroso e tentador. O cachorro os olhos onde nadava uma doçura anda mais contagiada, contemplou longamente a oferta inesperada e voltou-se para a rua, como a dizer que não tinha fome.

— Quanto é?

(Cont. na página 48)



CONCLUÍDOS NOS ESTADOS UNIDOS OS PLANOS PARA A PRIMEIRA



O ENGENHEIRO Werner Von Braun, inventor da V-2, alemã, aponta aqui para um modelo de sua invenção, destinado a, em futuro bem próximo, atingir a Lua, Marte e outros corpos celestes não muito afastados da terra. O dr. Braun é chamado «o Cristóvão Colombo» do espaço sideral.

● Remonta a 300 anos, o desejo do homem em conquistar o espaço sideral. Inúmeras têm sido as idéias fantasiosas que se criam através dos séculos buscando algo de positivo ou explicação verossímil para as histórias que só a mente humana pode fantásticamente criar. Desde 1850, os cientistas vêm estudando os planos de Júlio Verne, a princípio tido como louco e fantasista, mas na realidade um criador consciencioso e ao mesmo tempo inteligente. Quem, à época dos seus primeiros livros, julgaria possível o submarino, o avião a jacto e os balões aéreos, a viagem à lua, enfim, uma série de fantásticas histórias de mil e uma noites? Certamente ninguém. Mas o tempo, a capacidade criadora dos inventores e o progresso da ciência, nos permitiram ultrapassar o caminho do sonho e chegar à realidade do avião a jacto e do submarino atômico.

Essa consideração é necessária para termos base científica e para argumentar o que hoje vamos contar aos leitores. Não nos limitaremos a dar corpo às idéias fantasiosas nem aos estudos prematuros das viagens inter-planetárias. Deixaremos de mão o fenômeno «Disco Voador», hoje identificado como um engenho moderno e pertencente ao nosso mundo. Foram definitivamente afastadas as hipóteses de aparelhos inter-planetários. Queremos divulgar os até então secretos planos de construções de satélites da terra, foguetes dirigidos e naves inter-planetárias. E para isso contamos com os subsídios que nos legou o Departamento de Estado, ao divulgar em Copenhague, por ocasião do conclave internacional de foguetes inter-planetários, os dados técnicos e as estimativas atuais da indústria americana no campo das explorações siderais.

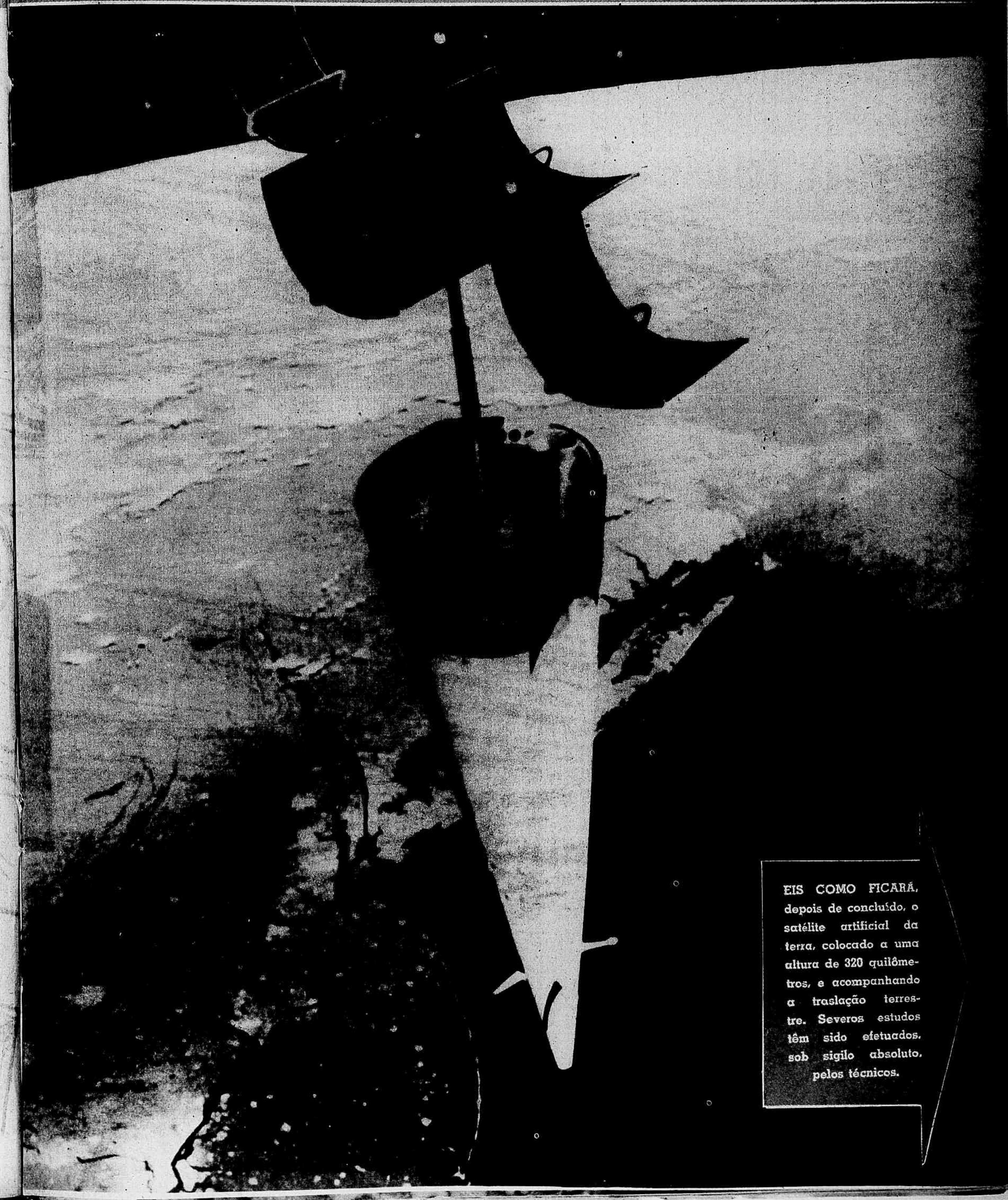
NOS DESERTOS DE NEVADA, EM ABSOLUTO SIGILO, SEMANALMENTE, OS TRABALHOS PREPARATÓRIOS – SATÉLITES A TRINTA MIL QUILOMETROS HORÁRIOS, FARÃO A VOLTA AO MUNDO EM 90 MINUTOS – EM 1960, O PRIMEIRO SALTO À LUA, E, EM 1970, O LEITOR PODERÁ ADQUIRIR SUA PASSAGEM PARA VISITAR O PLANETA MARTE, DE ACÔRDO COM AS REVELAÇÕES FEITAS PELO DEPARTAMENTO DE ESTADO, EM COPENHAGUE – SUPERADO O ENIGMA DO DISCO-VOADOR.

Reportagem de LUIZ MENEZES
(Foto U.P.)

É preciso salientar-se que os estudos feitos pelos cientistas norte-americanos, russos, alemães, franceses e ingleses, nada têm de fantasioso, pois o próprio Presidente Eisenhower aprovou os planos e o orçamento de construção do satélite da terra; que será colocado a 25 mil metros de altitude. Tudo que até agora foi feito e o que se está fazendo, cerca-se de metódica engenharia e progressiva técnica.

Fazer gravitar um pequeno satélite artificial ao redor da terra, a 29 mil quilômetros-hora, é apenas um pequeno passo, numa sequência ordenada de experiências. Os professores **Allan Waterman, Allan Shapley e Athesltan Spulnaus**, autores do projeto de satélite artificial americano, fizeram publicar recentemente na Revista «Collier's» as fotos que hoje apresentamos com exclusividade. Os três cientistas americanos tri-

ESTAÇÃO INTER-PLANETÁRIA

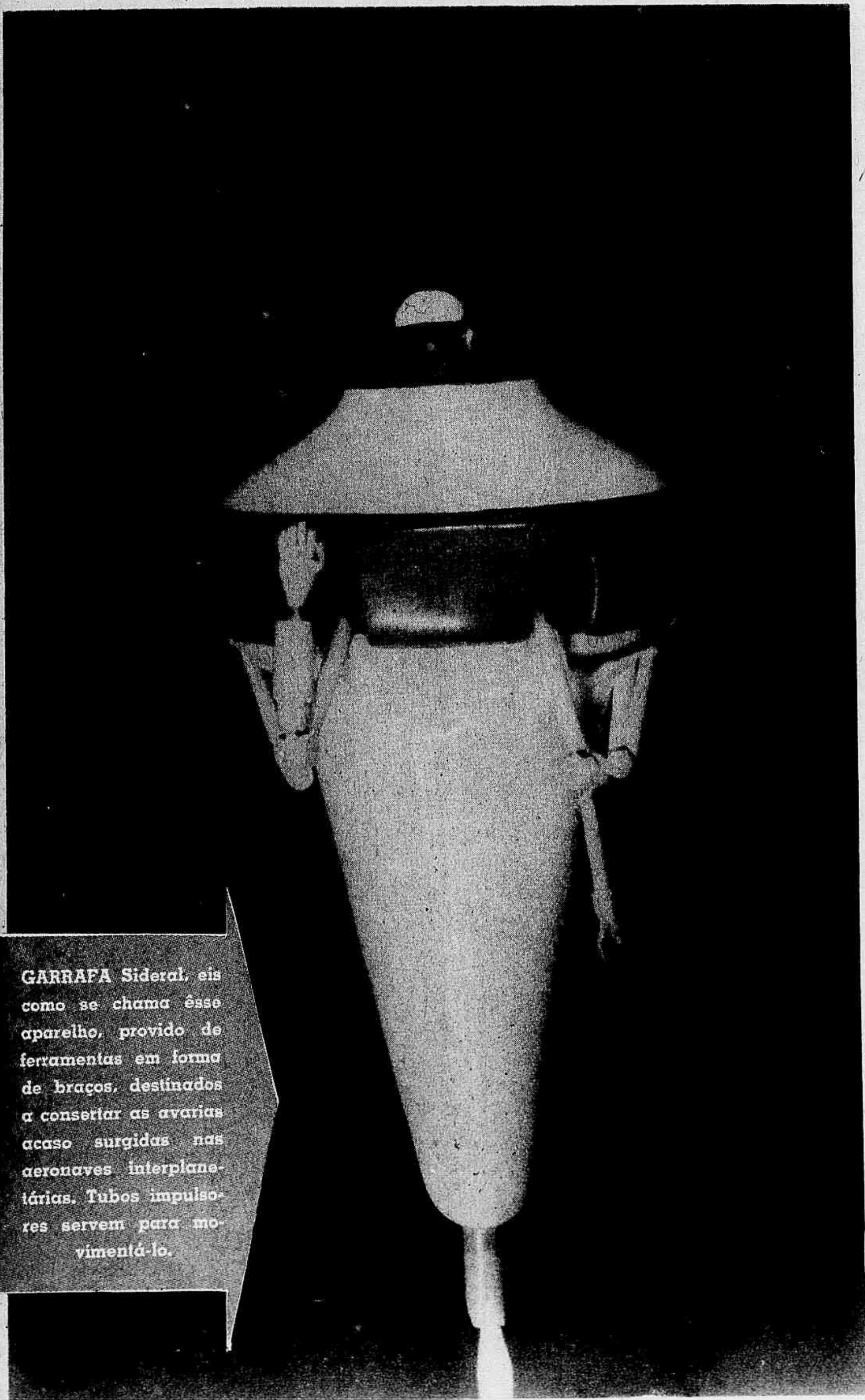


EIS COMO FICARÁ, depois de concluído, o satélite artificial da terra, colocado a uma altura de 320 quilômetros, e acompanhando a traslação terrestre. Severos estudos têm sido efetuados, sob sigilo absoluto, pelos técnicos.

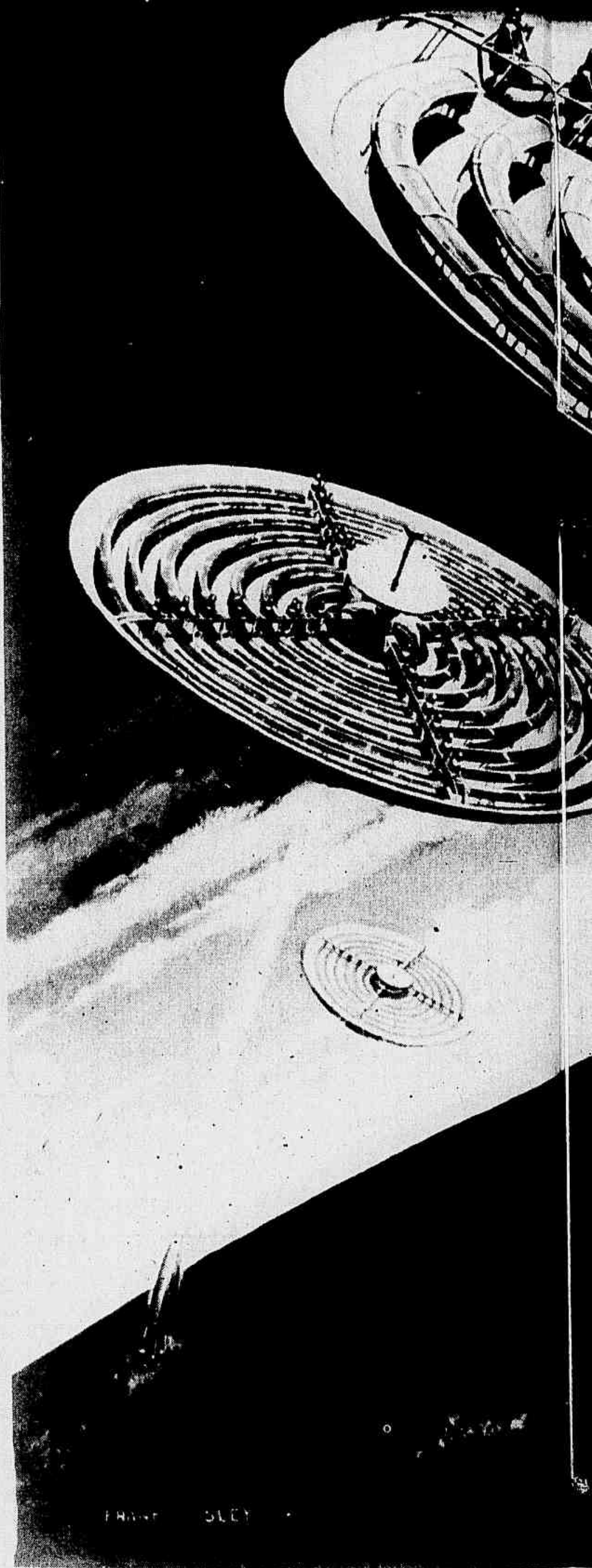


EM COPENHAGUE, na Dinamarca, teve lugar há pouco, o Sexto Congresso Internacional de Astronáutica. 150 delegados, representando 16 países compareceram ao conclave, onde importantíssimas decisões foram tomadas.

PRIMEIRA ESTAÇÃO INTER-PLANETÁRIA

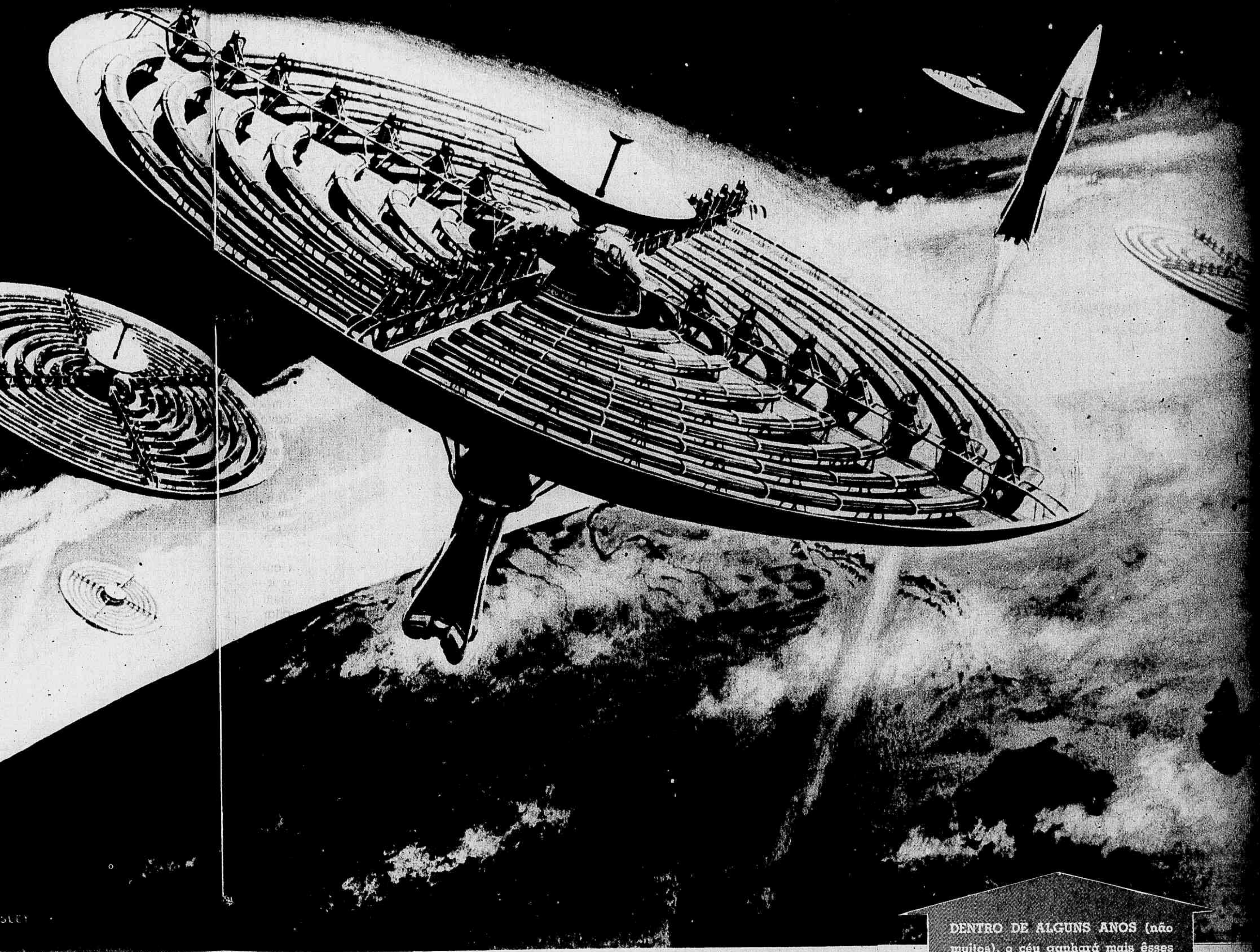


GARRAFA Sideral, eis como se chama esse aparelho, provido de ferramentas em forma de braços, destinados a consertar as avarias acaso surgidas nas aeronaves interplanetárias. Tubos impulsores servem para movimentá-lo.



sam, entretanto, nessa entrevista, que numerosos fatores desconhecidos retardam a série de experiências previstas. Uma das dificuldades possíveis seria a presença no espaço e na alta atmosfera de bancos de meteoritos, da dimensão de uma cabeça de alfinete, que poderiam destruir o satélite, se a sua densidade não fôsse suficiente.

Os autores do projeto, por outro lado, declararam que projetavam a possibilidade de colocar pequenos animais e sementes em estado de germinação nos satélites artificiais, quando pudessem trazer os mesmos à terra novamente. Frisaram, todavia, que não há relação alguma entre o projeto e o controle recíproco dos armamentos, por fotos aéreas, o que evidencia o critério altamente científico dessas experiências, ao invés de ardis militares, como já se noticiou na imprensa européia. Disseram mais; que os resultados a que chegarem serão postos à dispo-



essa entrevista, que numero-
hidos retardam a série de
istas. Uma das dificuldades
presença no espaço e na alta
cos de meteoritos, da dimen-
ça de alfinete, que poderiam
se a sua densidade não fôsse

projeto, por outro lado, decla-
avam a possibilidade de colo-
nais e sementes em estado de
satélites artificiais, quando pu-
mesmos à terra novamente.
que não há relação algum
o controle recíproco dos arma-
aéreas, o que evidencia o cri-
tífico dessas experiências, ao
itares, como já se noticiou na
a. Disseram mais; que os re-
egarem serão postos à dispo-

sição dos cientistas de todo o mundo, para os
exames que julgarem necessários.

Consta das revelações feitas pelo Departa-
mento de Estado, em Copenhague, a disposição
do governo americano em lançar o primeiro sa-
télite da terra, dentro de 5 anos, completando o
que chamarão de «Ano Geofísico Inter-
nacional».

O primeiro balão não conterá animais, mas so-
mente pequenos aparelhos, destinados a regis-
trar as temperaturas, condições atmosféricas,
elementos naturais da composição do ar, etc.
Já o segundo satélite levará em seu bordo ma-
cacos «Rhesus», os mesmos utilizados recente-
mente para a vacina chamada «Salk». Será es-
ta a primeira experiência acima de 25 mil me-
tros, em que se usam seres animados.

Segundo o Departamento de Estado, esses
aparelhos formarão uma espécie de base inter-
planetária, a grande altura da terra. Delas se-

rão lançados futuramente os foguetes dirigidos
que se destinam a tirar fotografias da terra, pa-
ra situar-lhe a dimensão exata e formato. Para
essa classe de experimentos ainda não
se descobriu o metal adequado a resistir à alta
pressão atmosférica. Subiriam esses foguetes
até alturas superiores a 45 mil metros. Sabe-se,
porém, que várias ligas metálicas estão sendo
experimentadas diuturnamente.

O problema material do lançamento para os
próximos cinco anos, é o de se conseguir que o
satélite chegue aos extremos da atmosfera ter-
restre, com uma velocidade de 30 mil quilôme-
tros horários — que lhe permitirá girar sobre si
mesmo e ao redor do mundo em 90 minutos. —
Acreditam os cientistas americanos que esse
problema já está resolvido, mas não divulgaram
os estudos feitos nesse sentido. Pode-se adian-
tar em primeira mão que parte desses experi-
mentos estão sendo realizados com frequência

DENTRO DE ALGUNS ANOS (não
muitos), o céu ganhará mais esses
corpúsculos, satélites artificiais da
Terra, destinados a averiguar as
condições de atmosfera, calor, umi-
dade, etc., tendo em mira uma
viagem interplanetária.

no deserto de Nevada, em absoluto sigilo e
quase que semanalmente. O radar tem sido até
agora o elemento de maior valia para a classe
de experiências atuais. As anotações mais des-
prezíveis têm possibilitado progressos incomen-
suráveis nessa nova era da ciência universal,
que promete para dentro de 15 anos a primeira
viagem à lua. De fantasia cremos ser impossí-
vel caracterizar essa afirmação, uma vez que a
ciência da astronáutica é bem mais complexa
do que se possa imaginar. Só o tempo poderá
dizer da realidade e da honestidade de propó-
sitos dessa categorizada façanha.

ADRIANA LECOUVREUR

Por LUDOVIC DE LARTIGUES

CAPÍTULO III

Desenho de RAMÓN

— Menina, há em você algo que não me agrada.

— O que, senhor?

— Seu nome. Não acha que é, para uma atriz, feio e pouco significativo?

— Não sei... Mas se o senhor diz...

— Vejamos... Foi Le Grand quem a descobriu; não acha melhor acrescentar um Le diante de seu sobrenome? Le Couvreur, não é mais interessante? Adriana Le Couvreur, que tal?

— Está bem, senhor.

Pouco modificou sua arte o novo sobrenome. Não aumentou nem diminuiu sua assiduidade ao trabalho, suas leituras prosseguiram intensas, sua humildade a mesma. Os livros que lhe caíam às mãos eram devorados avidamente. Cheia de bom gosto, até no vestir sabia distingui-lo da afetação. Lille estava àquele tempo cercada por soldados espanhóis, que assaltavam a cidade havia já alguns meses. Os cidadãos buscavam suportar da melhor maneira a pressão inimiga, distraíndo-se de todos os modos. O teatro, portanto, estava cheio sempre. Os espectadores recebiam com carinho as peças e seus intérpretes, não negando aplausos aos verdadeiros valores. Pela beleza e juventude, Adriana era das mais requestadas; pelo seu talento, das mais admiradas; e as ofertas mais ou menos sentimentais de admiradores, e as mais diretas de possíveis «protetores» começavam a avolumar-se. Com quinze anos, era Adriana uma mulher lindíssima. Gole a gole sorvia o licor da vida, sem saber que, no fundo, o gosto mais amargo lhe estava reservado.

Quando Lille caiu, Adriana passou para o teatro de Luneville, já desempenhando os primeiros papéis da companhia local. O teatro era propriedade do Príncipe de Lorena. Com tal contrato, a independência econômica da jovem atriz era afinal conquistada. Alugara ela um apartamento no quarteirão mais elegante da cidade, numa elevação de onde se descortinava todas as imediações. Mobilizara-o com bom gosto, enchera-o de obras de arte. Na paz da modesta cidade, cercada de seus objetos artísticos, floresceu novo idílio amoroso. Idílio romântico, cheio de delicadas nuances. Chama-se Nemours o novo amor de Adriana, que não se alimenta, não vive, não representa, senão em intenção ao novo galã. Mas o destino de novo intervém. E um dia o barão Leroy, amigo de Nemours, anuncia a Adriana que seu noivo caiu do cavalo e morrerá instantaneamente. Adriana suporta estóicamente esse novo golpe. Continua a representar, nos dias de espetáculo, como se nada tivesse acontecido em sua vida. Mas em seu íntimo, parece que algo morreu. Sua vontade está aniquilada, é um autômato quem agora representa em seu lugar.

Por sua vez, o barão Leroy, com a desculpa de sua amizade por Nemour e Adriana, e a pretexto de consolá-la, vai aos poucos lhe confessando sua própria paixão. A atriz ainda resiste por algum tempo, mas termina por tornar-se amante do barão, mecânicamente, sem amor. De um lado, a brutalidade, de outro, a passividade: o barão termina por cansar-se, enquanto Adriana, desgostosa, prossegue em sua atuação nos palcos. Vai ser mãe, porém, e em breve terá de retirar-se, por alguns meses. Quando a inocente Elisabeth veio ao mundo, encontrou seus pais já fartos um do outro. Pouco tempo depois, era a separação. Não houve choro, nem constrangimento de parte a parte: não havia nada a lamentar, pois nada, naquela paixão, fora legítimo.

Tal episódio lhe ficou na memória, não no coração. Esse manteve-se intacto, a miséria

falaz da carne não o havia tocado. Adriana era singular. Amava o amor, do qual possuía uma concepção alta e sublime. Mesmo depois de ter tido uma filha, ela se mantivera e se sentira pura, tendo conservado o amor encerrado na parte mais remota de seu ser, vibrando em sua alma ainda tímida e casta.

— Olá, Clavel, que encontro agradável!

— Cara Adriana, não sabia que eu também fora contratado para a temporada de Lorena? Recitaremos certamente juntos, não? Sei que fez grandes progressos.

— Devo-os à sua irmã em grande parte.

Adriana, ao reaproximar-se de Clavel, de certo modo revivia os dias maravilhosos de Lille, quando travava pela primeira vez contacto com a arte teatral. O antigo protetor, defronte não mais da menina inexperiente, mas da mulher completamente desabrochada, sentiu-se novamente tomada de louca paixão.

Transferindo-se a Strasburgo, passou a atuar no teatro local. Mas o dinheiro que recebia, embora não fôsse pouco, não bastava para as despesas da família longínqua. O pai, num manicômio, a mãe em Paris, a irmã doente e sem recursos, e a filha entregue a uma ama-sêca consumindo-lhe as economias. Por outra parte, a estação fora financeiramente um fracasso. A atriz, por tudo isso, deveria desfazer-se de seus objetos de arte. Em breve, nada mais restava de sua antiga opulência. Conheceu a humilhação da necessidade imponente, até que, não mais podendo resistir, foi encontrar num homem a proteção financeira de que necessitava. Aliás, para os tempos, não era estranho o fato: rainhas, princesas e grandes da Corte, possuíam um ou mais amantes, dos quais se vangloriavam, e por meio dos quais manejavam a vontade. O amante, naquele tempo, era uma espécie de professor, protetor e trampolim para futuros saltos.

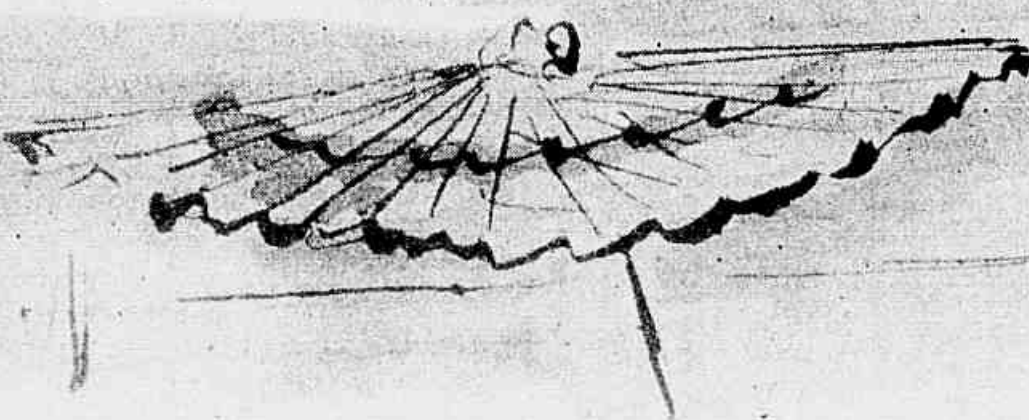
No dia 14 de maio de 1717, Adriana pela primeira vez pisava o palco da «Comédie Française». E foi uma revelação para o público parisiense. Trazia ao teatro uma nova maneira de representar. Nunca a «Electra» fora encarnada de maneira tão dolorosa por atriz alguma. Todos louvavam-lhe a simplicidade e ao mesmo tempo a grandeza do desempenho. O maior crítico da época, entusiasmado, escreveu no outro dia num jornal: «Adriana é uma rainha entre comediantes».

A conquista da grande capital foi rápida: o próprio Luiz XIV, após tê-la visto representar, cumprimentou-a pessoalmente, dando-lhe o título, sumamente honroso, então, de «Comediante Ordinária do Rei». No ator Baron, encontrou Adriana talvez o seu maior mestre, aquele que lhe aperfeiçoou as últimas arestas da genialidade. Quando juntos declamavam, era como se os personagens milenários, escapados de seus sepulcros, se oferecessem ainda uma vez aos olhos maravilhados dos assistentes. Adriana Le Couvreur encarnou Jocasta, Paulina, Atalia, Ze-

nóbia, Electra, Erminone, Erífle, Emília, Mariana, Cornélia e sobretudo Fedra. Entre seus maiores amigos, contava-se François Marie Arouet, o homem que as gerações futuras conheceriam sob o nome de Voltaire, e que lhe havia dedicado cerca de cinco ou seis peças de sua autoria. Não fora Voltaire, e a vida de Adriana, a quem só os triunfos, as riquezas e as amizades comuns não bastavam, teria sido mais árida e triste do que realmente foi. Voltaire chegou inclusive a pedir que, quando mortos, fôssem ambos enterrados lado a lado. Mas seu voto jamais seria cumprido.

Um jovem distinto, elegante e sobretudo rico, espera agora Adriana todas as noites à porta do camarim. É D'Argental, filho de família nobre, que está enamorado loucamente da atriz. Adriana não deseja mais ser amada por ninguém, e dirige ao mancebo palavras de conselho, quase em tom maternal. Pouco a pouco, transmuta aquela grande paixão em valiosa amizade. D'Argental, o fiel, D'Argental, o amigo, há de ser para Adriana o esteio de todos os momentos. Com D'Argental muitas vezes trocava cartas, alguns das quais verdadeiros modelos do gênero. Tão longe levava seu aprimoramento intelectual, que artistas de todas as espécies, filósofos, cientistas, e nobres, liam-lhe suas últimas produções, pedindo-lhe opinião sobre suas pesquisas, ou simplesmente lhe disputavam o cumprimento. A todos sabia contentar, com palavras sábias e doces.

A tempestade, afinal, surgiu naquele céu onde tudo parecia calmo e silêncio. Um amor irresistível, onde só havia solidão. Um homem enfim aparecera, que fizera Adriana palpitar novamente de paixão. Era Maurício, filho do rei Augusto II, da Saxônia e da Polônia, e da Condessa Aurora de Koenigsmark, da Suécia. Militar desde a mais tenra idade, aos quinze anos seu pai lhe entregara um regimento de cavalaria, que foi quase que totalmente destruído num primeiro encontro. Voltado à Saxônia, para organizar nova tropa, sua mãe aproveitou o ensejo para fazê-lo casar-se com uma jovem de sua idade, filha do conde de Loeben. Maurício casou-se, para obedecer à mãe. Mas cedo esqueceu-se de que tinha mulher. Quando estourou na Polônia a guerra civil, correu para lá, fim de defender o trono paterno, tomando assédio Stralsunda. Terminada a revolução, volta Maurício à Corte de seu pai, mas já não poderá mais suportá-la. O clima lhe parece irrespirável, as mesquinhas se sucedem com uma regularidade espantosa. Decide então partir para Paris. Corria o ano de 1720 quando chegou à França. O regente o recebeu com grande regozijo, oferecendo-lhe o cargo de marechal do Exército Francês — que ele aceitou, não sem antes pedir o consentimento do pai, bem como depois de ter pedido e de lhe ter sido concedido o divórcio.



Na França levou êle uma vida libertina, em que as aventuras galantes (era alto, belo, jovem, rico, enfim: tinha tôdas as qualidades que costumam atrair as mulheres) desempenharam papel de relevância. Não é de estranhar, pois, que a atriz Adriana, muito embora sua inteligência, se visse em breve colhida nas malhas de uma poderosa paixão. Maurício da Saxônia foi, para Adriana Le Couvreur, uma espécie de aurora boreal depois de uma longa e penosa noite polar.

Os primeiros tempos foram um delírio. Até a arte, à qual devia Adriana suas mais gratas recordações, ficou ingratamente relegada a um segundo plano. Maurício era agora sua única preocupação.

Depois, porém, começaram a aparecer, naquele amor que parecia sem qualquer senão, as primeiras imperfeições. O ciúme, as incompreensões e intolerâncias recíprocas, as esperas angustiosas durante as inúmeras viagens de Maurício, começam a se fazer sentir. Maurício não era fiel àquela que nada lhe negou. Aos amôres de circunstâncias, mais de uma vez sacrificou o amor de Adriana Le Couvreur. Que fazer? Não conseguiria jamais modificar sua índole impaciente e inconstante, sua paixão pelas aventuras e pelas mulheres.

(Cont. na pág. 40)



CONVERSA DE MULHER

LIGIA JUNQUEIRA



SUGESTÃO PARA O LAR

● Para um recanto da sala de estar sugerimos um interessante conjunto em tubos de alumínio anodizado (material muito em moda para a decoração e confecção de móveis e utensílios). O grupo pode servir para pequenas refeições de 4 pessoas e para o joguinho de «canastra». Os assentos em plástico contrastam com a tonalidade do alumínio. O tampo da mesinha é em plástico translúcido, inquebrável e resistente a manchas de bebidas, ou a um cigarro aceso. Um bonito linoleum com motivos simples, imitando madeira, e contrastando com o colorido das paredes, fornece o fundo apropriado ao conjunto ultra-moderno.

Depois...

Depois de passado o tempo feliz e um tanto inconsciente do noivado tem início uma nova vida. Muitas vezes chega-se ao matrimônio com a cabeça cheia de idéias tiradas dos romances que se leu na juventude, e só se pensa nas horas de felicidade. O casamento, porém, é uma coisa séria, e assim deve ser considerado. Naturalmente, haverá horas de amor e felicidade, horas felizes e serenas, mas é preciso que se esteja também preparada para as dores e adversidades que, inevitavelmente, a vida traz consigo.

Fácil é enamorar-se a ponto de querer casar, menos fácil é saber manter vivo o amor recíproco, durante anos e anos... Muitos são os perigos, e um dos maiores é o "hábito"! Compete à mulher defender o seu casamento com todas as suas forças evitando cair na rotina.

O marido, todo o dia fora de casa, absorvido em seus problemas de trabalho, não se interessará muito pelos problemas familiares. Sua vida leva-o, com o passar do tempo, a achar que as outras mulheres é que são interessantes e perfeitas em comparação com a esposa, da qual conhece bem demais os defeitos e de cujas qualidades vai se esquecendo com o passar do tempo. Cabe à mulher fazer com que ele prefira a intimidade do lar, tornando-o confortável e mantendo sempre vivo o seu afeto.

Muitos casais não se dão bem por "incompatibilidade de gênios". Ora, na maioria das vezes, essa palavra apenas significa falta de controle e educação de um dos esposos. Ou melhor, educação diferente dos

dois. Antigamente as mulheres não se interessavam pelo trabalho do marido, mas os tempos mudaram e hoje a esposa enamorada e inteligente sentirá, espontaneamente, vontade de participar espiritualmente do trabalho quotidiano do esposo, de aconselhá-lo, consolá-lo e ajudá-lo. A mulher é muito mais forte diante das dores físicas e morais, e muito mais corajosa, também, diante das atribulações.

Sua vida é cheia de pequenos e continuos sacrifícios: quando esconde o cansaço de um dia trabalhoso apresentando-se bem disposta ao chegar o marido; quando à mesa lhe deixa sempre o melhor quinhão; quando não se esquece de festejar com uma lembrança o aniversário do casamento, do marido... (ao menos noventa por cento dos homens se esquecem de todas as datas aniversárias...)

Não dê muita importância às palavras e gestos de seu marido que possam lhe parecer ofensivas — provavelmente a culpa é dos negócios, do trabalho — o "que disse lhe saiu num momento de nervosismo".

Outra coisa: nunca lhe peça aquilo que ele não lhe pode dar. Se realmente a ama, será o primeiro a sofrer por não aceder ao seu desejo, e ter de responder-lhe com uma recusa.

Por fim, faça com que a casa e você estejam sempre em ordem. Ele será feliz se, depois de ter cuidado de dar-lhe conforto e bem estar, você ainda acha tempo de ser elegante. Faça sempre tudo com dedicação e amor — esse lhe será devolvido consolidado e aumentado, pelo homem que ama.

Notinhas úteis

★ Mesmo que você esteja muito ocupada em casa... procure não receber o seu marido à tarde com a roupa toda em desalinho, como se fosse um espantalho. Ponha um vestido limpo, passe o pente nos cabelos, um pouco de baton nos lábios e vá abrir-lhe a porta...

★ Nos cartões de visita de um casal o nome do marido — que é o chefe da família — deve preceder o da esposa. O mesmo acontece em convites, participações, cartas de felicitações, etc. assinados pelos dois.

★ Primeiro eu... não! Quando se fala ou se escreve nunca se nomeia primeiro a si mesma e depois uma segunda pessoa — irmã, amiga, colega, etc. — é extremamente deselegante e incorreto. Quando falar do cãozinho, do gatinho ou de outros animais, ponha, então, o seu nome primeiro. Diga: "eu e o meu Lulu", "eu e o meu cavalo"... Os animais não se importarão com a precedência...

Week-end na cozinha



● Eis uma torta de sabor delicado e que, além disso, permite aproveitar as claras restantes da confecção de algum outro doce. Fará ótima figura num almoço ou jantar elegante. Pode ser preparada com certa antecedência, pois o gosto ganha muito se se deixa esfriar por algumas horas, antes de ser servida.

1 — Ponha numa tigel de tamanho regular 4 ovos inteiros, 150 gramas de açúcar e uma colherinha de essência de baunilha. Bata bem, com uma colher de pau. Junte 150 gramas de manteiga derretida e meia xicara de café frio e bem forte, sempre mexendo com a colher de pau.

2 — Junte aos poucos 400 gramas de farinha de trigo peneirada (por 3 vezes) com uma colher das de sobremesa de fermento em pó.

3 — Ponha para assar numa fôrma para torta, de 22 centímetros de diâmetro aproximadamente (fôrma com borda alta). Forno previamente aquecido; deixar assando perto de 40 minutos. Tire da fôrma e deixe esfriar.

4 — Ponha no fogo perto de meio copo d'água, com 50 gramas de açúcar, deixe até que este se tenha desmanchado. Tire do fogo. Junte 1/2 copo de licor de cacau. Derrame sobre a torta, de maneira a ensofá-la muito bem e por igual.

No momento de servir enfeite a torta com creme de leite batido com açúcar (creme Chantilly).

Um pouco de beleza

ESPORTE E BELEZA

O esporte, a vida ao ar livre, constituem um dos principais fatores para a beleza saudável da pele e a elegância das linhas do corpo. Portanto, não deixe de frequentar as praias ou de realizar passeios e excursões apenas por ser inverno, mesmo que more em cidade onde o frio é relativamente intenso.

Agasalhe-se, vista trajes mais abrigados do que os de verão, e vá respirar o ar puro das praias ou das matas. Vale mais para sua beleza que horas de massagens e tratamentos.



Mary Murphy (Paramount)

EM MODA AS SARDAS!

● O conceito de beleza feminina muda de um ano para outro. Ora é a forma dos olhos ou das sobrancelhas que varia, ora o feitio dos lábios ou o colorido das faces. Agora está em pleno furor na Inglaterra a moda das «sardas». Aquelas que as possuem naturais procuram acentuá-las com o uso de cremes que dão-lhes uma tonalidade quase dourada. A popularidade das sardas começou quando se apresentou à sociedade inglesa a «debutante» dinamarquesa Charlotte Bergsøl, em todo o esplendor de suas milhares de sardas, sem procurar disfarçá-las... Como na Inglaterra não são poucas aquelas que possuem esse acessório de «beleza da cútis» a moda pegou. Qualquer dia estará aparecendo por aí uma «Rainha das Sardas»...

PARA A BELEZA DO ROSTO

● Eis uma receita ótima de «máscara para o rosto», que pode ser aplicada com toda facilidade: espalhe sobre toda a face um pouco de creme de leite fresco. Deite-se e descanse por meia hora para o «creme» fazer sentir os seus efeitos benéficos. Depois, remova-o com água, e termine o tratamento com aplicação de água gelada. A pele se apresentará fresca e «luminosa»!

"SOMBRA" PARA A NOITE

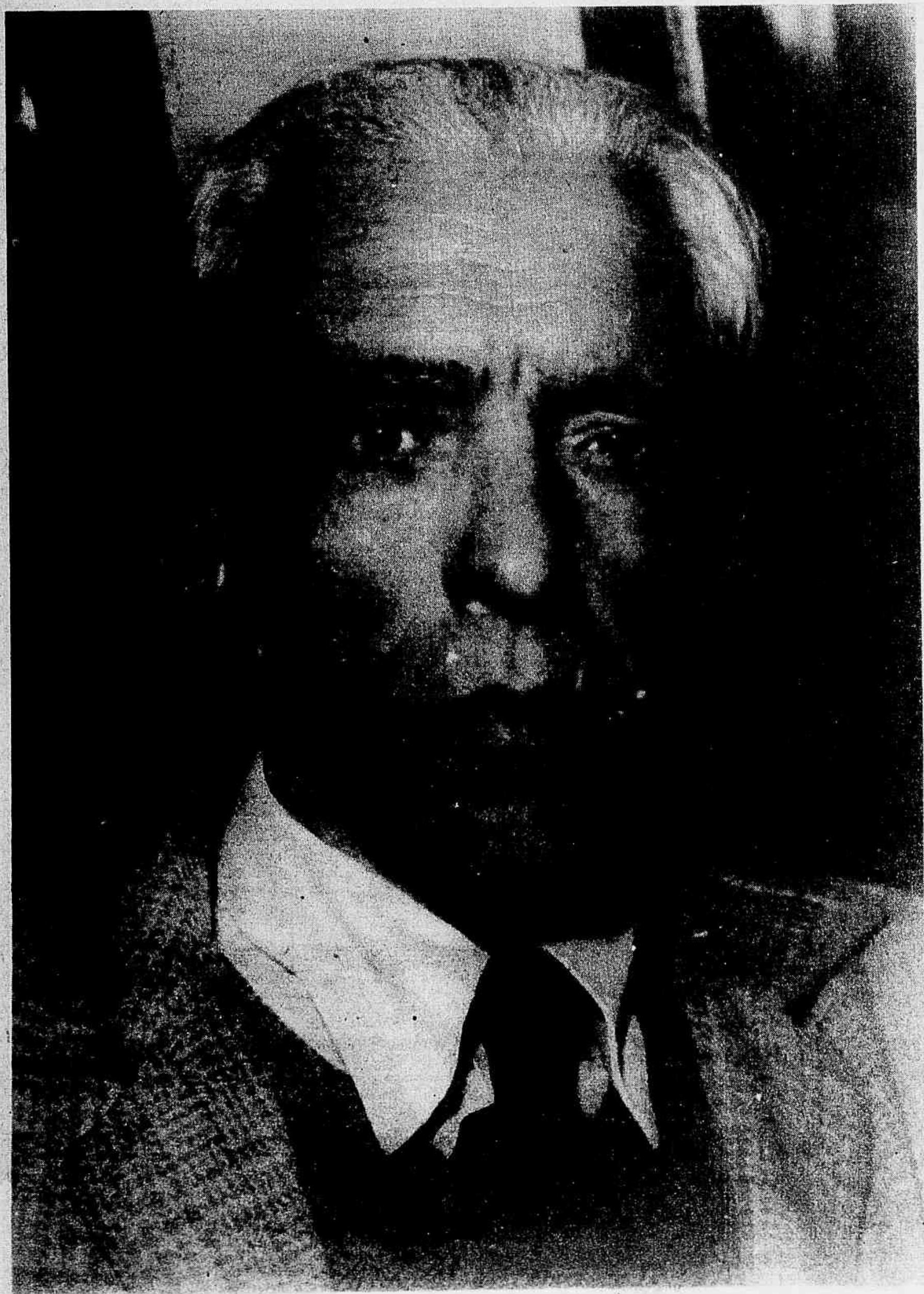
● Se você vai sair à noite, complete a sua maquiagem com um pouco de «sombra» sobre as pálpebras. Dê preferência a um cosmético de tonalidade azulada ou esverdeada. Passe o preparado também nos cílios, atenuando a sua cor natural, e tornando mais fascinante o olhar.

TASSO DA SILVEIRA: A POESIA SURTIU AOS OITO ANOS

**CONFIDÊNCIAS DE UM GRANDE POETA ENFERMO — UMA LUTA TENAZ CONTRA AS TREVAS QUE O
AMEAÇAM — ONDE APARECE A RESIGNAÇÃO CRISTÃ — 14 NETOS ALEGRARAM-LHE A EXISTÊNCIA.**

Entrevista de MARIA NATÁLIA RODRIGUES

Fotos de ALBERTO FERREIRA



- Ping — Onde nasceu?
Pong — Curitiba.
Ping — Teve infância feliz?
Pong — Magnífica, embora pobre.
Ping — Nunca fez gazeta?
Pong — Uma vez só.
Ping — Quando foi que a poesia despertou em você?
Pong — Aos oito anos de idade quando viajava pelo rio Paraguai.
Ping — Diga-me a sua maior fonte de inspiração?
Pong — O mistério da vida.
Ping — E sua primeira paixão?
Pong — Uma menina de seis anos quando eu tinha oito, cujo nome esqueci.
Ping — Houve alguma coisa triste na sua infância?
Pong — A doença e a morte de um tio querido quando eu tinha cinco anos.

● A poesia de fundo espiritualista talvez não tenha jamais encontrado, entre nós, brasileiros, um cultor da altura de Tasso da Silveira. Nascido em Curitiba, desde muito cedo começou ele a escrever. Quando o Modernismo ia no mais dramático de seu pelear contra o academicismo estagnado da província, Tasso da Silveira postou-se à sua frente. Depois, fez o poeta parte do grupo que Carpeaux denominou de Espiritualista, juntamente com Jackson de Figueiredo, Tristão de Athayde e outros. Poeta e ensaísta dos maiores da atualidade, professor de Estética e Literatura em várias Faculdades do Rio de Janeiro, Tasso da Silveira, há cerca de ano e meio, vem lutando contra a mesma doença que parece preferir os homens de intensa visão interior, e que vitimou a Homero, Milton e Castilho. Como que afastado da vida de repente, imerso numa penumbra quase total, sente-se estranho a si mesmo. Habitado à luz, não pode compreender-se agora. Tem contudo uma vida simples e tranqüila, e quatorze netos, que ele ama como pequenas flores que apareceram em sua vida. Há na sua poesia um constante deslumbramento pela vida, pelo amor e pelas coisas de Deus.

A Cruz

*Das mãos do Senhor erguiam-se labaredas,
dos pés do Senhor erguiam-se labaredas,
da frente do Senhor erguiam-se labaredas,
de dor...*

*O corpo divino se estorcia como um tronco verde na
[queimada.]*

*O incêndio de dor crepitava violento
em toda a carne do Senhor.*

*E as mãos que tinham abençoado infinitamente
eram agora fôlhas crestadas,
e os pés que tinham sagrados os caminhos do mundo
eram rebentos retorcidos,*

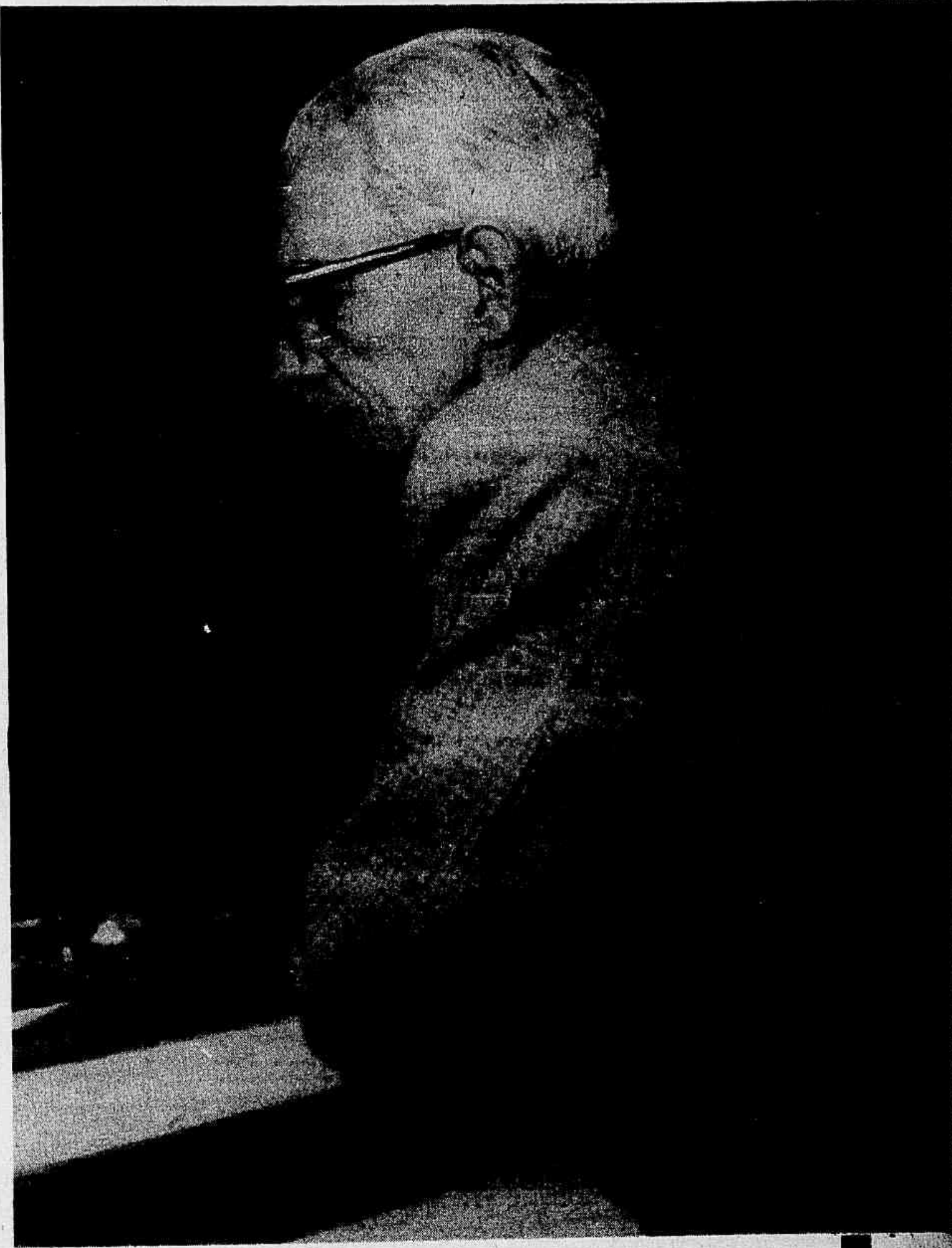
*e a cabeça que abrigava os pensamentos eternos
era uma fronde que ia tombar reboando.*

*O incêndio de dor crepitava violento
na alma e na carne do Senhor.*

*E as chagas eram brasas vivas,
e as palavras brotavam, trêmulas,
dos lábios que haviam pronunciado as verdades divinas,
eram outras chamas, mais altas e puras
de dor infinita.*

*O incêndio de dor crepitava violento
e enchia do seu rumor imenso
e grande noite
do mundo...*

TASSO DA SILVEIRA



Ping — Alguma superstição?

Pong — Nenhuma.

Ping — Você se considera feliz?

Pong — Considero-me homem de grandes sofrimentos e não obstante, profundas felicidades.

Ping — O que consegue estragar-lhe um dia?

Pong — A notícia de um neto doente.

Ping — O pior defeito numa mulher?

Pong — Ser feia.

Ping — Viajar é a melhor coisa para esquecer um aborrecimento?

Pong — Talvez.

Ping — Fora escrever de que é que você gosta mais nesta vida?

Pong — Sou homem que gosta de tudo nesta vida.

Ping — Tem amor à solidão?

Pong — Às vezes é deliciosa.

Ping — Trabalha com qualquer barulho?

Pong — Componho mentalmente em qualquer situação.

Ping — Gosta de sonhar quando acordado?

Pong — Creio que é só o que tenho feito na vida.

Ping — As decepções deixaram marcas?

Pong — Muito vivas.

Ping — Ser intelectual não será uma dificuldade para ser feliz?

Pong — Pelo contrário. É a melhor maneira de ser feliz.

Ping — Quando escreve você se transporta a um outro mundo?

Pong — Pelo menos fico fora deste.

Ping — Terá um livro preferido?

Pong — «As Imagens Acesas».

Ping — O que você considera irresistível numa mulher?

Pong — Os seios, quando ficaram puros de linhas.

Ping — Gosta de vida social?

Pong — Sou sociabilíssimo. Mas o trabalho enorme me afastou do convívio de todos.

Ping — Qual é a pior coisa do mundo para você?

Pong — Qualquer restrição à fruição plena do mundo.

Ping — A poesia torna você feliz?

Pong — A poesia é a grande graça da minha vida.

Ping — Acha que a melhor parte da vida é a mocidade?

Pong — A melhor parte da vida é a vida inteira.

Ping — Considera a religião fator base na felicidade pessoal?

Pong — Sem dúvida nenhuma. O sentimento de Deus ilumina a realidade toda por dentro.

Ping — Gosta de viajar?

Pong — Como todo o mundo. Mas acho que a grande viagem é a que se faz pelo mundo interior.

Ping — Já teve vontade de fazer loucuras?

Pong — Umas poucas dezenas de vezes.

Ping — Seria feliz sem dinheiro?

Pong — O dinheiro tem sido tão pouco em minha vida.

Ping — Qual é a coisa mais importante de sua vida?

Pong — A concepção de uma ordem divina.

Ping — Há algo que o irrite de verdade?

Pong — A impermeabilidade do Brasil à verdadeira cultura.

O Pedro II é o primeiro



O APURADO GOSTO artístico do patrono do Colégio, que de perto acompanhou a sua construção, está evidenciado na ornamentação da sala onde, sob a égide do Infante Imperador, reúne-se freqüentemente a Congregação. Dom Pedro II costumava comparecer de surpresa aos exames finais.

118 ANOS DE GLÓRIA

UM ALUNO REAL: D. PEDRO AUGUSTO
★ PRIMEIRAS ALUNAS ★ DEDICAÇÃO DO
IMPERADOR ★ VÉSPERA DA PROCLAMAÇÃO
DA REPÚBLICA ★ 21 ANOS DEPOIS: UM ALMOÇO

SENTIMENTAL ★ 1º CENTENÁRIO DA INDEPEN-
DÊNCIA ★ DEFICIÊNCIA ESCOLAR E TIRO DE
GUERRA ★ O GOLPE... DE 37 E OS FESTEJOS
DO PRIMEIRO CENTENÁRIO DO COLÉGIO

Reportagem de HYNENNY GOMES FERREIRA

(Última de uma série de duas)

A black and white photograph of students in a classroom, likely during a lesson or exam. Several students are seated at desks, looking down at papers or writing. The image is grainy and has a high-contrast, somewhat dark appearance.

AQUI, NESSAS SALAS de aula, as gerações são preparadas com sabedoria e carinho. O colégio padrão do Brasil orgulha-se de seu corpo docente desde os tempos da sua fundação. E entre seus antigos alunos conta-se uma multidão de homens ilustres que deixaram nome na nossa história.

«O Imperador dando aos ministros plena liberdade de ação no governo, fazia exceção para o Colégio de Pedro II, internato e externato. O Colégio, todos o sabiam, vivia sob a direção imediata e pessoal do Imperador. Havia exa-geros na acusação de poder pessoal tão falado pelos políticos da época... quando o seu partido deixava o governo. Quanto ao colégio o poder pessoal do imperador era verdade incontestável e cuja existência não se podia negar. Acompanhava os concursos, exame por exame, passo por passo, tomando notas, conversando com os examinadores e com os concorrentes, e no fim verificava-se não lhe ter escapado qual-quer minuciosidade e qualquer circunstância. Quase tôdas as semanas aparecia, inopinada-mente, com tal insistência que sempre se con-tava com a visita do Imperador. Não se limi-tava a assistir às aulas: percorria a chácara, os dormitórios, a biblioteca, a cozinha e mais de uma vez sentava-se à mesa e provava a comi-da. Constantemente o imperador mandava reca-dos ao reitor, relativos ao Colégio, numa tira de papel, a lápis azul, sem enderêço, com rabisco já conhecido como assinatura imperial». Prova-o de sobejo a dedicação ininterrupta de D. Pedro II pelo Colégio de seu nome, dedica-

ção à qual o destino após fundo sêlo. O último dia do imperador seria vivido no Externato, onde se processava concurso para preenchimento da cadeira de Inglês. Uma das provas do certame foi realizada a 14 de novembro de 1889, e Abreu Fialho fixou a lembrança do involuntário adeus de D. Pedro II ao Colégio, que se honrava tendo-o por protetor.

● MEMORAÇÃO SENTIMENTAL — Vinte e um anos são passados desde então. Eleito presi-



REVISTA DA SEMANA — 35

gastronômico da vida colegial, nela destacando figuras magnas ou modestas, do corpo docente ou do administrativo.

● **FESTEJOS COMEMORATIVOS** — Em 1922, ano comemorativo do 1º centenário de nossa Independência, não se esqueceu a Congregação de memorar tão notável sucesso, associando-se cordialmente às homenagens prestadas ao recordar da centúria. Nomeou os professores Pedro do Couto, Gabaglia e Oliveira de Menezes para, em comissão, representarem-se em a chegada dos chefes de Estado vindos ao Rio de Janeiro como participantes da comemoração da Independência. Orou pelo Colégio o professor Pedro do Couto, em solenidade cívica no Ipiranga. Atendendo ao passado do Colégio, aprovou a Congregação moção congratulatória dirigida aos altos poderes da República, pelo decreto revogando o banimento da Família Imperial do Brasil, mandados trasladar na mesma ocasião os restos mortais de D. Pedro II e D. Teresa Cristina, até então depositados no panteão mortuário bragantino do mosteiro de S. Vicente de Fora, em Lisboa.

● **DEFICIÊNCIAS** — O maior inconveniente par o ensino em 1925, como em anos anteriores, provinha da grande quantidade de alunos em cada turma. Muitas compreendiam 55 discentes, quando além de 20 — no máximo 25 — não pode haver ensino completo, embora a pouca frequência de alunos faça baixar um tanto nas turmas o número diário de presentes. Apontava o diretor Euclides Roxo, em 1925, diversas causas geradoras da pouca eficiência do ensino em geral e em particular no Colégio. Entre elas mencionava a insuficiência de preparo dos candidatos ao exame de admissão, a falta de disciplina moral, de amor ao estudo, de entusiasmo pela nobre curiosidade de saber, pela falta de impulso inicial dado pelo lar e pela insuficiência de curso primário. Continuou a ser ministrado no ano letivo de 1925 a instrução militar no Externato, com a frequência média de 80 a 100 alunos, encerrado o período de instruções a 15 de novembro, de acordo com os regulamentos dos Tiros de Guerra. Nos exames para obtenção da carteira de reservistas de 2ª classe foram aprovados 66 candidatos, quantos se apresentaram, deles provada resistência em duas marchas de 12 kms. e uma de 24. Participou também o Externato do campeonato de atletismo instituído pelo Colégio Militar do Rio de Janeiro e do campeonato de basquetebol organizado pelo Clube de Regatas Flamengo. (Cont. na página 40)

SOB ESTE TETO, em que a beleza das decorações é um digno complemento à sobriedade do ambiente, reúne-se a egrégia Congregação do Colégio Pedro II. Nesta sala têm tido lugar os mais notáveis professores de que o Brasil pode orgulhar-se desde os tempos do Império.

dente da República, para o quadriênio de 1910 a 1914, o marechal Hermes da Fonseca — dois antigos alunos do Colégio, os dres. José Moreira Pacheco e João Maria Portugal, tomavam a iniciativa de reunir os condiscípulos do novo chefe da nação em almoço íntimo. Foi escolhida para tanto a casa de um deles, na praia de Botafogo n. 290. Reuniram-se aí 35 antigos colegas do marechal Hermes, participantes da refeição e durante a qual uns e outros lembravam episódios da vida colegial em comum (1868-1869). O próprio «menu» recordava aquele tempo. Ei-lo como alegre lembrança do Colégio: «Menu do almoço oferecido ao Hermes da Fonseca pelos jovens condiscípulos de 1868-1869 no Imperial Colégio de Pedro Segundo. Em 6 de janeiro de 1910.»

CARDAPIO

- 1 — Uma porção de coisas esquisitas para abrir o apetite.
- 2 — Mistura de coisas do mar, com produtos de terra, vegetais e animais, como gostava o nosso velho Reitor, Conselheiro Pacheco.
- 3 — Arranjos de galinha, pelo sistema do secretário Garcia, amante de canários do reino.
- 4 — Badejo com mólho, cuja receita o velho latinista Souza aceitaria.
- 5 — Língua com gelatina, mais quente que a do inspetor Aguiar, que não tinha papas na mesma.
- 6 — Neve artificial, com o respectivo álcool, para ficar a gente gelada, tal como o Halbout exigia as regras de cór.
- 7 — Peru, um pouco mais gordo de que era o Bóscoli, mesmo com a flexa em roletes. Isto vai com presunto, conforme o costume, e o «visto» do Brito escrivão, meticoloso o Francisco Bernardo de Brito, como bom custódio da Fazenda Nacional.

Para adoçar a boca, umas frutas daqui e de além mar, conforme a geografia do Abreu.

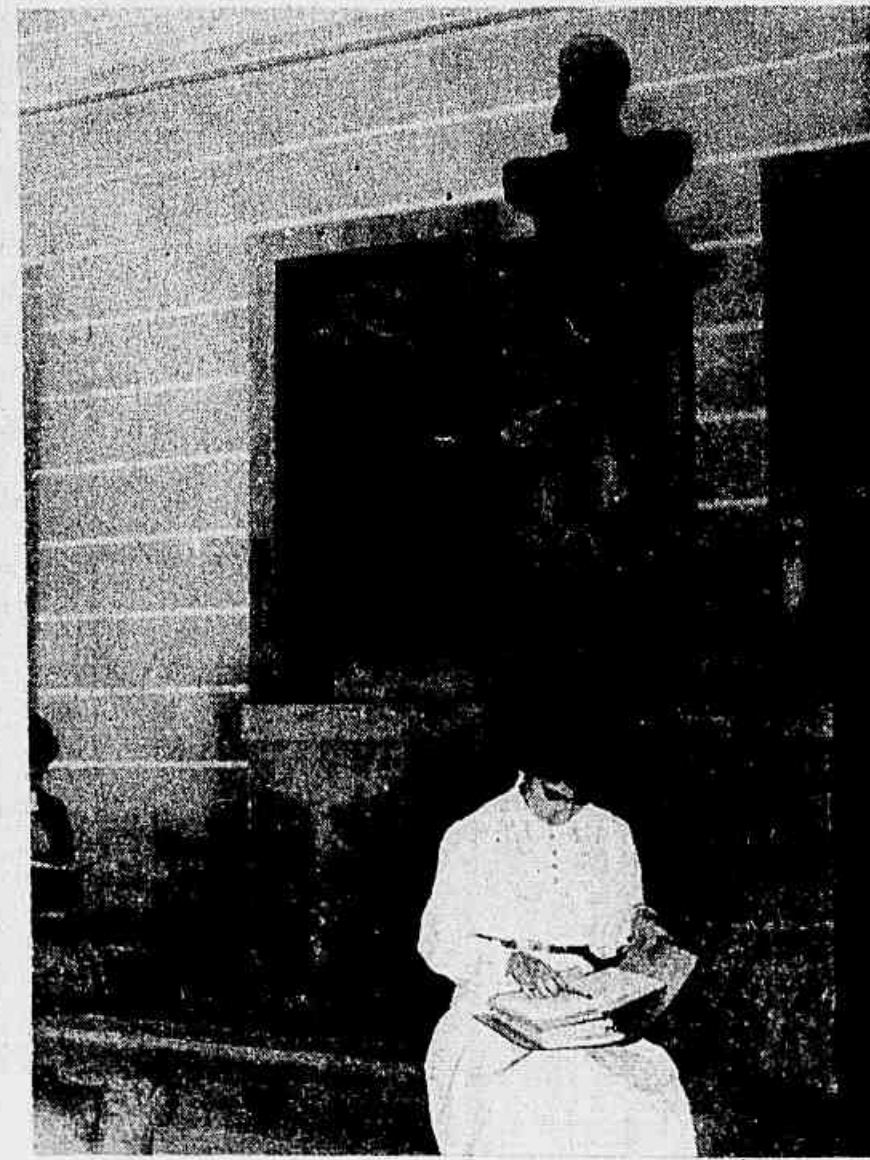
Para sobremesa uma série de complicações, piores que os exames com aquele pessoal todo.

Apesar de jovens, há vinhos velhos e águas moças, licores e preciosa rubiácea, para que vejam que somos todos brasileiros.»

Tal cardápio, evocativo sôbre espirituoso, lembrava muito aos convivas do almoço de 1910, condiscípulos de 1868-1869. Era mesmo



COMO FUGIR AO VELHO lugar comum do «Mens sana in corpore sano»? Sob todos os pontos de visto, o Pedro II, há mais de um século, vem cuidando da educação de gerações e gerações de brasileiros. Não deixa de ser interessante o busto de Deodoro no pátio do Colégio de Pedro II.





A TORRE EIFFEL
CONFECCOES LTDA.

97-RUA DO OUVIDOR-99
RIO DE JANEIRO

Artigos finos para
homens e rapazes

Completa e bem aparelhada
secção de alfaiataria



COMO APRENDER A DANÇAR

6ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo. Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 55,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora
Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa

UM CONCURSO DIFERENTE!...

PEDIMOS AOS SRS. COMERCIANTES INFORMAREM AS SUAS
FREGUESAS E FREGUESES

CR\$ 10.000.00 P/ OS CONSUMIDORES — 176 DÚZIAS DE ÓLEO
DE CEDRO P/ OS COMERCIANTES QUATRO VEZES POR ANO

Coloque num envelope 1 rótulo de ÓLEO DE CEDRO acompanhado de seu nome completo e endereço, assim como o local em que foi comprado o vidro de óleo. RUA E NÚMERO. Remeta a carta para:
«CONCURSO DO ÓLEO DE CEDRO» — Av. Rio Branco, 137, sala 616 — Rio de Janeiro.

Com esta carta a pessoa estará habilitada aos sorteios que se realizarão nos dias: 30-6-55 — 29-9-55 — 29-12-55, às 21.30 horas da noite na Rádio Vera Cruz.

Serão distribuídos os prêmios seguintes: PARA OS CONSUMIDORES: 25 prêmios de Cr\$ 50.00, 1 prêmio de Cr\$ 250.00, 1 prêmio de Cr\$ 500.00, 1 prêmio de Cr\$ 1.000.00, 1 prêmio de Cr\$ 2.000.00 e 1 prêmio de Cr\$ 5.000.00.

PARA OS PROPRIETÁRIOS DAS CASAS COMERCIAIS QUE VENDEM O NOSSO PRODUTO: 25 prêmios de 1 dúzia de ÓLEO DE CEDRO, 1 prêmio de 40 dúzias e 1 prêmio de 100 dúzias, tudo correspondente aos prêmios dados aos consumidores.

Todas as cartas recebidas serão colocadas no Auditório da Rádio Vera Cruz, nos dias do Concurso, quando então um Cego, contratado pela Rádio, irá escolhendo as cartas a serem premiadas.

O MAXIMO DE HONESTIDADE NUM CONCURSO DIFERENTE!...

O resultado deste concurso será publicado em diversos jornais e revistas, inclusive na Revista do Rádio.

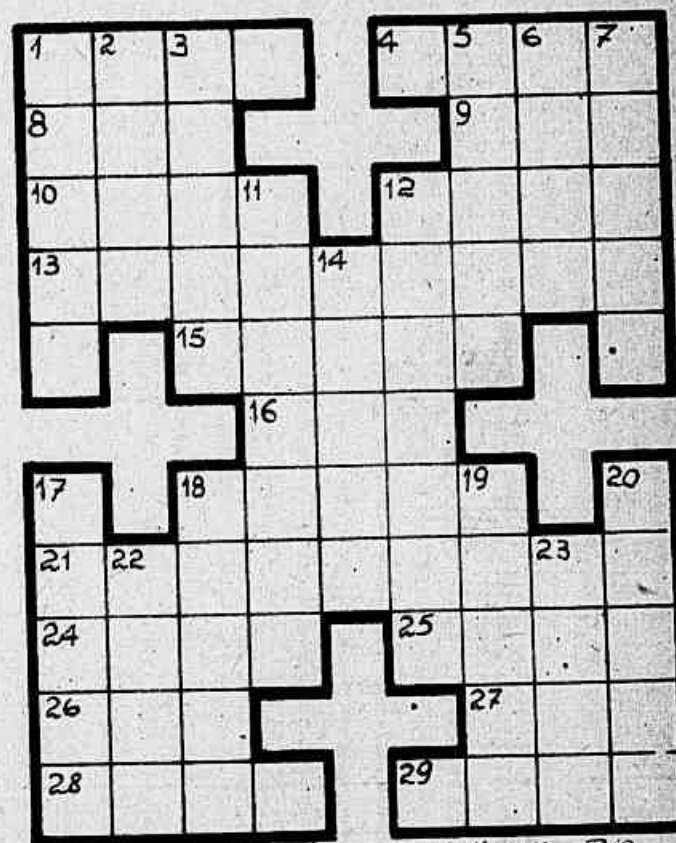
Quaisquer informações na Avenida Rio Branco, 137 — sala 616
Telefones: 32-9415 e 32-9309

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 83

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Nome de homem — 4. Planta da família das Aráceas — 8. Título de baronetes e moços fidalgos — 9. Ilha do arquipélago de Sulu — 10. Que é articulado — 12. Canoas de proa e pôpa achatadas — 13. Cântaro de barro com bico (pl.) — 15. Planta brasileira, de tubérculos farináceos e comestíveis — 16. Moeda da Ásia — 18. Secar ao calor — 21. Encontrariam — 24. Nome de mulher — 25. Repouso — 26. Colóide gelatinoso — 27. Tímbralé hindu com um prato de bronze e outro de aço — 28. Pannelas — 29. Leigo em qualquer assunto.

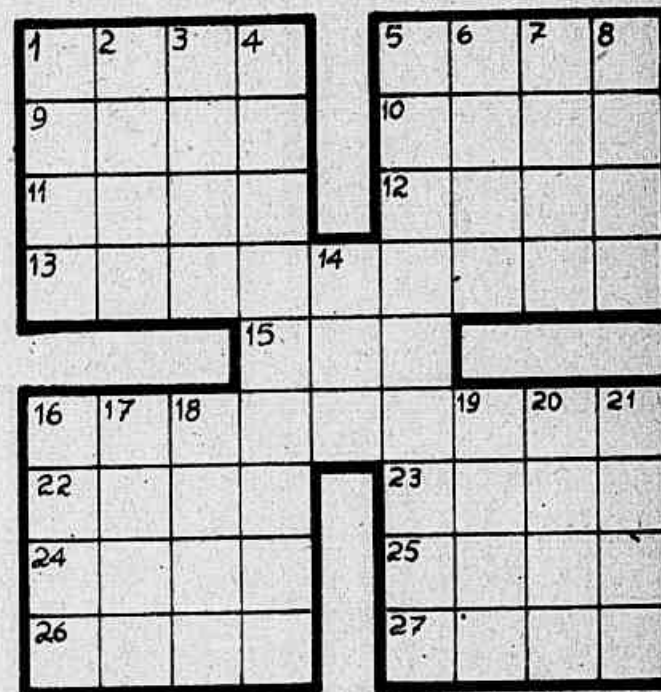


Atank - Rio

VERTICAIS: — 1. Nome de um famoso fabulista grego — 2. Sonso — 3. Peixe da Amazônia — 5. A garça real — 6. Recusa amorosa — 7. Gênero de moluscos naturais do Senegal — 11. Lisura — 12. Planta arácea — 14. Suplicara — 17. Inimigo — 18. Menino — 19. Abertura da bôca — 20. Engano — 22. Chefe de pescadores, no Malabar — 23. Lamento.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Emudece — 5. De preço elevado — 9. Lavram — 10. Homem que representa em teatro — 11. O mesmo que erva-mate — 12. Nenhuma coisa — 13. Deram alarme — 15. Óxido de cálcio — 16. Refletiram com um espelho — 22. Do verbo roer — 23. Cóleras — 24. Querer bem — 25. Um dos produtos das abelhas — 27. Folha do pinheiro — 28. Avestruzes.



Atank - Rio

VERTICAIS: — 1. Leito — 2. Terra arroteada e própria para cultura — 3. Folha de ferro estanhado — 4. Fizera mercê — 5. Ação própria de canalha — 6. Ligar — 7. Gira — 8. Rezam — 14. Maldade, moléstia — 16. Epocas — 17. Adição — 18. Dão pios — 19. Lavrem — 20. Extraordinária — 21. Membros empenados das aves.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 82

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: fervência — io — ia — salmodiar — tu — Ari — ré — trofa — veia — Irai — anacá — du — era — ad — atenorado — SS — ia — estevaria.

VERTICAIS: festividade — rol — vimaranense — nidificaria — cai — arrelhadora — au — orç — Ar — tia — ará — aro — ut — ad — Est — Aar.

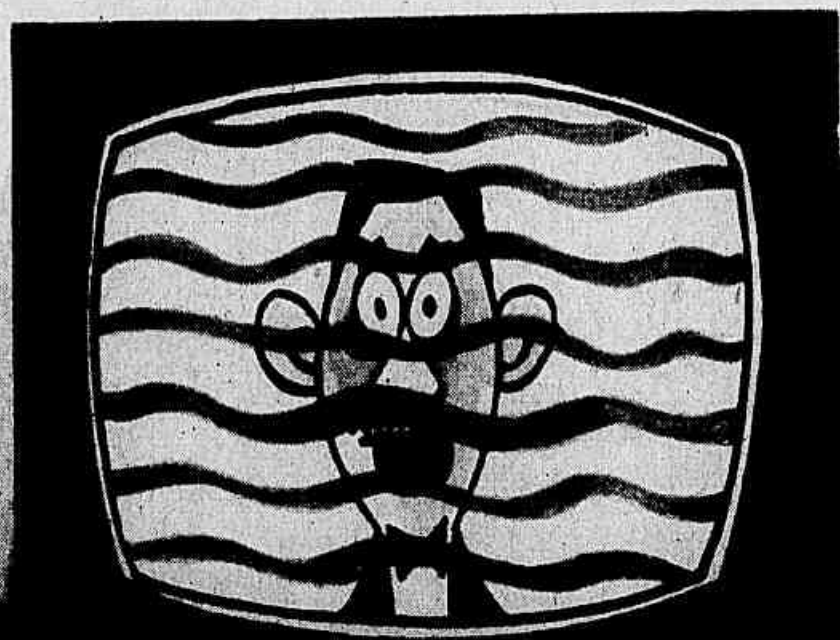
PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: caco — amar — ara — aia — pelotense — anábase — fareleiro — ira — oas — aura — osso.

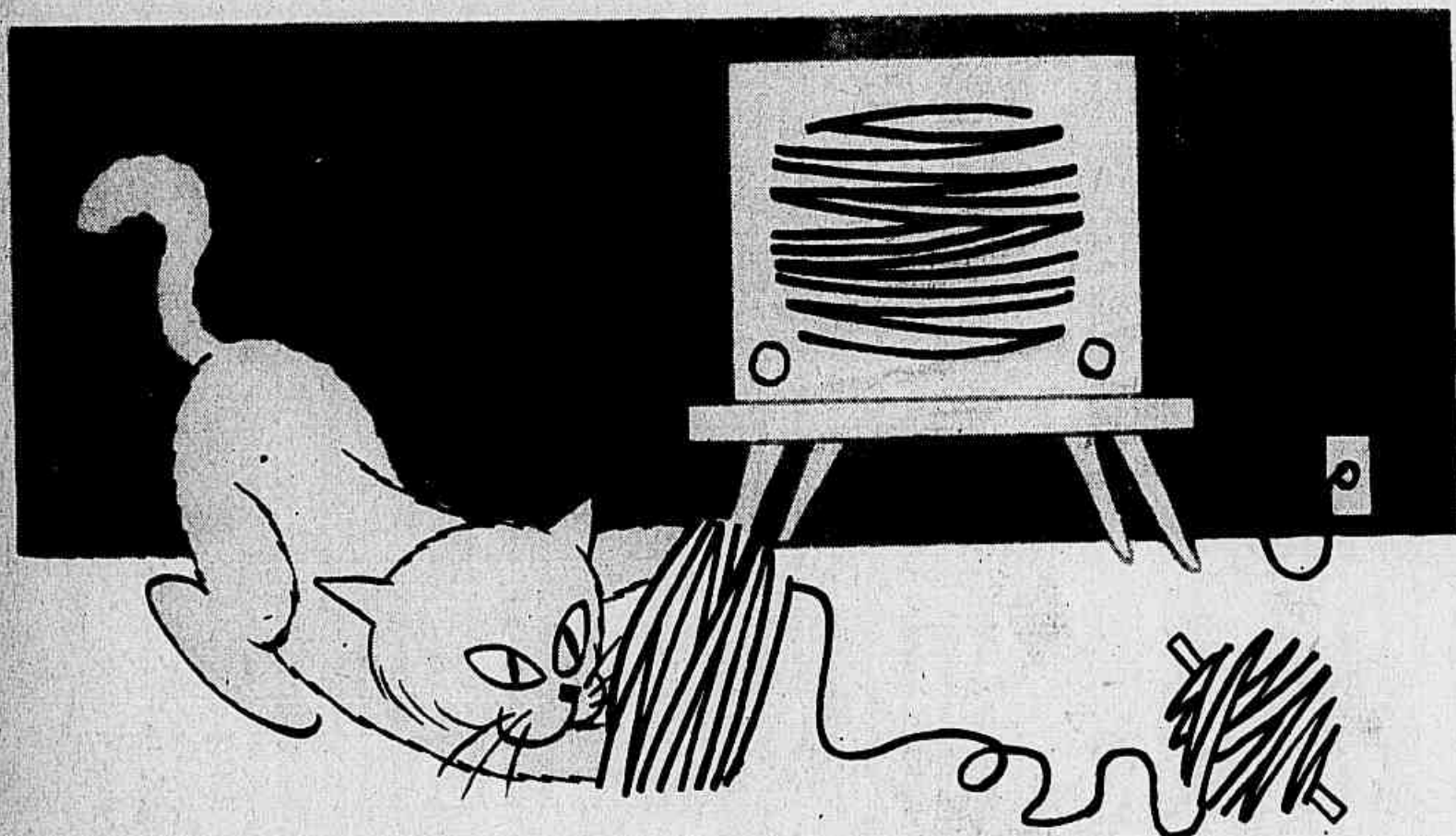
VERTICAIS: capa — are — calandrar — manuseios — ais — raer — atabale — afia — coso — aru — ras.

FORTUNA (com seu aparelho à venda) APRESENTA

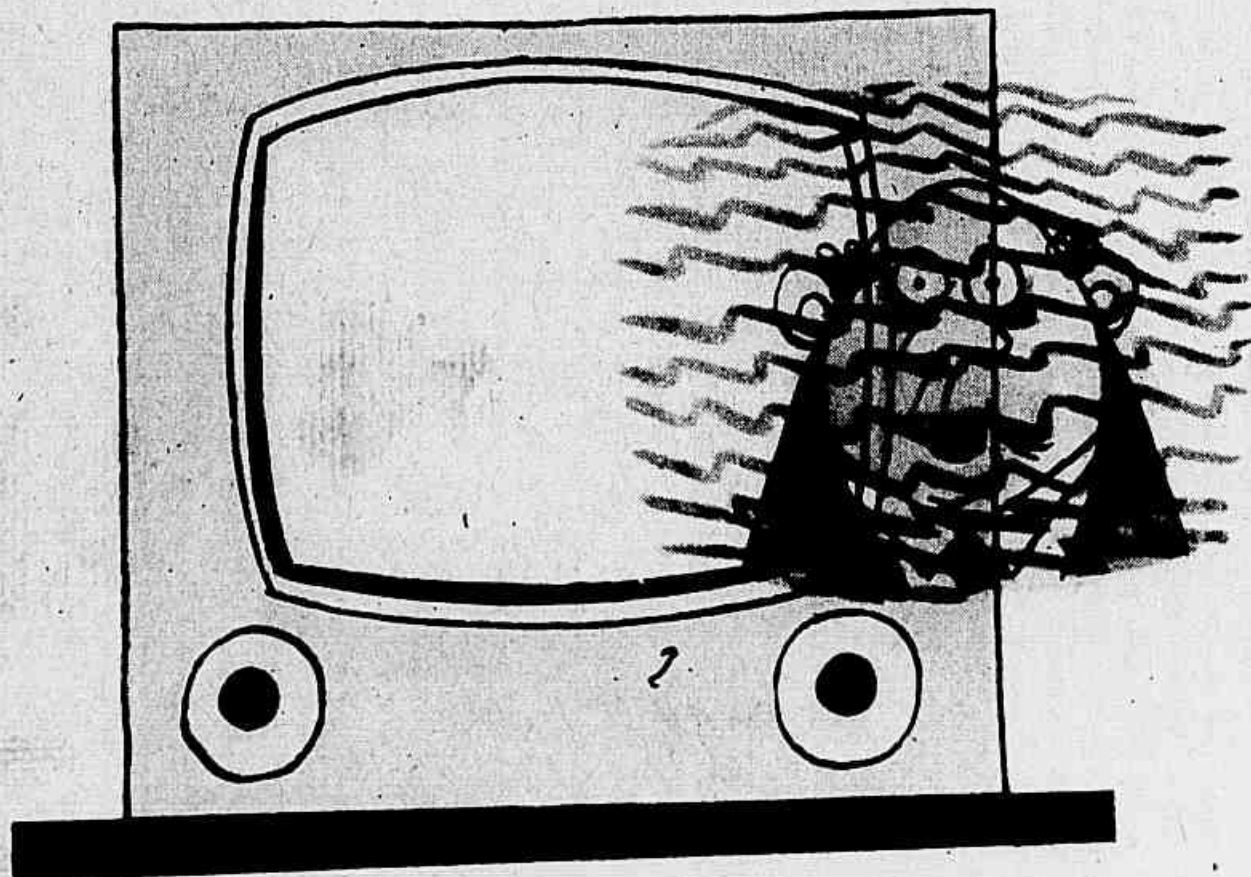
TVOCÊ JÁ TVIU A TV?



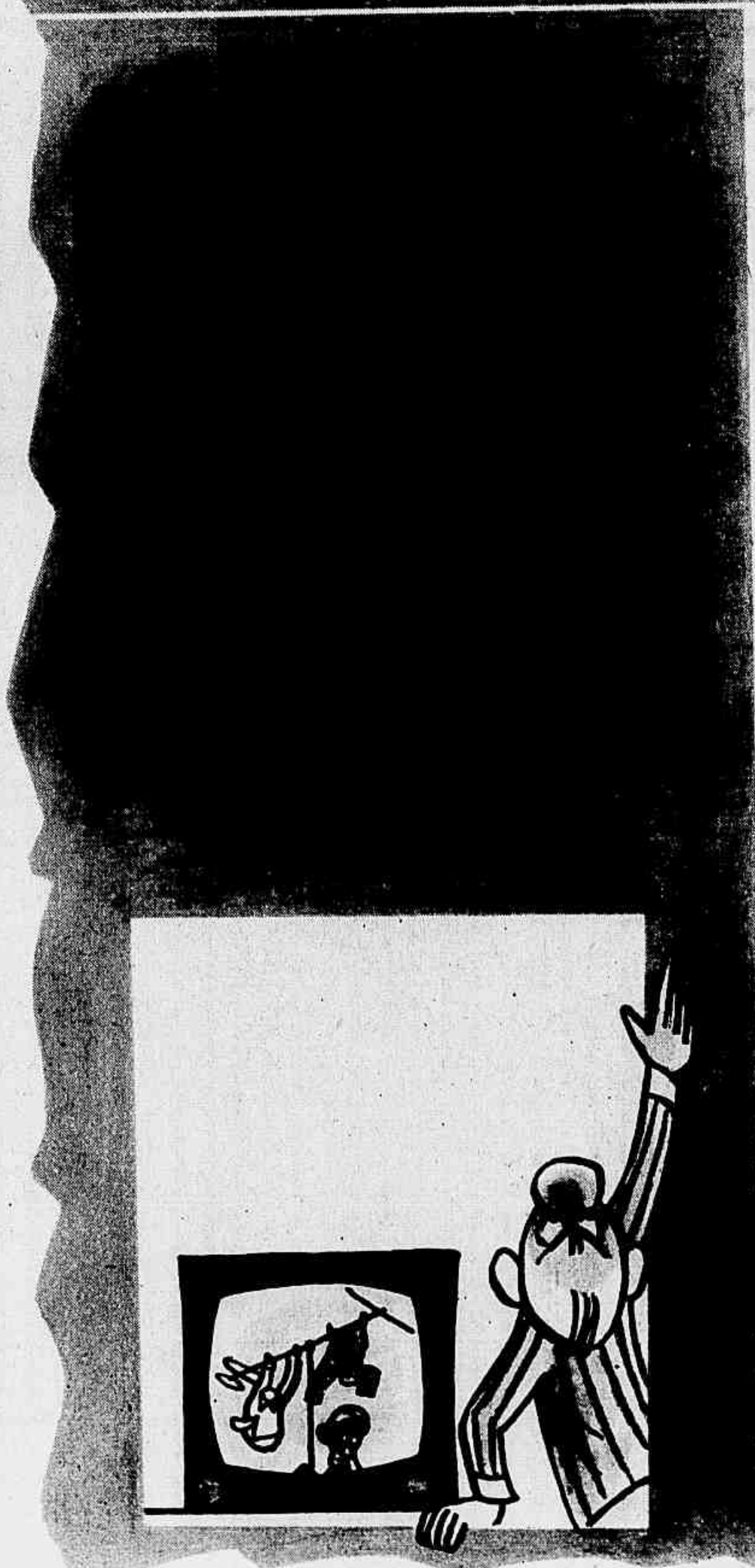
— ... e aproveitando o ensejo dêste ligeiro defeito técnico, vamos ouvir "Sôbre as Ondas".



QUALQUER SEMELHANÇA



— Senhores telespectadores, por motivo de ordem técnica nossa estação sai de seus receptores por alguns instantes.



— Traz essa roupa, depressa! Tenho que ir buscar o técnico!



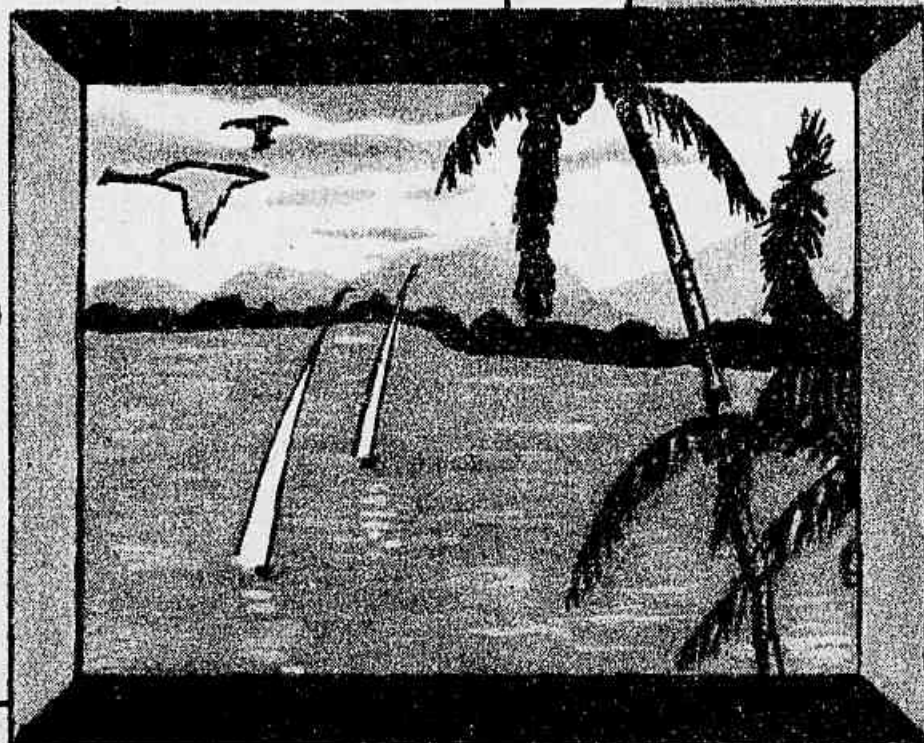
— Olha: deve ser um habitante aqui da Terra!
— Afinal, não parece tão diferente como pensávamos.

NOTA — O leitor certamente terá estranhado o aspecto descolorido destas páginas, que se deve a «uma questão de ordem técnica» como dizem na Televisão. Mas concordaria conosco que pelo menos uma vantagem tiramos do imprevisto: nosso preto e branco resultou igualzinho ao da TV.

LOTEAMENTO CIDADE BEIRA-MAR BARRA DE SÃO JOÃO

NA MAIS
LINDA PRAIA
NO MELHOR
PONTO TURISTICO
DO EST. DO RIO

CONTINUAÇÃO DA PRAIA DE
CABO FRIO



VENDAS E INFORMAÇÕES
CONCESSIONÁRIA

C.-B.-M.
COMPANHIA BRASILEIRA DE MELHORAMENTOS

RUA ARAÚJO PÔRTO ALEGRE, 56 — Sobreloja 2
Esq. Av. Graça Aranha (Esplanada do Castelo)
TELEFONE: 32-9933

Horário: 9 às 18 horas (inclusive sábados)
Domingos: das 9 às 12 horas.



PRESTAÇÕES A PARTIR DE

CR\$

70,00
MENSAIS

MATAS • PRAIA

CAÇA • PESCA

O MELHOR NEGÓCIO DO MOMENTO

COM ESTAS VANTAGENS EXCEPCIONAIS:

- ★ Pagamento em 100 meses
- ★ Sem entrada e sem juros
- ★ Condução farta: diversas linhas de ônibus partindo de Niterói
- ★ Valorização positiva — Decreto n.º 58
- ★ Construção livre — Posse imediata.
- ★ Caça e pesca abundante.
- ★ Uma paisagem maravilhosa à beira do Atlântico.

ACEITAM-SE CORRETORES PARA SENSACIONAL PLANO DE VENDAS.

MADRUGADA

(Continuação da página 23)

Paguei a despesa e saí, meu amigo a meu lado, teque-teque na calçada. — E' um amigo desinteressado — pensei. — Talvez esteja aqui para me proteger. Sentiu, talvez, que estou correndo algum perigo. E um receio novo me encheu o coração. Dois quarteirões adiante ouviam-se os passos de um notâmbulo apressado, atravessando a rua. Nisso, avistei as luzes do hotel. Senti a necessidade de correr para ele, de fugir novamente. Atravessei a rua e, pela primeira vez, o meu cão ficou do outro lado, pensativo. Tomou-me um medo supersticioso.

— Como é! Você não vem? Sem hesitação e sem festa, como num gesto de rotina, ele baixou a cabeça e veio ao meu encontro, continuou a marchar comigo.

Meu coração se alegrou. — Você está aqui para me proteger, não é, velhinho? Ele continuou caminhando, de cabeça humilde. Estávamos na porta do hotel.

— Quer entrar? Ele me contemplou com o jeito triste de quem sabia ser inútil o convite. A larga porta iluminada não fôra feita para os cães de rua. Examinei o meu relógio de pulso. Três da manhã. Dentro de quatro horas teria que estar no aeroporto.

— Então adeus, camarada. Curvei-me, acariciei-lhe a cabeça, ele fez um movimento macio de agrado e de gratidão.

Dois ou três minutos depois eu estava no meu apartamento do segundo andar. Cheguei-me à janela. O cachorro continuava na calçada, solitário e sereno, olhando talvez com tristeza as luzes do hotel imponente.

Nisso, vem da esquina, do outro lado, um vulto de homem. Os passos ressoam. O vulto cambaleia na noite. O animal voltou os olhos, ficou a contemplá-lo, por alguns segundos. O homem caminhava pela calçada fronteira, passava agora sob as luzes fortes, continuava, incerto e só. Foi quando o meu companheiro se movimentou. Cruzou a rua, teque-teque, foi chegando, acertou passo com o desconhecido. Vi-os caminhando lado a lado, mais um quarteirão. Na segunda esquina o homem dobrou. Meu amigo também.

O PEDRO II É O

(Cont. da pág. 36)

● 1.º CENTENÁRIO DO COLÉGIO — Doze anos depois comemoraria o Colégio o seu 1.º centenário. Nesse interregno, acontecimentos de vulto marcaram a vida política do país, culminando com o golpe de 10 de novembro de 1937 e a conseqüente implantação do Estado Novo, um arremedo caricato dos Estados totalitários da Europa — Alemanha e Itália, principalmente. Foi em meio a esse estado de coisas e num clima de exacerbações patrióticas que o Colégio de Pedro II festejou, condignamente, o 1.º centenário de sua existência. A sessão solene de 2 de dezembro de 1937 foi realizada em recinto fechado e acessível só a convidados. Outra homenagem

do Colégio à sua primeira centúria seria patenteada ao público a 4 de dezembro. Tal o desfile pela Av. Rio Branco do préstito formado por professores, antigos e novos alunos e funcionários do Colégio. Do desfile participaram com o maior garbo e luzimento não só o Colégio como o Colégio Militar e estabelecimentos de grau secundário, da Prefeitura Municipal e de ensino particular. Desfile comovedor o de 4 de dezembro de 1937, apesar do desfavorecimento da tarde salpicada de chuva, afrontando o cortejo a intempérie, como se realizada a marcha em dia entre azul e sol. Professores, bacharéis, funcionários encanecidos, não se deixaram ven-

cer no entusiasmo pelo vigor das mocidades de corpo no desfile, os mais velhos ritmando passo com os mais jovens. Não houve quem comentando não aplaudisse, diz por fim Esgragnolle Dória, a principal pelo presidente da República. Um século de glórias ali estava: era o Colégio de Pedro Segundo que marchava para o porvir!

RUI BARBOSA

(Cont. da pág. 16)

Passados os primeiros minutos de pânico, já refeito do susto, pilheriu Rui Barbosa em tom irônico:

— Foi a última rasteira que o Pinheiro me passou... Não me deixou ir à sua missa!

★

Quando da visita do Rei Alberto, soberano belga, ao Brasil, Rui encontrava-se em Palmira. O monarca insistia em conhecer o famoso brasileiro, cujas tradições haviam galgado os pináculos da intelectualidade mundana. Vários contratempos, no entanto, determinavam que Rui Barbosa e o Rei custassem a ser apresentados. Rui estava em descanso e o monarca em viagens constantes.

Certo dia, o Conselheiro recebeu o seguinte telegrama:

«Se você não vier ao Rio, eu irei a Palmira — Rei Alberto».

Rui embarcou sem demora...

★

● Conselheiro falava diversas línguas. Em Haia, Choate, grande orador americano, findara o seu discurso, em inglês, quando Rui Barbosa levantou-se antes da tradução.

— Não podeis esperar a tradução do intérprete? — perguntou o «yankee».

Ao que respondeu o baiano:

— Ele antes ouvirá a minha resposta. Assim traduzirá os dois discursos de uma só vez.

★

Rui trouxera de sua viagem a Londres valioso relógio, colocando-o na copa de sua residência. Em 1.º de março de 1923, por coincidência do destino, o relógio

que vinha trabalhando perfeitamente, há vários anos, parou. Marcava 8,45 da manhã.

— Em Petrópolis, nesse instante, falecia Rui Barbosa...

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n.º 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON n.º 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" N.º.....

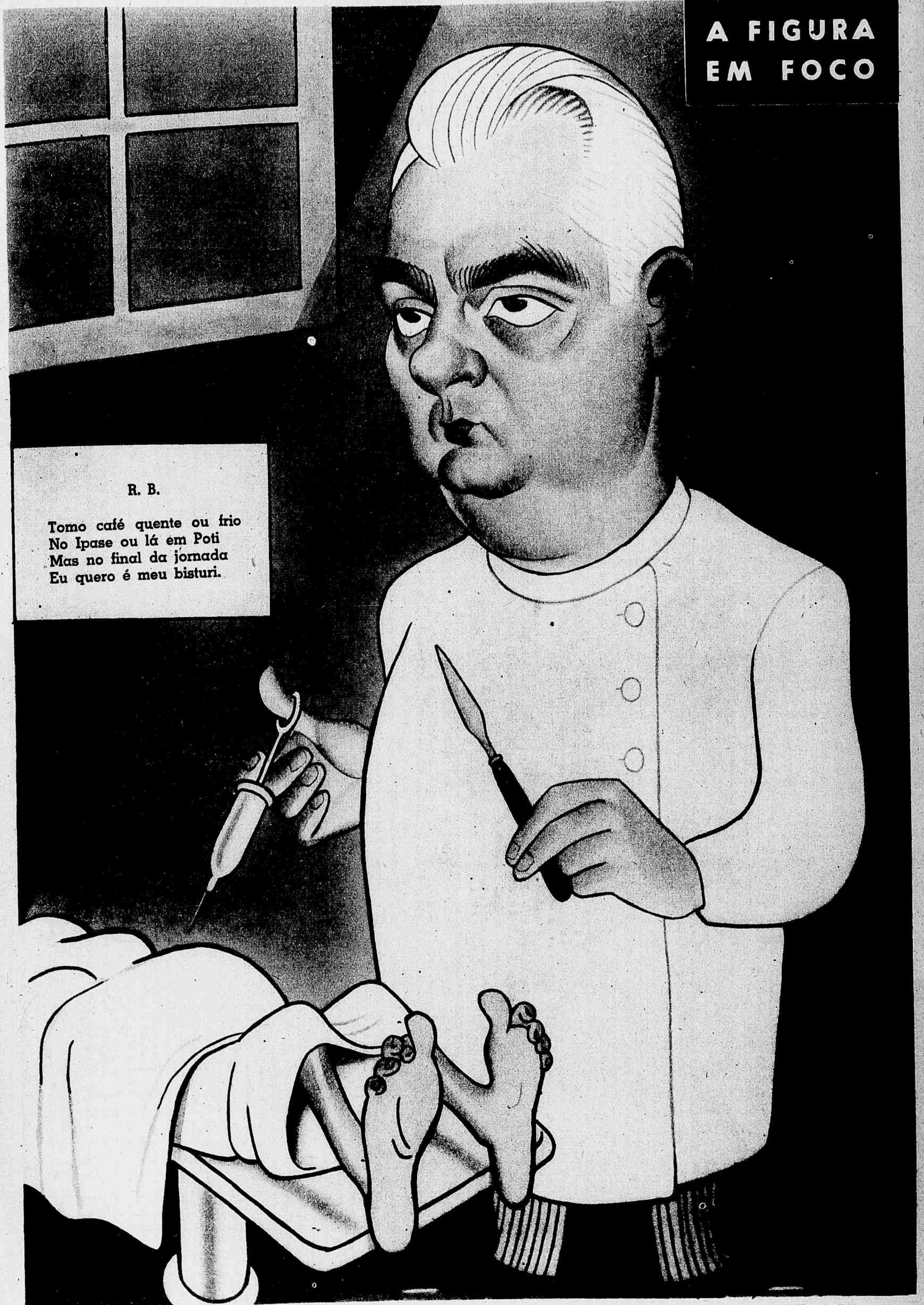
NOME.....
RUA..... N.º.....
CIDADE.....
ESTADO.....

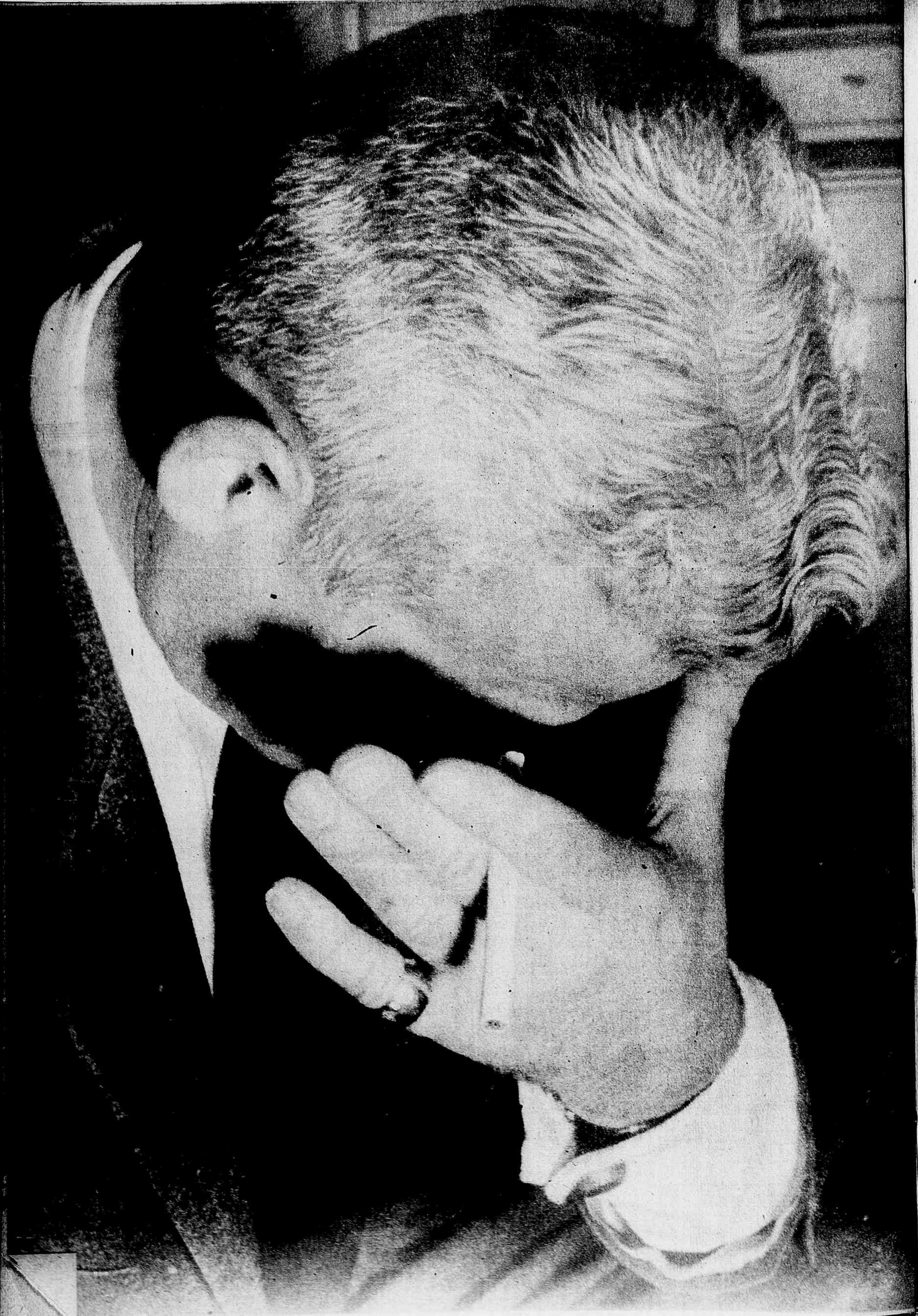
Preço para todo o Brasil: Cr\$ 75,00

A FIGURA EM FOCO

R. B.

Tomo café quente ou frio
No Ipase ou lá em Poti
Mas no final da jornada
Eu quero é meu bisturi.





VERDADE E FICÇÃO DE UMA HERANÇA

ENTREVISTA EXCLUSIVA COM DAVID SEBASTIAN MOMENTOS ANTES DE SUA PARTIDA

Entrevista de JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

Fotos de SÉRGIO ANDRADE

QUANDO penetramos no aposento 309 do Hotel Glória, fomos cômicos da desagradabilidade da missão que nos fora confiada. Assim, quando fomos apresentados por Aloísio de Oliveira, um dos diretores do Bando da Lua, a David Alfred Sebastian, o viúvo de Carmem Miranda, foi como se dois constrangimentos se apertassem as mãos. O gerente de rendas da «Thirsty Tractor Co.» e manager de Carmem estava à nossa disposição. Em seu rosto, a juventude há muito deixou de brilhar. Os cabelos são brancos e ondedados. Traja um terno escuro, e a gravata negra contrasta dolorosamente com a camisa muito alva. Deve ter uns quarenta e oito anos, é de estatura mediana e robusto de corpo. Fuma cigarro após cigarro, nervosamente.

— Encontrei Carmem pela primeira vez em 1946, durante as filmagens de «Copacabana», filme do qual fui produtor associado. Ela já era a artista célebre que todos conhecíamos de nome, e impressionou-nos sobremaneira a sua simplicidade. Tornei a encontrar-me com ela em vários espetáculos teatrais e radiofônicos. Aos poucos, da amizade nasceu o amor. Casamo-nos em março de 1947.

Desejamos saber algo sobre a vida em comum de David com Carmem. Correram boatos de que não eram felizes.

— Fui feliz com Carmem, que era a melhor das esposas. Eu, de minha parte, tudo fiz para vê-la feliz. Assim não interfeiri jamais na direção de seu lar, que era um lar brasileiro, freqüentado principalmente por brasileiros. Mesmo a comida era típica do Brasil, o arroz com feijão desempenhando papel preponderante.

Carmem tinha muitos amigos? Quais seriam eles, e como sentiram sua morte? A pergunta é feita num inglês titubeante.

— Carmem só tinha amigos. Mas entre os mais chegados, para só falar do mundo cinematográfico e artístico, estavam Sonja Henie, Norma Shearer, Dick Haymes, Jerry Lewis, as Andrew Sisters, Jane Powell, Bidu Sayão, «the Brazilian opera star», enfim, algumas dezenas. Quando um desses amigos estava de passagem por Beverly Hills, não deixava de nos visitar.

A conversa cai, não sabemos como, em questão dos fabulosos salários de Carmem.

— Carmem de fato ganhava muito, muito dinheiro. Vinte mil dólares semanais, por vezes, quando estava filmando. Nos «shows» de televisão entre 3 e 10 semanais. Em Paris foi onde pagaram mais: exatamente 10 mil dólares. No último «show», realizado em Cuba, ganhou 5 mil. E receberia 3 mil pela filmagem que efetuava ao lado de Jimmy Durante (outro grande amigo) se a morte a não tivesse roubado. Seus gastos, porém, eram como já disse fabulosos. Nossa casa estava sempre aberta a todos os brasileiros de passagem por Beverly Hills. Ali, estavam eles em sua própria casa. Muitas vezes, quarenta, cinquenta oficiais da Marinha ou da Aeronáutica, artistas ou simples turistas se reuniam em torno à mesa de jantar. Para Carmem, isso era o paraíso.

E que contratos, viagens e filmes veio a morte interromper?

— Carmem estudava no momento inúmeras ofertas, de Miami, Portugal, Espanha, França, Austrália e Japão. Continuará as filmagens de números para a televisão. E recebera um convite de um estúdio cinematográfico cubano, para ali filmar uma película, juntamente com o cômico Cantinflas.

Indagamos se era verdade que Carmem tencionava abandonar suas atividades artísticas e retornar ao Brasil:

— Não creio. Seu lar atenuava-lhe em parte, acredito, as saudades da pátria. Seus parentes e amigos estavam continuamente com ela, e havia sempre o recurso de viajar até ao Rio para matar as saudades.

Nós iríamos passar o Carnaval de 1956 no Brasil. Mas depois voltaríamos.

— E quanto à viagem ultimamente realizada por Carmem ao Rio de Janeiro. Que fato a determinou? Simples razões sentimentais, ou conselhos médicos?

— Simples razões sentimentais, pode ter certeza. Carmem andava nervosíssima, é verdade, mas por mero descanso poderíamos ter ido até ao Hawaii. Carmem escolheu o Brasil para rever os amigos. Seu estado de saúde melhorou imensamente, depois que retornou. E quando tudo parecia ir andando bem...

Pela primeira vez os olhos muito claros de David Sebastian umedecem-se. O repórter continua implacável sua inquisição:

— Como, e quando, teve conhecimento da morte de Carmem?

Novo cigarro é aceso com gestos nervosos. Em voz sumida e quase ininteligível, a resposta assoma:

— Eu estava dormindo. Ao acordar, na manhã do dia 5, fui ao aposento de Carmem para acordá-la. Encontrei-a tombada ao chão, já sem vida. Usava ainda o «maquilage» com que atuara, na noite anterior, diante das câmaras de televisão. Um colapso a havia fulminado. Soube posteriormente que ela chegara em casa cerca das dez horas, juntamente com um casal de brasileiros, com o qual conversara até de madrugada, alegremente. O coração a traiu. Ela jamais se queixara de doença cardíaca nenhuma.

— E quanto à recepção do corpo, no Rio de Janeiro: que achou?

— Nunca pensei que Carmem fosse tão estimada no Brasil. Desde que o avião pousou, ao deparar com a multidão em pranto, senti que aquela não era uma recepção convencional, mas a acolhida sincera de um povo emocionado. Foi um grande conforto, para mim e para os parentes e amigos de Carmem.

Perguntamos ainda a Sebastian a quanto monta a fortuna deixada por Carmem Miranda. Ouvimos falar em oito poços de petróleo, em milhões de dólares.

— Éramos de fato acionistas de oito campos petrolíferos. Mas pequenos acionistas. Carmem possuía duas casas de grande valor, e sobretudo inúmeros trajes de uso pessoal (como baianas, por exemplo) caríssimos, alguns tendo custado mais de 5 mil dólares. Todos esses trajes e os objetos pessoais de Carmem, tenciono trazê-los para o Museu Carmem Miranda, que parece irá ser criado em breve. Quando partir, sábado próximo, tenciono levar comigo, já em bases firmes, o projeto para a criação do museu de Carmem.

O sábado ao qual David se refere é o sábado, 27 de agosto, data em que retornou aos Estados Unidos. Ali catalogará os vários pertences de Carmem, trazendo para o museu alguns trajes e objetos da cantora.

— Que planos tem para o futuro? Tenciona vender a casa de Beverly Hills?

— Ainda não tive tempo para pensar em nada. Tudo ocorreu tão repentinamente, que não pude tomar nenhuma providência. A casa será para mim uma lembrança viva de Carmem — com seus móveis, seus objetos, sua presença em cada aposento. Carmem era a própria música, e a casa ficou cheia dela.

Ainda arriscamos uma última pergunta, essa a Aloísio de Oliveira, sentado a nosso lado, e que de quando em quando nos servia de intérprete:

— Aloísio: Carmem morreu feliz, ou crê que tenha levado alguma pequena mágoa que fosse?

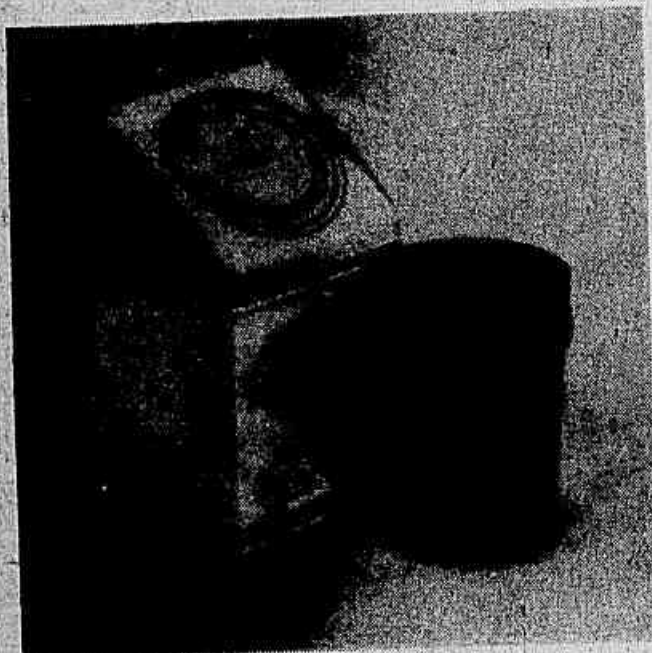
O rosto do rapaz torna-se mais sério ainda, enquanto um silêncio pesado invade o ambiente. Silêncio afinal partido por uma frase incisiva:

— Ao menos, seu rosto estava tranqüilo.



— CARMEM DE FATO GANHAVA MUITO, MUITO DINHEIRO. MAS TAMBÉM GASTAVA FABULOSAMENTE.

Loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser belas e atraentes
submetendo-se ao método de
beleza do crême ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



cluições felizes. A chance, igualmente,
não lhe recusará a mão. Pelo contrário.

★ **LEAO** (21/1 — 20/2) — O leitor terá
uma grande margem para bons negócios,
no curso da semana em pauta. Bons
ventos soprarão de todos os quadrantes
facilitando-lhe as iniciativas e corrobora-
ndo nos seus empreendimentos.

★ **VIRGEM** (21/2 — 22/3) — Não assu-
ma compromissos para os dois últimos
dias da semana. Eles lhe serão alta-
mente desfavoráveis, principalmente para
o cumprimento das promessas. Sua chan-
ce estará arrasada, podemos dizer, nos
dois dias mencionados.

★ **LIBRA** (23/3 — 20/4) — O ambiente
dos astros estará muito equilibrado nos
próximos sete dias. O leitor deve apro-
veitar a oportunidade que o Céu lhe
oferece para dar solução aos negócios
em pauta ou em andamento, os senti-
mentais, inclusive.

★ **ESCORPIÃO** (21/4 — 20/5) — A timi-
dez e os receios de que se verá tomado
na vigência da semana em causa não
se justificarão, não terão procedência.
Reaja contra as indecisões, tomando-se
de coragem e de confiança, pois a sema-
na até lhe favorecerá os empreendimen-
tos e os negócios.

★ **SAGITARIO** (21/5 — 22/6) — A sema-
na será iniciada sob os melhores efê-
vios, no seu caso, e lhe propiciará gran-
des satisfações, a alegria imensa de um
ideal alcançado. Sua vida sentimental
passará por uma certa agitação, tudo,
porém, sem conseqüências más.

★ **CAPRICÓRNIO** (24/6 — 22/7) — Não
poderá haver imprevistos ou insucesso
nas suas atividades profissionais, duran-
te a semana. O influxo dos astros, ape-
sar de muito fortes, serão altamente
benéficos, no seu caso. Tudo lhe cor-
rerá bem.

★ **AQUARIO** (23/7 — 21/8) — Não ha-
verá modificação sensível na sua am-
biência astral durante a semana. Os
influxos da semana anterior subsistirão,
dando-lhe assim, as mesmas favorabili-
dades e vantagens. O novo período será
geralmente bom.

★ **PEIXES** (22/8 — 20/9) — Suas pre-
tenções, durante a semana, terão no-
venta por cento de probabilidades. Entre
em ação e cobre tôdas as promessas e,
se possível, consiga novas, pois o am-
biente facilitará sua imediata realização.

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 10 E 16 DE
SETEMBRO DE 1955 (HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo de:

★ **CARNEIRO** (21/9 — 20/10) — Não
faça coisa alguma, no curso desta sema-
na, para efeitos futuros. A terra está
nôca e as sementes não germinam. Limi-
te-se ao imediato, ao toma lá dá cá,
como diz o vulgo. Os sonhos não terão
realidade.

★ **TOURO** (21/10 — 20/11) — Ative
como puder sua vida social, pois o pe-
ríodo em causa poderá proporcionar-lhe
uma grande e muito útil amizade. Por
fôrça dessa nova relação, sua vida pode-

rá ser inteiramente modificada para
melhor.

★ **GÊMEOS** (21/11 — 23/12) — O am-
biente austero da semana, no seu caso,
exige tôda a atenção, o maior cuidado
no que fizer, pois sômente assim conse-
guirá o rendimento desejado. As distra-
ções, os enganos e os erros poderão
redundar em grandes prejuízos.

★ **CANCER** (23/12 — 20/1) — Sua per-
sonalidade estará sob os melhores influ-
xos da semana. O espírito, desanuviado,
o levará às melhores soluções e a con-

OS NOMES DA SEMANA

Setembro, 10	—	Etelvino	—	Diana.
" 11	—	Jordão	—	Eliana.
" 12	—	Claudemiro	—	Elvira.
" 13	—	Davino	—	Sônia.
" 14	—	Salviano	—	Cinira.
" 15	—	Fausto	—	Ester.
" 16	—	Damasio	—	Eulina.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Setembro, 10	17°	0'	8"	(Signo da Virgem)
" 11	17°	58'	29"	(" " ")
" 12	18°	56'	52"	(" " ")
" 13	19°	55'	17"	(" " ")
" 14	20°	53'	44"	(" " ")
" 15	21°	52'	13"	(" " ")
" 16	22°	50'	43"	(" " ")

ASSISTA "MELODIA INTERROMPIDA" E LEVE LENÇOS

● Não faltará quem venha a considerar esse filme um dramalhão perfeito. Se fosse rodado no Brasil, nem faltaria quem o considerasse uma novela feita em estilo radiofônico, pois tudo que ultrapassa os limites normais da dramatização, passou a ser denominado assim, nesta terra. Quase sempre, por aqueles que algum dia tentaram escrever para o rádio e dele saíram mais ou menos frustrados para o resto da vida.

Sempre que o cinema quer fazer uma incursão pela cena lírica, poupa-se e poupa ao público de suportar a chatice de uma ópera inteira. E então a fórmula de Hollywood é trivial: seleciona-se os fragmentos centrais de meia dúzia de óperas, põe-se de moldura o romance não menos clássico do cantor ou cantora que muito lutou para atingir a celebridade, não se esquece um amor difícil e incompreendido — às vezes consumado no crepúsculo da carreira luminosa do protagonista, outras vezes superado por um casamento burguês e feliz — e pronto, daí sai uma «Sinfonia Inacabada», uma biografia de Caruso ou agora, então, a «Melodia Interrompida» em que nos vêm Eleanor Parker e Glenn Ford. Ela na cantora famosa e infalível do filme nesse gênero.

Se miss Parker é verdadeiramente quem canta tudo aquilo? Que importa saber, leitor? Essencial é que o filme nos dê — e dá — a ilusão de ser Eleanor Parker a cantora. Por certo a dona legítima daquela bonita voz, jamais poderia nos dar as emoções variadas e bem sentidas de Eleanor Parker, donde se conclui que em cinema a voz não é tudo. Há sempre o recurso do «truc», do «play ground», tudo habilidosamente trabalhado. Repetimos, fundamental é que Eleanor Parker está convincente, desde

quando, na sua província, em certa manhã turbulenta, com a cumplicidade de alguns serviais, vai tomar o trem que a leva à grande metrópole para participar de um concurso que lhe abrirá as portas para a carreira lírica. Vai, faz o «test», volta sem que os pais soubessem da aventura — ou fingissem ignorar — e já sabemos que será ela a premiada, que a fama a espera, e que a encontraremos depois em Paris, Londres e Nova Iorque, a deslumbrar platéias e multidões, rica, cortejada e esquecida daquele rapaz com quem esbarrou no turbilhão da manhã agitada do primeiro «test»...

Depois a vida continua. Nem sempre mãe generosa, é verdade, por vezes até madrasta, até submeter aquela criatura tão feliz, às torturas de uma paralisia geral. Imóvel, presa ao leito, sem poder viajar — ela para quem o mundo se fizera uma casquinha de noz — com a sua garganta privilegiada em silêncio, é quando o drama se intensifica e culmina.

Por tudo isso e muito mais, é que «Melodia Interrompida» foi considerada um dramalhão. Pois dei-

xem que o proclamem. Quem o diz, ao assistir o filme, teve na certa seus momentos de emoção, porque se trata de um espetáculo para bolir com os nervos e desses que impõem a conveniência de levar um lenço sobressalente.

Vá ver um Glenn Ford que parece viver de dentro para fora toda a sua odisséia. Repare como se «castiga» uma doente, parálitica, pouco disposta a sujeitar-se ao tratamento médico, em crise de abandono de si mesma. Observe o desespero do marido que se vê imprestável para devolver à esposa enfraquecida seus dias de glória no palco. E pode à vontade encher os olhos da beleza radiosa de Eleanor Parker, quando canta, quando ensaia, quando recebe em seu apartamento a visita dos amigos e colegas em grande festa, quando sente que está inutilizada para a sua arte... E principalmente quando se arrasta, pelo quarto adiante, num desesperado recurso extremo, para fazer silenciar a vitrola em que os seus sucessos antigos são evocados, só para lhe provocar a reação maior dos nervos.

Vá ver, seja qual for o seu estado de espírito. E leve um lenço sobressalente, não esqueça.



Após uma excursão de quatro anos pelo Velho Mundo, regressa coberto de aplausos o conjunto «Brasillan», que vem de realizar nova temporada no Piccadilly Theatre, de Londres. O êxito do Teatro Folclórico Brasileiro nessa longa temporada no estrangeiro foi, por todos os títulos, relevante. Quase sempre, ao final do espetáculo, com o número movimentado do «Carnaval no Brasil», a platéia entusiasmada dançava com os artistas o frevo e o samba. A volta do «Brasillan» vai dar-se em setembro, devendo o conjunto atuar em rádio, televisão e «night-clubs». Tudo faz crer que participe ainda de uma revista. A gravura mostra um dos quadros do ballet afro-brasileiro mais aplaudido nessa vitoriosa excursão à Europa.

SEGUE O ESPETÁCULO...

Luís Iglesias tomou a iniciativa de uma homenagem da classe teatral a Iracema de Alencar, pelo seu aplaudido desempenho em «É preciso viver». Haverá um espetáculo de segunda-feira para os colegas de Iracema e, em seguida, uma ceia. — Falou-se esta semana que Mário Mascarenhas (aquele dos acordeons) organizará um elenco de revistas para o Serrador, em 56. — Mas Eva não voltará para o Serrador no ano próximo? Sim, volta. Se não for a Portugal e à África Portuguesa, antigo projeto de Iglesias. — Em Belo Horizonte, foi inaugurada no «hall» do Teatro Francisco Nunes uma placa de homenagem a Dulcina que ali deu, com Odilon, uma curta série de espetáculos. — Marcel Klass estava dando aulas de canto a Aurora Miranda, disposta a reaparecer. — Ao redigirmos estas notas o Juiz de Menores continuava intransigente na proibição de trabalharem crianças em «Loillá», de Pirandello, que o TBC ensaia. E porque «Santa Marta Fabril S. A.» deu — ao que dizem — um milhão e meio de cruzeiros no primeiro mês de cartaz, não há pressa em anunciar nova estréia.

SANTOS

São Vicente - Ponta da Praia

Cidades turísticas por excelência, as praias santistas são um mundo de encantamento e beleza, ligadas a São Paulo pela moderníssima e pitoresca Via Anchieta - orgulho da engenharia nacional. A facilidade de comunicação entre S. Paulo-Santos-S. Vicente e Ponta da Praia, constitui um verdadeiro recorde mundial, pois só o EBVL mantém com seus confortáveis ônibus, viagens de 3 em 3 minutos.



Modernas Agências que oferecem o máximo conforto

AGÊNCIAS DE EMBARQUES E INFORMAÇÕES:

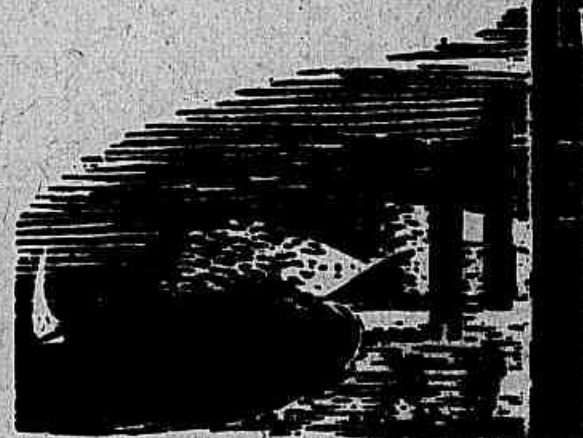
SÃO PAULO

Rua Tabatinguera, 37 (esquina Praça João Mendes) Fone 33-2326 e demais Agências.

SANTOS

Praça Mauá, 11 - Fone 2-2299 (cidade)

e nas praias J. Menino - Gonzaga São Vicente e Ponta da Praia



EXPRESSO BRASILEIRO



● O PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DO BÊBÊ — Ann Blyth e seu marido, dr. James M. Nulty, festejam o primeiro aniversário de Timothy Patrick McNulty e lhe oferecem o primeiro pedaço de bolo. Foi para cuidar mais dedicadamente do filho que a estrela decidiu afastar-se por dois anos de qualquer atividade artística.

Cabelo branco?

Orf-Léne

TINGE MELHOR

Cremoso — Espumoso
de fácil aplicação

ÓLEO DE VIOLETAS

POR SI SÓ!!

Limpa, amacia

e renova a cutis

Marca registrada. A venda nas Farmácias e Perfumarias AMÉRICO — 25-2837

NUNCA FOI INIMIGO DE GETÚLIO — MAS NÃO ACREDITA NA CARTA-TESTAMENTO

Na opinião desse membro da família Vargas, a discutida «carta» foi escrita para a eventualidade de ter Getúlio que resistir a um movimento armado ★ As pessoas que dela tinham conhecimento deveriam ser processadas como coniventes de um fato que poderia ser evitado ★ Desmentido de entrevistas falsas ou deturpadas ★ «É difícil a situação do general Lott», diz Protásio, tecendo

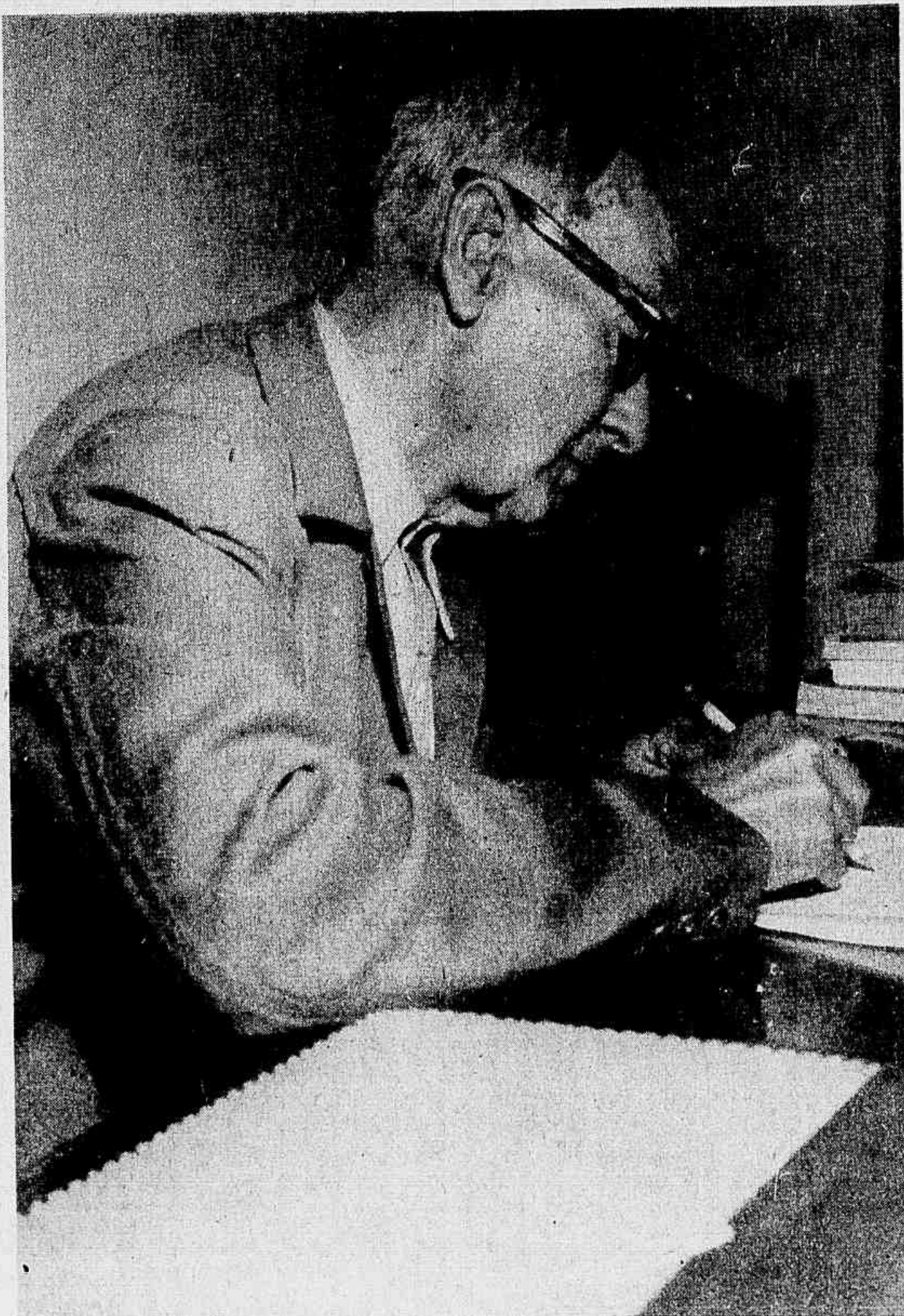
considerações sobre a possibilidade de «golpe» ★ Acha o irmão de Getúlio que a cédula oficial (não confundir com a cédula única) seria o único meio de evitar os analfabetos e a fraude ★ Episódios inéditos da vida do ex-presidente ★ A fundação do P.S.D. foi feita a pedido de Getúlio ★ O P.S.D. gaúcho em suas verdadeiras proporções.

Reportagem de VINÍCIUS LIMA

(Enviado especial da «REVISTA DA SEMANA» ao Sul do País — 2ª de uma série de 7 reportagens)

A PROVEITANDO nossa breve permanência na terra natal de Getúlio — São Borja — procuramos ouvir a respeito do momento político nacional o dr. Protásio Vargas, cidadão conhecido pela sua independência moral e política, independência que lhe tem custado muito caro, porque sua família não admite que sendo ele um Vargas, pense de maneira diferente, a ponto de atualmente apoiar a candidatura do general Juarez Távora à presidência da Nação, enquanto os demais cerram fileiras ao lado dos srs. João Goulart e Juscelino Kubitschek. Por isso mesmo, logo que assediámos o irmão do ex-presidente, ele se esquivou, somente cedendo após nos comprometermos a publicar somente aquilo que fosse assinado por ele; isto porque — asseverou — os repórteres têm deturpado algumas de suas declarações, e noutras oportunidades os jornais do Rio e de Porto Alegre têm dado publicidade a entrevistas que ele jamais concedeu. Contudo, após o compromisso do autor desta reportagem, Protásio Vargas concedeu-nos a desejada entrevista, que teve a duração de três horas.

Inicialmente, disse-nos esse membro da família Vargas que o repórter não levasse a mal as dificuldades por ele criadas, e explicou a sua posição de parente dos próprios adversários políticos, os



O dr. Protásio, após a entrevista, leu todas as notas do repórter, assinando-as com estas palavras: «Está correto. Pode publicar tudo».

quais acham que um homem não tem o direito de possuir suas próprias idéias, somente porque um varão da família chegou a ser Presidente da República. E, mais adiante, ponderou: — «Falam como se eu odiasse o meu falecido irmão, quando em verdade éramos bons amigos e bons irmãos, conforme o senhor verá pelos episódios que vou narrar no decorrer da entrevista».

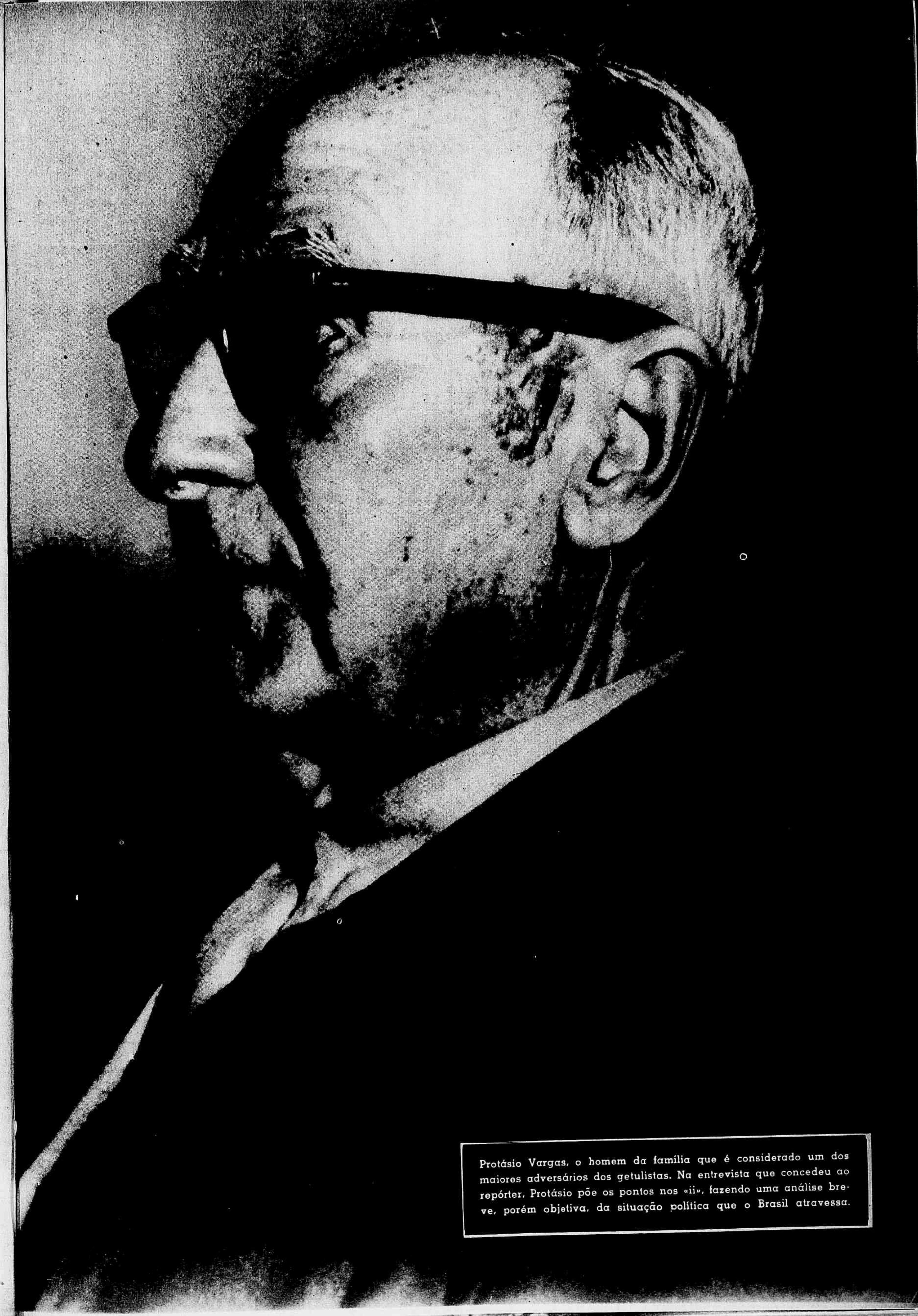
E' UM HOMEM DE PARTIDO

Iniciando a entrevista propriamente dita, disse o sr. Protásio Vargas, ao lhe ser perguntado porque não seguia a política adotada pelos demais membros da família:

— «Sempre fui filiado ao P.S.D. do Rio Grande, do qual fui presidente efetivo, e agora presidente de honra. E' preciso lembrar que fui, a pedido de Getúlio, um dos organizadores do partido. Assumi assim responsabilidades inerentes às funções que desempenhei, e tenho até hoje conservado minha fidelidade partidária».

— Qual sua opinião sobre a candidatura João Goulart? Acha que será um bom vice-presidente ou... mesmo presidente da República?

A esta segunda pergunta Protásio Vargas sorriu, olhou para o filho Omar sentado a seu lado, e disse:



Protásio Vargas, o homem da família que é considerado um dos maiores adversários dos getulistas. Na entrevista que concedeu ao repórter, Protásio põe os pontos nos «ii», fazendo uma análise breve, porém objetiva, da situação política que o Brasil atravessa.

de grande austeridade. Nunca perseguiu. Não fazia inimigos. Poderia ter errado porque é humano. E o seu desaparecimento abalou aos brasileiros. Entretanto o seu governo foi prejudicado por homens de sua «entourage» de tal maneira, que ele chegou a dizer ao sr. Campanema, conforme seu discurso na Câmara, que ele, Getúlio, tinha a impressão de que estava sobre um mar de lamas. E' a razão porque eu digo que ele foi em toda essa campanha a grande vítima de seus maus amigos.

O PROMOTOR GETÚLIO — CÉDULA OFICIAL

Durante a longa entrevista, repórter e entrevistado, esquecendo a razão daquele encontro, se perdiam em comentários os mais variados, vindo a lume a certo ponto o anedotário que precedeu a morte de Getúlio Vargas. Foi numa dessas oportunidades que o repórter contou ao dr. Protásio a seguinte história: em certa ocasião, quando o seu irmão era ainda promotor em uma cidade da fronteira, ao ser cometido um crime, a família do criminoso, receiosa do promotor Getúlio, considerado o terror dos criminosos daquelas bandas, teria contratado no Rio um dos melhores advogados. Tudo pronto, no dia do julgamento, quando se esperava uma acusação horrível do promotor, eis que Getúlio pede a absolvição do réu. Teria sido esse o primeiro «golpe» de Getúlio.

O sr. Protásio acha graça, serve um cafézinho ao repórter e prossegue:

— Se pensa que é anedota, está equivocado. Aconteceu em Alegrete, naturalmente sem as fantasias e exageros da história que corre mundo.

Recomeçamos a entrevista, olhando antes para o interior da bem mobiliada casa do dr. Protásio, em cujo escritório está um couro cru de bezerro, uma boa biblioteca, um retrato em que aparecem todos os irmãos em companhia do general Vargas, em mistura com os móveis rústicos e bem tratados. Na sala de estar, mais fotografias e dois divãs luxuosos, com outra prateleira de livros de Direito. Perguntamos ao nosso entrevistado se acreditava na carta-testamento de Getúlio, ao que ele nos respondeu:

— Esta resposta sobre a carta-testamento deve ser dada pelo sr.

Protásio Vargas ao lado da última fotografia feita pelos filhos do general Manuel Vargas, pouco antes da morte deste último. Da esquerda para a direita, «Beijo», o caçula; em seguida, Manuel; depois, Getúlio e o penúltimo é Viriato (falecido). E finalmente, o sr. Protásio.

— Pergunte a qualquer um aí na rua que eles lhe darão a resposta. Não me fica bem fazer juízo de pessoas de partido oposto...

— O sr. acredita em «golpe», dr. Protásio?

— Ah, infelizmente eu não sou nenhum Sana Khan...

— E sobre o general Lott. Tem por acaso lido suas entrevistas e julga-as por ventura contraditórias?...

— Acho difícil a situação do general Lott. Faço bom juízo do general, mas acho sua posição muito difícil — repito — pelas duas corren-

tes de opinião nacional, pró e contra o «golpe», inclusive no seio do Exército.

Estávamos no início da entrevista, mas Protásio Vargas, apesar disso, resolveu interrompê-la para pedir informações detalhadas dos últimos acontecimentos políticos, passando em seguida a rememorar o 24 de agosto de 1954, sobre o qual teceu considerações graves que não nos autorizou a publicar. Falou de Gregório Fortunato, de Euvaldo Lodi e até do sobrinho Lutero. Sorriu mais uma vez ao falar carinhosamente de «Beijo Var-

gas», sem no entanto revelar o que significava aquele sorriso. E após 40 minutos de conversa, prosseguiu na entrevista, respondendo à seguinte pergunta:

— O sr. foi sempre contra Getúlio. Por que?...

— Os meus adversários políticos têm dito que eu sou contra Getúlio. Não é verdade. Sempre fui seu grande amigo. Nunca fui contra ele no julgamento dos fatos porque sempre lhe fiz justiça. Agora, em política militamos em campos opostos. Getúlio foi sempre um homem

Assis Chateaubriand, por uma referência feita por ele em um de seus artigos. (No artigo em apreço, diz Chateaubriand que acha difícil ter Getúlio assinado uma carta antes do seu suicídio, com o conhecimento dos circunstantes, e que se tal aconteceu, seus amigos eram criminosos, já que seu procedimento constituía um ato punido por lei. No mesmo artigo o sr. Assis Chateaubriand põe em dúvida a cartatamento de Getúlio).

— E sobre a chamada cédula oficial, que acha S.S.?

— A adoção da cédula oficial, na minha opinião, importa num processo de moralização das eleições porque, apesar de eu ainda não conhecer muito bem o seu funcionamento, acredito que venha trazer a diminuição dos analfabetos. Esta minha opinião é apartidária, porque as irregularidades são comuns em todos os partidos.

O P.S.D. DO RIO GRANDE DO SUL

Revelação curiosa e importante foi feita pelo dr. Protásio Vargas a respeito do chamado P.S.D. dissidente do Rio Grande do Sul, justa-

mente a facção que fugiu ao controle daqueles que apoiam Juscélio Kubitschek, seguindo dessa maneira o caminho do P.S.D. de Pernambuco. Quem vive no Rio, pelo barulho dos jornais, a impressão que tem é de que os ortodoxos do P.S.D. gaúcho são fortes e numerosos. Por isso mesmo, interrogamos Protásio Vargas a respeito, dando-lhe a seguinte resposta:

— O P.S.D., seção do Rio Grande do Sul, divergiu da candidatura do sr. Juscélio e adotou a de Juarez Távora, chefiada pelo seu presidente, cel. Peracchi Barcelos. Os pesedistas que não acompanham Barcelos, não têm propriamente expressão eleitoral. De 112 municípios, aproximadamente, que tem o Estado, talvez não haja meia dúzia por assim dizer com o PSD ortodoxo. Eles não têm a mínima expressão eleitoral. Fazem barulho apenas...

UM VARGAS CONTRA OS VARGAS

Apesar da conversa se prolongar por cerca de três horas, somente o que está no texto nos foi autorizado publicar. E é por esse motivo que encerramos aqui esta reportagem.



Durante a entrevista concedida à "REVISTA DA SEMANA", o sr. Protásio Vargas esteve acompanhado de seu filho Omar, que é quem gere os negócios da família. Omar, sempre que seu pai falava algo com que não concordava, deixava bem claro seus pontos de vista.

A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

10 de Setembro de 1905

POR AQUI E POR ALLI

● Atualmente levanta-se em Paris uma campanha contra o delicto de vagabundagem especial, segundo a legislação criminal da França, campanha esta que nos primeiros dias, não obstante a aprovação quase unânime da imprensa parisiense, deu bastante que falar entre os entendidos da matéria. O caso em si apresenta as mais serias dificuldades e os mais serios empecilhos, porquanto a polícia francesa não tem meios para poder oppor uma acção energica e forte á propagação desta especie de delinquentes sui generis. É facto verificado em todas as grandes capitães que os casos semelhantes aumentam dia a dia sem que para isto a sociedade e o poder publico possam attenuar a sua propagação. Aqui mesmo, entre nós, já não são raros estes specimens, nem poucas as victimas que diariamente tombam nos labirynthos do vicio, sem ter meios para delle sair, mesmo quando muitas vezes o desejam. A campanha de moralização que actualmente se propaga em todas as grandes cidades contra essa torpe exploração humana, deveria encontrar no nosso meio um echo salutar, não somente por parte da policia, impotente já o sabemos para por si só debellar o mal, mas também por parte da sociedade, que ella só poderia com certo trabalho, numa colligação benéfica, attenuar em grande parte os effeitos, impedindo as causas do mal. A policia por si só, repetimos, é impotente, mas poderá algumas vezes, como muito bem diz Charles Laurend, capturar o delinquente na occasião em que se torna criminoso; mas se ella põe a mão em um dos que ainda não tenham publica e escandalosamente estreado, num aprendiz desocupado, que espera e fiscaliza de longe as baixas obras da prostituição, acontece immediatamente este facto ao mesmo tempo innegotavel e escandaloso: o poder judiciario abre-lhe francamente as portas das prisões e põe em liberdade os prisioneiros da policia por falta de uma legislação especial. A maioria destes homens e mulheres, que aqui fixaram domicilio, sabe perfeitamente disto e então aproveita-se com largueza da insufficiencia das nossas leis para explorar com lucros colossaes o seu miserrimo, torpe e vergenhoso commercio. Perseguidos e expulsos dos seus paizes, elles já estão habituados a essas luctas da moral contra o vicio e, portanto, não lhes faltarão recursos sophisticos para se porem a salvo da acção salutar e moralizadora da policia; mas então cabe a esta fazer mão forte e não se deixar enternecer pelos queixumes desses abutres, na maioria das vezes transfigurados em immaculadas pombas de candidez.

● **SPORT: AS LUCTAS ROMANAS** — Durante a semana que findou, as luctas realizadas no Polytheama (Parque Fluminense) tiveram como sempre um grande successo, reinando no elegante theatro do largo do Machado uma animação extraordinaria. Dentre as duas secções actuaes da lucta, uma, a do premio de consolidação, e outra a do 2º Campeonato Internacional, devemos destacar as luctas travadas entre os luctadores Amalhou (Martinica) e Decrouzas (Suisa) no premio Consolidação, e o desempate da lucta entre La Calmette e Giovanni, no Campeonato. Esta ultima prova provocou por parte da platéa uma manifestação ao vencido sr. Giovanni e contra o sr. La Calmette, por ter este repetidas vezes usado de golpes prohibidos procurando contundir o adversario. Já não é a primeira vez que isto acontece no Campeonato e sobre este abuso nos temos manifestado no sentido de dever ser elles severamente punidos, pois doutra maneira não é possível uma decisão justa. A hora em que escrevemos ainda não havia sido decidida a lucta entre Paul Pens e Steurs, lucta esta que deve ser sensacional, visto ter o luctador americano grande força e presença de espirito.

● **A REGATA DO CAMPEONATO** — Quinze dias apenas faltam para que nas aguas da enseada do Botafogo se trave o grande torneio nautico promovido pela Federação Brasileira das Sociedades de Remo para a 8ª disputa do Campeonato do Rio de Janeiro, em yoles franches a 8 remadores, da classe de veteranos. A grande regata que está marcada para o dia 24, de setembro, constituirá um enorme successo, como até hoje não teve igual. Nesse dia inaugurar-se-á o varandim de ferro mandado construir na Avenida Beira-Mar pelo sr. Dr. Francisco Pereira Passos, prefeito do Districto Federal, hoje, com justa razão, considerado benemerito do sport da canotagem carioca pelos relevantes serviços prestados.

● **OS BALÕES** — Francamente não me causa espantação essa historia de balões sem mais nada que anda por ahí. Isso de ir ao alto e descer mostra apenas um pouco de coragem que, com a continuação, torna-se um habito e nada mais. Melhor é a obra do nosso patricio Dumond que caladinho fica e de repente apparece com um novo balão e faz experiencias soberbas, sem entradas pagas nem medalhas de subscrição, e faz da machina o que quer, pelos ares, á vontade. E aqui enthusiasma-se a multidão por tão pouca cousa! E note-se que o enthusiasmo por Miss Alma não foi tão grande, quando essa aeronauta aqui appareceu, em 89. Essa sim,

MANIFESTAÇÃO AO PREFEITO MUNICIPAL — No dia 20 do mez passado, por occasião do seu anniversario natalicio, foi o Dr. Pereira Passos, prefeito municipal, alvo de uma manifestação promovida pelos seus amigos e admiradores. Desde pela manhã, vix s.s. a sua casa cheia de pequeninas creaturas dirigidas pela irmã Paula, que como directora do Dispensario de S. Vicente de Paula foi apresentar ao seu protector as suas felicitações. Depois de receber essa comissão, o dr. Pereira Passos foi ouvir na matriz da Glória uma missa em ação de graças, mandada rezar por alguns de seus amigos. Na sua repartição, o prefeito encontrou seu gabinete todo ornamentado com flores, e ali recebeu as felicitações de quantos o foram cumprimentar. Os clubs de regatas desta capital reunidos offereceram a s.s. uma linda estatua de grande formato de terra cota. Os alumnos do Instituto Profissional incorporados foram também cumprimentar a prefeito.

era duas vezes mais atirada, subia ao balão, sem barquinha, num simples trapézio pendurada, e, uma vez lá nas alturas, atirava-se para o trapézio dum para-quedas e lá vinha á mercê do vento, entre cabriolas, cahir na primeira rua ou no primeiro telhado. Por esse sim, por essa Miss Alma valia a pena pôr a alma pela bocca para assistir á ascensão. Eu pelo menos não perdia a occasião de ir ver essa Alma errante pelos ares; e não havia viv' alma que não sentisse n'alma viva commoção. Era, saudosamente o digo, uma grande alma, essa que depois de subir a uma altura effelica, cabriolava como qualquer gymnasta. Que mulher de alma! Que alma de mulher! Ou melhor, que mulher! qu'alma! Ella subia levando a reboque a multidão de olhares, anciosos, presos aos segredos d'aquella Alma... e mesmo porque o segredo é a Alma... do negocio. E depois, saudosamente o digo, era com prazer de desalmado ver de repente cahir-lhe a Alma aos pés... Hoje, os tempos mudam... cae-nos a alma aos pés, vendo essa cousa commum de subir numa cestinha, onde muita gente, sem galões de capitão dos ares, já tem viajado á vontade e sem alardes. Que saudades de Miss Alma!... Que ferro para o Santos Dumont...

MOVIMENTAM-SE AS CANDIDATAS

● Nem só o elemento masculino está neste momento empenhado em campanhas eleitorais: Também o feminino começa a preocupar-se com a vitória, embora seja, neste caso, uma vitória de maiores predicados estéticos e até mesmo de beleza, detalhe que não interessa quando se escolhe um Presidente da República... A próxima eleição da Rainha das Associações Portuguesas, iniciativa da REVISTA DA SEMANA em combinação com a «Voz de Portugal» e a Rádio Globo (Programa «Revista de Portugal»), vem movimentando ativamente as candidatas, quer do Rio, quer dos Estados.

● Porque a Rainha pode vir de qualquer ponto do país, e ganhará de prêmio uma viagem a Portugal, em companhia de pessoa da família, hospedagem em Lisboa no Hotel Tivoli e outras homenagens. Cada associação deverá escolher até 31 de dezembro próximo a sua representante. As provas eliminatórias terão lugar a 22 e 29 de janeiro de 1956, quando se conhecerá a detentora do honroso título. O embarque, terá lugar no começo da Primavera na Europa, em março ou abril imediatos. (Na gravura, a atual Rainha da Casa dos Açores quando era coroada pela Rainha da Casa do Porto).



REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — N° 37 — Rio de Janeiro — 10-9-55

Propriedade da
Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente.....Gratiliano Brito
Diretor-Comercial.....Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade.....J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores...S. L. Guimarães, A. Mendes,
S. Sant'Anna e A. Nóbrega
ENDEREÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

DISTRIBUIÇÃO:

AGÊNCIA POLANO

Rua João Bricola, 46

PUBLICIDADE:

ORGANIZAÇÃO PAULISTA LTD. (ORPAL)

à rua Sete de Abril, 374

Telefone: 36-4725

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 250,00
Seis meses	Cr\$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 280,00
Seis meses	Cr\$ 140,00

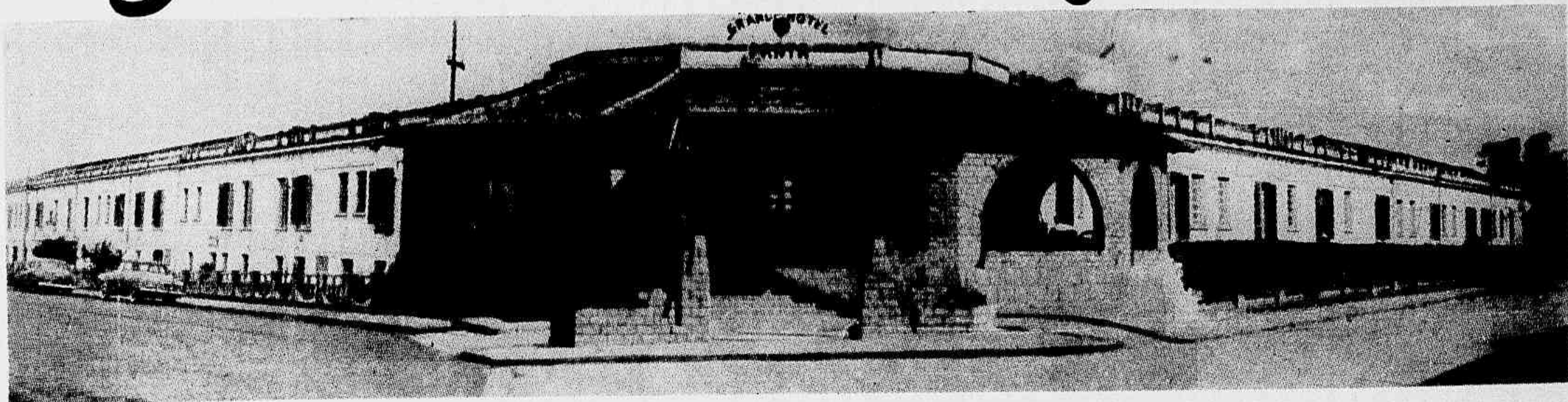
ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 400,00
Seis meses	Cr\$ 200,00

O número avulso custa Cr\$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 6,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Grande Hotel Prata



Vista geral do Grande Hotel Prata.

Grande Hotel Prata

A «Vichy brasileira»

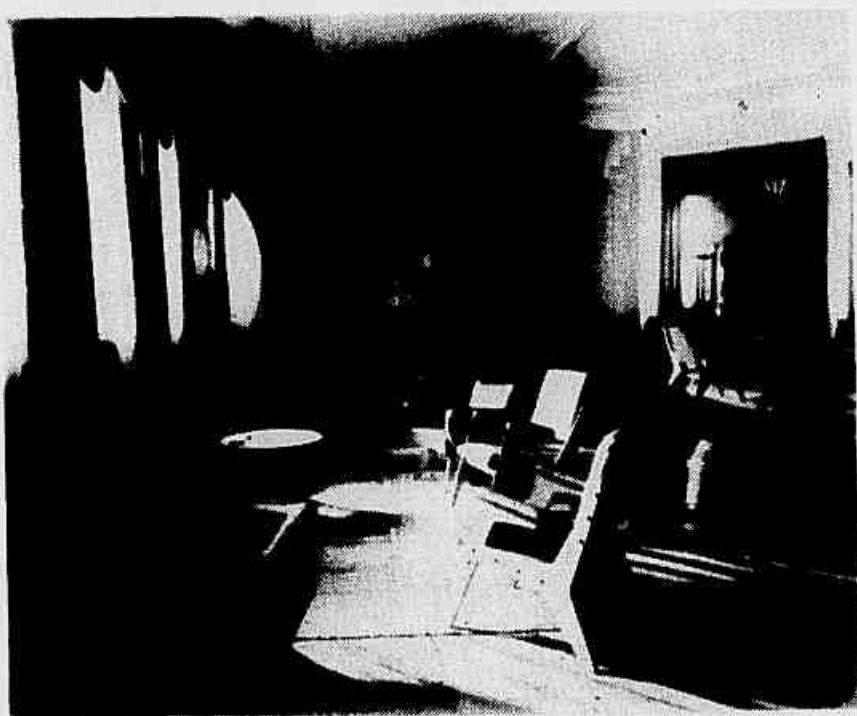
Soberana nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DA PRATA, oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Chapadão", "Fonte Vilela", "Fonte Paiol", etc.

**GOZE AS SUAS FÉRIAS E ADQUIRA SAÚDE
NESTA MARAVILHOSA ESTANCIA**



A grande e alegre sala de jantar, belamente arranjada e iluminada.



O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.

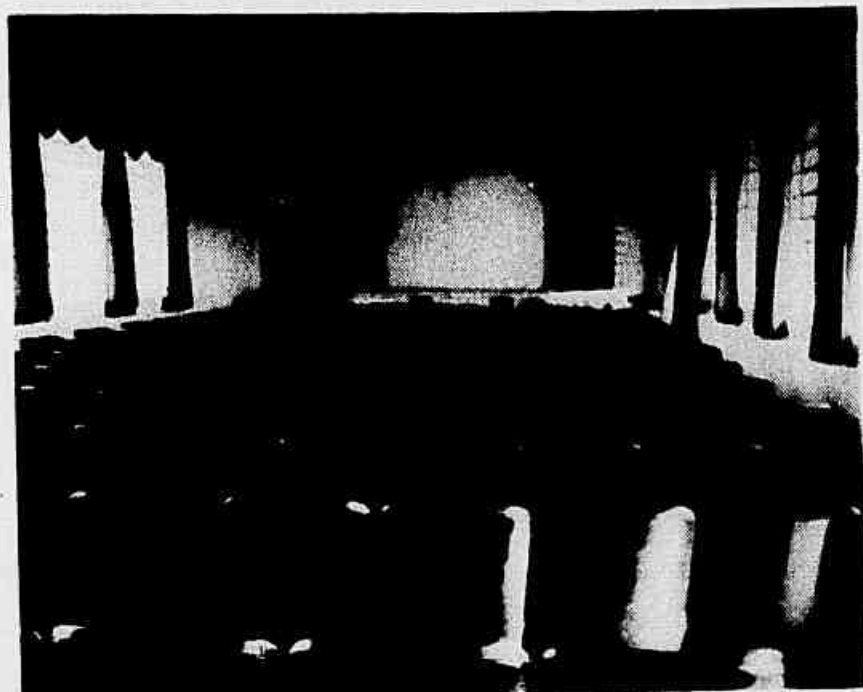
GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece-lhe todos os requisitos modernos, com alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

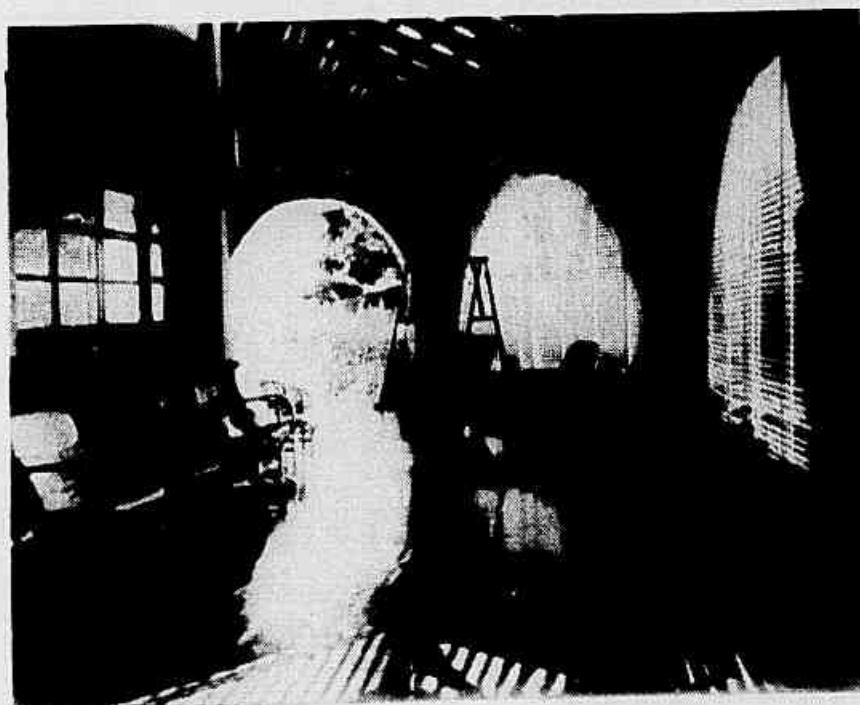
Diária para solteiro desde Cr\$ 190,00
Diária para casal desde... Cr\$ 350,00

descontos especiais durante os meses de maio a dezembro.
Reservas de aposentos: «Emp. Exprinter» ou diretamente com o hotel, telefones 20, 29 e 4 — Águas da Prata, Estado de São Paulo.

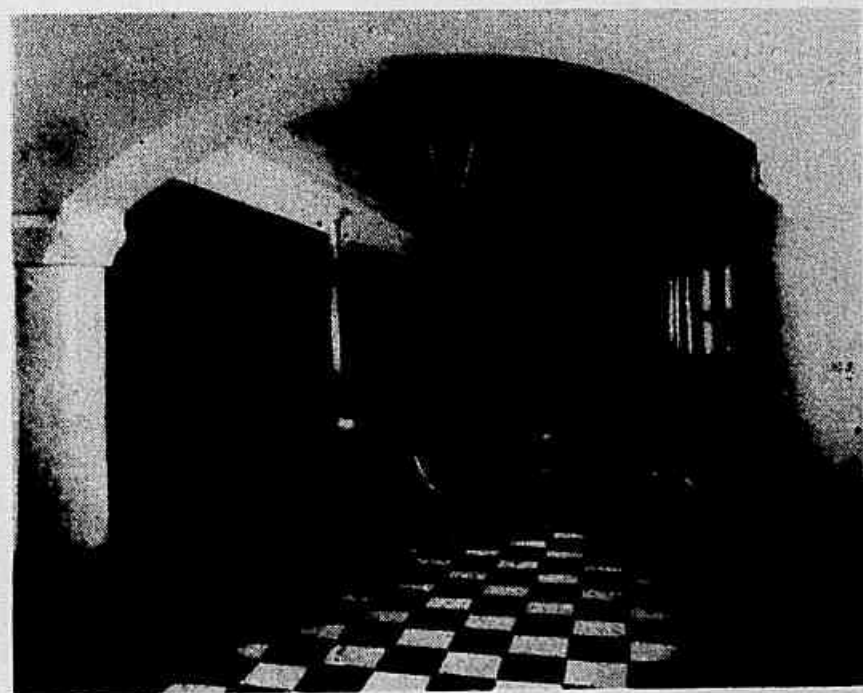
ÁGUAS DA PRATA é servida pelos excelentes ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair, Loid Nacional e Estrada de Ferro da Mogiana.



O moderno cinema, com bela projeção e confortáveis cadeiras estofadas.



Magnífica vista do salão de repouso, aparelhado com cadeiras para descanso.



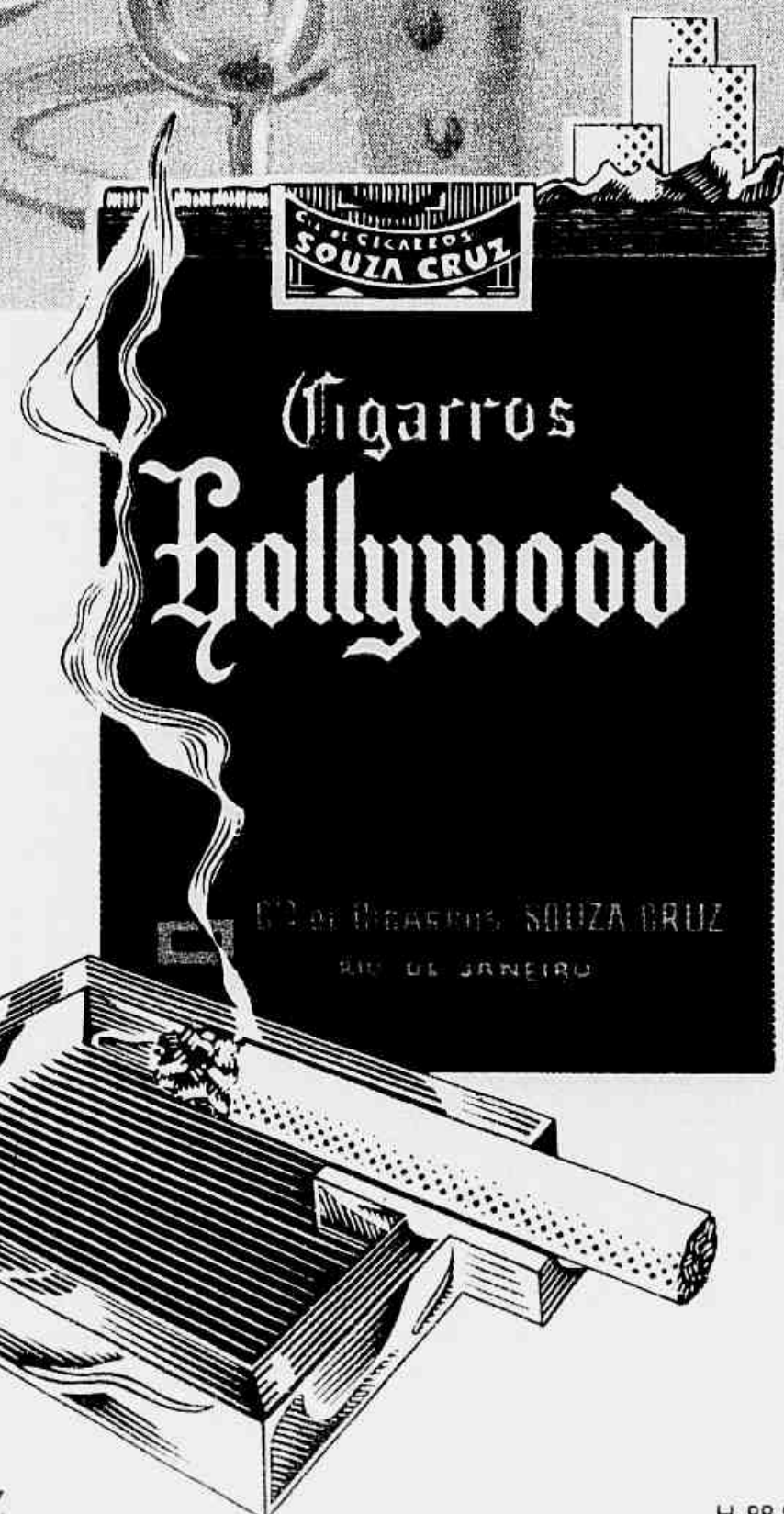
Aspecto do agradável recinto próprio para jogos e outros divertimentos.



*Eu também mudei...
Hollywood é realmente melhor!*

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood
uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ